

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CURSO DE MESTRADO EM HISTÓRIA  
(ÁREA ECONÔMICA)

AS ESTRUTURAS DAS ATIVIDADES COMERCIAIS  
DA EMPRESA DE CARL HOEPCKE E CIA  
NO CONTEXTO CATARINENSE

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO SUBMETIDA À UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
DE SANTA CATARINA PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM  
HISTÓRIA.

LIGIA DE OLIVEIRA CZESNAT

FLORIANÓPOLIS  
SANTA CATARINA - BRASIL  
JUNHO - 1980

AS ESTRUTURAS DAS ATIVIDADES COMERCIAIS  
DA EMPRESA DE CARL HOEPCKE E CIA  
NO CONTEXTO CATARINENSE

LIGIA DE OLIVEIRA CZESNAT



PROF. DR. KENDALL W. BROWN

ORIENTADOR



PROF. DR. WALTER F. PIAZZA

COORDENADOR DO CURSO

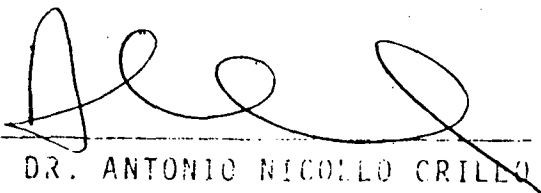
ESTA DISSERTAÇÃO FOI APROVADA NA FORMA ORIGINAL PELA BANCA  
EXAMINADORA:



PROF. DR. KENDALL W. BROWN

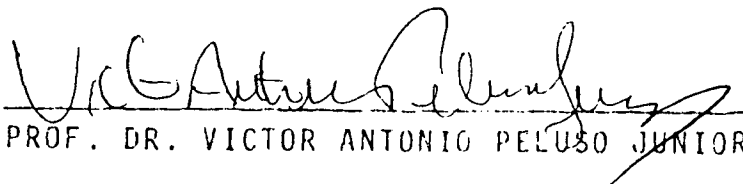


0.264.036-0



PROF. DR. ANTONIO NICOLLO CRILLO

UFSC-BU



PROF. DR. VICTOR ANTONIO PELUSO JUNIOR

A

CARLOS ROBERTO

ALEXANDRE

LUIS FELIPE

MARIDO E FILHOS

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que direta ou indiretamente auxiliaram na realização deste trabalho. Em especial às seguintes pessoas:

Ao Prof. Dr. Kendall W. Brown, pela presente orientação;

Ao Prof. Dr. George Browne, pela orientação inicial;

Ao Prof. Humberto Grillo e Prof. Dr. João Baptista Bonassis, que possibilitaram o acesso aos arquivos de Carlos Hoepcke S.A.; e,

Ao Prof. Rufino Porfírio de Almeida, por sua colaboração desinteressada.

## RESUMO

Este trabalho analisa a empresa de comercialização Carl Hoepcke e Cia, e sua atuação no contexto catarinense desde sua fundação no século passado, até início deste. O estudo começou com a investigação sobre a origem e transformações da empresa Carl Hoepcke (estabelecida em 1882) e a formação do grupo econômico liderado por Carl Hoepcke, imigrante alemão estabelecido em Santa Catarina.

Esta empresa foi inicialmente uma casa de importação-exportação, com sede em Desterro. Dentro de uma dinâmica econômica agrícola catarinense, que se modificou mediante a instalação de indústrias artesanais, ou seja núcleos internos de geração de rendas. As alterações sofridas nos mecanismos econômicos internos catarinenses geraram a criação e ampliação do mercado consumidor, e estas transformações aliadas ao crescimento demográfico, estimularam o fornecimento de matérias-primas, máquinas e produtos industriais aos importadores. Carl Hoepcke e Cia gozou desta situação, de fornecedor, abastecedor, distribuidor, agenciador, financiador e atacadista de grande quantidade de produtos importados, para todo litoral catarinense.

Este trabalho apresenta também, uma análise sistemática da casa Carl Hoepcke e Cia, através de sua escrituração contábil, que forneceu subsídios para se afirmar que a empresa constituía realmente um grupo forte e que teve capacidade de transformar-se e ampliar-se, num contexto brasileiro de modificação e instabilidades econômicas.

A pesquisa sobre a origem dos grupos econômicos catarinenses levou à estratégia confirmando ou alterando expectativas históricas. Por exemplo, este trabalho revelou uma generalização, que em Santa Catarina o capital comercial financiou a industrialização.

Além disso, foi possível detectar todas as ligações existentes entre o imigrante alemão Carl Hoepcke e o capital alemão, assim como o papel das empresas de importação e exportação na conjuntura catarinense no final do século XIX e início do século XX.

Para a realização deste trabalho, utilizou-se principalmente as fontes existentes nos arquivos de Carlos Hoepcke S/A, Livros Diários, Relatórios Contábeis, documentos, periódicos e outras fontes. A análise destes documentos possibilitou a confirmação de uma série de hipóteses sobre a potencialidade financeira e comercial de Carl Hoepcke e Cia, durante o período estudado.

ABSTRACT

This study analyzes the commercial enterprise Carl Hoepcke and Company and its activities within the context of Santa Catarina from the time of its founding in the 1800s to the early years of the present century. It begins by investigating the origin and transformation of the enterprise Carl Hoepcke (established 1882) and the economic group led by Carl Hoepcke, a German immigrant settled in Santa Catarina.

The company was initially an import-export house, centered in Desterro. It operated within a provincial agricultural context, which was modified by the installation of artisan industries, or in other words, internal nuclei which generated income. The alterations which the internal economic mechanisms of the province underwent created and amplified the consumer market, and these transformations, allied with demographic growth, stimulated the demand for raw materials, machinery and other industrial products. Carl Hoepcke and Co. found success within this situation as supplier, distributor, agent, financier and wholesaler of a great quantity of imported goods for the entire catarinense coastal zone.

This study also presents a systematic analysis of Carl Hoepcke and Co. based upon its accounting records, which provides evidence that the enterprise constituted a potent commercial group which had the capacity to transform and enlarge itself in spite of the unstable, continually modifying Brazilian economic context.

Research on the origins of the catarinense commercial groups enables historians to reformulate their theories concerning the economic development of the region. For example, this work reveals that in Santa Catarina it was commercial capital which financed industrialization.

Besides this, the study permits an analysis of the links between German immigrants such as Carl Hoepcke and German capital. It also deals with the role of the import-export houses in the catarinense economy of the late nineteenth and early twentieth centuries.

The primary source materials for this study were the records in the archive of Carl Hoepcke, S.A. These included daily ledgers, accounting reports, documents, periodicals and other materials. Analysis of these documents made possible the confirmation of a series of hypotheses about the commercial and financial potential of Carl Hoepcke and Co. during the period under study.



## ABSTRACT

Diese Studienarbeit analysiert das Handelsunternehmen Carl Hoepcke & Cie. und sein Wirken seiner Zeit im Staat Santa Catarina, seit der Gruendung bis Anfang dieses Jahrhunderts.

Die Forschungsarbeit beginnt mit der Herkunft und Verwandlung des Unternehmens Carl Hoepcke (etabliert 1882) und der Erfassung einer Wirtschafts-Gruppe unter Leitung von Carl Hoepcke, der als Deutscher Einwanderer in Santa Catarina ansaessig war.

Dieses Unternehmen war anfaenglich ein Import-Exportthaus, mit Sitz in Desterro. In der wirksamen hiesigen Landwirtschaft, die sich aber durch die Einfuehrung der industriellen Handarbeit aendert, begannen die Gewinne im inneren Kreise. Die Veraenderungen im hiesigen Wirtschaftleben, erzeugten und erweiterten den Verbraucher-Markt und diese wiederum mit dem Bevoelkerungszuwachs, ermuntertem die Importeure zur Lieferung von Rohstoffwaren, Maschinen und Industrieprodukten.

Carl Hoepcke benutzte diese Situation als Lieferant, Versorger, Verteiler, Finanzmann und Grosshaendler, mit der Versorgung von grossen Mengen importierten Waren, fuer die ganze Kueste Santa Catarina.

Die Arbeit stellt auch eine systematische Untersuchung des Hauses Carl Hoepcke & Cie. dar, das dank ihrer Buchfuehrung, uns die Unterlagen gab, dass man mit Recht behaupten kann, dass die Firma wirklich in guten und starken Haenden war, die Faehigkeiten besassen, die Firma zu aendern und zu vergroessern immer den Brasilianischen Wirtschaftsverhaeltnissen anpassend.

Die Forschung ueber die Herkunft der Wirtschaftsgruppen ergab oder bestaetigte andere Auffassungen ueber historische Perspektive, die man bis dahin hatte. So zum Beispiel, bringt diese Arbeit ans Licht, dass auf allen Gebieten die Instalation von Industrien von den Geschaeftsleuten hier im Staat finanziert wurden.

Ausserdem, war es uns moeglich, alle Verbindungen zwischen dem Deustschen Einwanderer und dem deutschen Kapital, sowie auch die Rollen der Unternehmer des Imports un Exports im Wirtschaftleben in unsren Staat, Ende de 19. und im Anfang dieses Jahrhunderts die sie spielten, festzustellen.

Um diese Arbeit vollenden zu koennen, bediente \_  
man sich hauptsaechlich der bestehenden Quellen aus den  
Archiven von Carlos Hoepcke S/A, wie zum Beispiel Tage-Bue\_  
cher, Berichte in der Buchhaltung, Dokumenten, Zeitschrief\_  
ten und anderen Anhaltspunkten. ↗

Die Analyse aller dieser Dokumente ermoeeglichte\_  
die Bestaetigung einer Reihe von Annahmen ueber die finan-  
zielle e komerzielle Macht der Firma Carl Hoepcke & Cie. ,  
waehrend des oben erwaehten Zeitabschnitts.

INDICE

	PAG.
INTRODUÇÃO .....	1
<u>CAPÍTULO I</u> - O AMBIENTE ECONÔMICO NO FIM DO SÉCULO XIX E COMEÇO DO SÉCULO XX .....	6
A. Ambiente Econômico Internacional .....	6
B. Ambiente Econômico Nacional .....	18
C. Ambiente Econômico Estadual .....	33
<u>CAPÍTULO II</u> - HISTÓRICO DA EMPRESA DE 1882 A 1913 .	56
A. Estrutura das Operações da Empresa Carl Hoep- cke e Cia. em 1889 .....	56
B. Histórico da Empresa Carl Hoepcke e Cia. ...	71
<u>CAPÍTULO III</u> - ANÁLISE DA ESTRUTURA CONTÁBIL DE CARL HOEPCKE E CIA. ....	89
A. Enquadramento Contábil .....	93
1. Distribuição Proporcional do Ativo e Passi- vo .....	101
B. Análise Financeira .....	110
1. Análise do Ativo e Passivo e Evolução do Patrimônio Líquido .....	110
2. Disponibilidades da Empresa Carl Hoepcke e Cia. ....	119

3. Capital de Giro Próprio .....	123
4. Capital de Giro de Terceiros .....	126
5. Capital de Giro Total .....	129
6. Análise Comparativa dos Capital de Giro Próprio e de Terceiros, de Carl Hoepcke e Cia. ....	132
C. Perfis de Análise de Carl Hoepcke e Cia. ...	135
1. Índices Padrão .....	135
2. Índices Complementares: Liquidez Corrente.	138
3. Liquidez Seca .....	140
4. Liquidez Mediata .....	142
5. Liquidez Imediata .....	144
6. Endividamento a Curto Prazo .....	148
7. Endividamento a Longo Prazo e Total .....	150
8. Índices Complementares: Imobilização Técnica .....	150
9. Imobilização Financeira .....	154
10. Rentabilidade do Capital Social e do Patrimônio Líquido .....	156
D. Perfil Global .....	161
CONCLUSÕES .....	165
GLOSSÁRIO CONTÁBIL .....	173
ANEXO: BALANÇOS GERAIS .....	179
FONTES DE CONSULTA:	
1. Fontes Primárias .....	205
2. Fontes Secundárias .....	206

INDICE DE TABELAS

	PAG.
TAB. III. 1 - Análise do Ativo .....	111
TAB. III. 2 - Freqüências .....	112
TAB. III. 3 - Análises do Passivo .....	113
TAB. III. 4 - Freqüências .....	114
TAB. III. 5 - Evolução do Patrimônio Líquido ....	117
TAB. III. 6 - Freqüências .....	118
TAB. III. 7 - Índices .....	118
TAB. III. 8 - Disponibilidades .....	121
TAB. III. 9 - Índices .....	122
TAB. III. 10 - Capital de Giro Próprio .....	124
TAB. III. 11 - Freqüências .....	125
TAB. III. 12 - Capital de Giro de Terceiros .....	127
TAB. III. 13 - Freqüências .....	128
TAB. III. 14 - Capital de Giro Total .....	130
TAB. III. 15 - Freqüências .....	131
TAB. III. 16 - Análise Comparativa do Capital de Gi ro Próprio, de Terceiros e Total ..	133
TAB. III. 17 - Freqüências .....	134
TAB. III. 18 - Perfis de Análise de Liquidez Corren te, Seca, Mediata e Imediata .....	137
TAB. III. 19 - Endividamento a Curto e Longo Prazo e Total .....	147
TAB. III. 20 - Imobilização Técnica e Financeira .	151
TAB. III. 21 - Rentabilidade do Capital Social e Pa trimônio Líquido .....	157

TAB. III. 22 - Demonstrativo de Lucros e Juros .... 160

INDICE DE QUADROS

QUAD. I.	1 - A Inflação Brasileira .....	32
QUAD. II.	1 - Clientes da Empresa Carl Hoepcke Identificados no Ano de 1898 .....	59
QUAD. II.	2 - Saldo dos Clientes da Empresa Carl Hoepcke e Cia. ....	60
QUAD. II.	3 - Clientes de Transações no Valor de Rs 1.000.000\$000 .....	62
QUAD. II.	4 - Clientes Estrangeiros com Transações no Valor de Rs 1.000:000\$000 .....	63
QUAD. II.	5 - Clientes Extra-Estaduais com Transações no Valor de Rs 100:000\$000 ....	64
QUAD. II.	6 - Clientes do Litoral Centro e Norte com Transações no Valor de Rs 1.000:000\$000 .....	65
QUAD. II.	7 - Clientes Estrangeiros e Extra-Estaduais com Transações Inferiores ao Valor de Rs 100:000\$000 .....	66
QUAD. II.	8 - Clientes do Litoral Centro, Norte e Sul com Transações Inferiores ao Valor de Rs 100:000\$000 .....	67

QUAD. II. 9	Clientes da Empresa Carl Hoepcke e Cia. e o Valor Total de Transações Comerciais .....	69
QUAD. III. 1	- Comparativo entre os Ativos de 1902 e 1913 .....	112
QUAD. III. 2	- Comparativo entre os Passivos de 1902 e 1913 .....	116
QUAD. III. 3	- Índice de Liquidez Corrente .....	139
QUAD. III. 4	- Índice de Liquidez Seca .....	141
QUAD. III. 5	- Índice de Liquidez Mediata .....	143
QUAD. III. 6	- Índice de Liquidez Imediata .....	145
QUAD. III. 7	- Índice de Endividamento a Longo Prazo .....	149
QUAD. III. 8	- Imobilização Técnica .....	152
QUAD. III. 9	- Imobilização Financeira .....	155
QUAD. III. 10	- Rentabilidade sobre o Capital Social	158
QUAD. III. 11	- Rentabilidade do Patrimônio Líquido.	159
QUAD. III. 12	- Perfil Global .....	162

### INDICE DE GRÁFICO

GRÁFICO - 1	- Estrutura das Empresas Carl Hoepcke e Cia., Cia. Industrial e Hering Cia.	168
-------------	---	-----



## INTRODUÇÃO

Este trabalho objetivou um estudo sobre a empresa de comercialização Carl Hoepcke e Cia desde sua fundação em 19 de agosto de 1882, até 1913 e sua atuação no contexto catarinense. A escolha da empresa Carl Hoepcke e Cia impôs-se por se tratar de uma das mais antigas empresas de imigrante alemão, estabelecida em Desterro, e por se tratar de uma empresa clânica, que mais tarde formou um "grupo econômico", entendido como um conjunto relativamente poderoso de firmas interligadas pelo capital e tendo o poder de decisão nas mãos de dirigentes comuns. Dirigida pelo imigrante e cônsul Carl Hoepcke, a empresa catarinense pode fazer ligações com a interferência de capitais alemães aplicados nas zonas de colonização alemã, e o papel de intermediário estabelecido por Carl Hoepcke, como agente de bancos alemães, ingleses e norte-americanos.

Empresa importadora e exportadora, a casa comercial Carl Hoepcke e Cia, ampliou suas atividades econômicas, através do potente capital comercial que financiou as demais diversificações econômicas, como a indústria. Veio demonstrar que o capital comercial precedeu o capital financeiro e industrial em Santa Catarina.

Através de uma análise das operações comerciais de Carl Hoepcke e Cia, comprovou-se que a empresa teve capacidade para aglutinar e de estabelecer num raio de relações comerciais, as principais zonas do litoral catarinense, divididas em litoral Norte, Centro e Sul. Além de agir como mola impulsionaladora do comércio em Santa Catarina, articulou outras regiões extra-estaduais e estrangeiras ao contexto relações mercantis, representadamente pelo comércio de importação que realizava. Num ambiente de formação industrial, o estado de Santa Catarina mostrou-se potencialmente possuidor de um mercado consumidor razoavelmente forte, capaz de absorver as variadas importações realizadas efetivamente por Carl Hoepcke e Cia.

Para comprovar a afirmação que a empresa Carl Hoepcke era uma firma forte e que serviu para aumentar a participação de Santa Catarina no mercado nacional, utilizou-se a composição de relatórios financeiros contidos na contabilidade da empresa nos períodos de 1902 a 1913. Assim foi possível observar a evolução do capital social, patrimônio e administração da empresa. A utilização desta técnica, isto é, a decomposição dos valores que constituem o relatório-financeiro, em grupos pré-fixados de iguais nomenclatura e a sua eventual comparação, assim como as variações, encerra o que se designou análise de balanços.

Este estudo de doze anos, foram utilizados através de comparações de valores, com relação a sua natureza, valor,

igualdade de títulos, todos organizados em conjuntos patrimoniais, chamou-se interpretação de balanços. Com os percentuais acusados pelos balanços e seus índices, partiu-se para a análise comparativa. Abordou-se também, a capacidade de liquidez da empresa, através do índice padrão, cujo objetivo foi uma visão global da firma durante o período de 1902 a 1913. Este instrumento prestou para medir a empresa com o auxílio de técnicas estatísticas, como a mediana, estabelecendo-se os quartis com a finalidade de obter maior elasticidade na comparação dos índices. Para tal, iniciou-se com índices preliminares, que forneceram a liquidez, o grau de endividamento da empresa. Obteve-se assim uma apreciação sumária da empresa durante o período de 1902 a 1913.

A pesquisa abrangeu principalmente o período do começo da primeira República até meados da mesma, 1913. Para análise das principais zonas do litoral catarinense utilizaram dados fundamentados em fontes secundárias. Santa Catarina apareceu nesta época, como uma sociedade agrária, tentando a diversificação das atividades econômico - comerciais com a adoção de um processo manufatureiro de indústrias, especialmente no norte. Usou-se também das Falas e Relatórios dos Presidentes de Província e Governadores existentes no Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, periódicos locais, traçando assim um breve resumo sobre Santa Catarina e suas condições econômicas.

Para se levantar dados sobre a estrutura operacio

nal de Carl Hoepcke e Cia, realizou-se um levantamento do Livro Diário de 1898, documento este existente no arquivo das empresas Carlos Hoepcke S.A, colocado a nossa disposição. Então organizou-se uma conta em fichas para cada cliente, onde foi contabilizado cada Débito e Crédito dos eventuais clientes durante o ano citado. Com fim de identificação dos clientes, usou-se o Livro Auxiliar de Receita da Superintendência Municipal de Florianópolis, existente na Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina, e documentos existentes na empresa Carlos Hoepcke S.A.

As entrevistas orais auxiliaram na preparação do histórico da empresa Carl Hoepcke e Cia. Desta maneira perceberam através dos métodos dedutivos, quantitativos e contábeis, os elementos da evolução econômica da empresa.

Com os Relatórios contábeis, uma vez elaborados e devidamente ordenados, foi possível uma análise quantitativa e contábil da empresa durante o período de 1902 a 1913, por falta de relatórios anteriores e posteriores à época. Esta análise permitiu observar-se a estabilidade da empresa num período de instabilidade econômica na nação, quando da mudança de orientação político-econômica. Um breve resumo sobre as oscilações monetárias da política nacional, mostrou as dificuldades por que passavam qualquer estabelecimento comercial no Brasil. Por outro lado testou a capacidade e estabilidade financeira de Carl Hoepcke e Cia, que pôde resistir aos reveses da economia nacional e desenvolver-se a-

pesar do crítico ambiente.

Dentre as muitas dificuldades encontradas para a elaboração deste trabalho aponta-se a inexistência de outros relatórios financeiros, publicações de balanços e outros dados sobre a empresa em periódicos ou outras fontes oficiais. Assim como a época recuada também dificultou a utilização mais rica da História Oral como instrumento de pesquisa.

Para sintonizar Carl Hoepcke e Cia seria necessário ainda levantar os dados da Alfândega, que proporcionariam material sobre a natureza e quantidade de importações e exportações realizadas anualmente pela empresa. Também se poderia fazer uma pesquisa mais ampla, avançada e detalhada sobre as indústrias desenvolvidas pelo grupo. Apesar disto, tentou-se responder algumas questões, embora que modestamente, neste trabalho limitado. E na última parte do trabalho sistematizaram-se então conclusões sobre a empresa Carl Hoepcke e Cia.

## I - O AMBIENTE ECONÔMICO DO FIM DO SÉCULO XIX E COMEÇO DO SÉCULO XX

### A - O Ambiente Econômico Internacional

A partir da segunda metade do século XIX até a primeira Grande Guerra, o crescente desenvolvimento das economias européias foi alargado para além de suas fronteiras, absorvendo em seus interesses econômicos quase todo o mundo. Criou-se uma situação de disputa entre grandes impérios coloniais e áreas de influência na luta pelo controle econômico, de outros países. O imperialismo europeu foi o resultado do processo de industrialização e a decorrência da evolução do capitalismo. Portanto, as grandes transformações ocorridas na Europa no fim do século passado redundaram numa etapa do capitalismo moderno<sup>1</sup>. Era o imperialismo europeu que trazia grandes repercussões através do mundo. Efetivamente, a influência econômica européia se fez sentir por três grandes meios: o comercial, o financei

---

<sup>1</sup> DOBB, Maurice. A Evolução do Capitalismo. Rio de Janeiro, Zahar Editora, p. 366

ro e o demográfico <sup>2</sup> . Deleniam-se na expansão das economias modernas e a divisão internacional do trabalho <sup>3</sup> .

Nas primeiras fases da mecanização do processo de produção agrícola e industrial, a técnica era simples e a ciência pouco usada <sup>4</sup> . Mas a medida que avançava o fim dos anos 1800 e iniciava os 1900, assistia-se a evolução da tecnologia e da ciência como a sagração de seu papel na arrancada do desenvolvimento econômico. Esta nova fase do industrialismo estava intimamente ligada com o surgimento de novas tecnologias com cientistas profissionais, e com instituições científicas. A introdução da eletricidade, do motor a explosão, do petróleo e dos avanços químicos possibilitou assim um crescimento sustentado e a produção em massa. As evoluções técnicas, conduziam ao progresso, à criação de novas indústrias e a ruptura das relações técnicas tradicionais. O capitalismo e as sociedades industrializadas passavam por grandes modificações ao mesmo tempo que

---

<sup>2</sup> MAURO, Frêderéc. História Econômica Mundial. 1790-1970. Rio de Janeiro, Zahar Editores, p. 262

<sup>3</sup> FURTADO, Celso. Formação Econômica do Brasil. São Paulo, Editora Nacional, p. 142

<sup>4</sup> BAIROCH, Paul. Evolução Industrial e Subdesenvolvimento. São Paulo, Editora Brasiliense, p. 201

a produção em pequena escala tendia a ser substituída pela produção em grande escala.

De certa forma, todo o mundo estava envolvido na nova ordem econômica. As indústrias exigiam a importação de grandes quantidades de matérias-primas, enquanto precisavam também de mercados no exterior para seus produtos. Isto resultou na transferência de recursos produtivos para regiões que ofereciam condições de exploração. Além de matérias-primas e de mercadorias, porém, a transferência incluía recursos humanos, transportes, serviços de segurança e de capitais <sup>5</sup>. O aperfeiçoamento dos meios de transportes, como as estradas de ferro e navios a vapor, permitiu aos grandes produtores alcançar novos mercados, ao mesmo tempo que facilitou a extração de matérias-primas <sup>6</sup>. Problemas de distância e volume de mercadorias também foram solucionados a preços reduzidos.

Outra característica do imperialismo europeu foi a migração. A revolução agrícola acelerou o incremento demográfico e o processo de urbanização dos países europeus. Con

---

<sup>5</sup> PALMER, R. R. e COLTON, Joel. A History of the Modern World. New York, Kraff, p. 569

<sup>6</sup> MANTOUX, Paul. La Revolucion Industrial en el Siglo XVII. Madrid, Aguilar, p. 70



tribuiu também para a geração de um excedente populacional que não podia ser totalmente absorvido pelas economias europeias. Assim, propiciou a transferência de populações europeias para áreas relativamente vazias. Por sua vez este processo auxiliou na redistribuição da população mundial e no abastecimento econômico de novas regiões. Nas Américas as sociedades em formação, como o Brasil, receberam o impacto de grande quantidade de imigrantes. Santa Catarina acolheu milhares de imigrantes alemães, que trouxeram consigo tecnologias, estímulos e interesses de consumo da pátria mãe, como mostrará o presente trabalho. Resumidamente o fluxo migratório foi mais uma variável econômica que permitiu às nações europeias <sup>7</sup> espalharem sua influência em regiões como o Brasil.

A era do capitalismo financeiro europeu consistia na exportação de capitais e de bens de capitais. Geradores de excedentes de capitais, os países industrializados e especificamente a Inglaterra, procuravam novas opções no exterior para seus investimentos. No caso brasileiro, tais investimentos ajudaram a desenvolver setores econômicos, particularmente os ligados com o comércio internacional e vias de comunicações, assim como as estradas de ferro. Mas ao

---

<sup>7</sup> SUNKEL, Oswald. Os conceitos de Desenvolvimento e Sub desenvolvimento. Rio de Janeiro, Forum Editora Ltda  
p. 199

mesmo tempo, tendiam a drenar para a Europa uma grande parte do excedente econômico destes novos mercados, a fim de manterem o equipamento produtivo em pleno funcionamento <sup>8</sup>. Na corrida para partes não desenvolvidas do mundo em busca de colônias, a estratégia econômica de exportação de capitais dirigiu-se principalmente para o desenvolvimento dos transportes e escoamento de matérias-primas, barateando os produtos primários disponíveis às nações capitalistas. O investimento europeu no exterior trazia vantagens por ampliar a esfera comercial internacional e portanto o controle europeu sobre regiões que interessavam <sup>9</sup>.

Nas últimas décadas do século XIX, o capitalismo financeiro foi também um grande instrumento do monopolismo industrial. Com a crescente competição entre os países industrializados, a livre concorrência era substituída pela concentração monopolística, isto é, concentrações empresariais, onde grandes grupos econômicos ditavam os preços, mantendo-os anormalmente altos ou baixos, de maneira a maximizar os preços e minimizar os custos. O importante era aniquilar os pequenos concorrentes e garantir estabilidade e segurança na produtividade. Os monopólios levam à dilatação

<sup>8</sup> DOBB, A Evolução do Capitalismo, p. 379

<sup>9</sup> THOMSON, David. Pequena História do Mundo Contemporâneo. Rio de Janeiro, Zahar Editores, p. 12

imperialista, usando o controle das fontes de matérias-primas e dos mercados consumidores para se desenvolverem horizontal e verticalmente. Foi assegurado desta maneira um mercado consumidor que, através de um sistema bancário e financeiro eficiente para empréstimos, caucionava a aquisição de equipamento e acessórios provenientes dos países que os emprestava. As empresas monopolistas podiam exercer o controle geralmente por direito acionário ou bancário, sendo o papel dos bancos imperativo. O grande monopolista oferecia menos riscos a curto ou a longo prazo, e por isto, os bancos e agentes financeiros estavam intimamente ligados. Esta situação se estabeleceu notadamente na Alemanha com o beneplácito do governo alemão, nos Estados Unidos e, mais tarde, na Inglaterra <sup>10</sup>.

Ainda que outros países como a Alemanha, a França e os Estados Unidos conseguissem romper o monopólio industrial da Inglaterra <sup>11</sup>, durante este período, a Inglaterra continuou a possuir a economia mais produtiva e o império mais extenso do mundo. As alterações da posição econômica inglesa foram causadas principalmente pela manutenção dos métodos tradicionais do comércio internacional para obtenção de lucros. Estes rendiam grandes quantidades de capi-

---

<sup>10</sup> DOBB, A Evolução do Capitalismo. p. 378

<sup>11</sup> Ibid. p. 366

tais, que a Inglaterra podia investir internamente ou dentro de seu sistema colonial <sup>12</sup>. Mas o desenvolvimento da Alemanha e da França progressivamente bloqueavam as possibilidades de investimentos dos excedentes econômicos ingleses na Europa e por isso, transferiu a concorrência face a face com a Europa e América do Norte para a Ásia, a África e América Latina. Isto significou que o mundo subdesenvolvido ficava cada vez mais envolvido e dependente do sistema econômico europeu <sup>13</sup>. A Inglaterra desfrutou, em suas zonas coloniais, de uma situação privilegiada e preponderante sobre outras nações. Já havia conquistado os mercados anteriormente e deu continuidade. Portanto a sua política comercial e imperial se resumia na frase: "o Império era o Comércio" <sup>14</sup>.

Enquanto a Grã-Bretanha tendia a reter seus métodos tradicionais, as empresas da Alemanha e dos Estados Unidos tinham como características marcantes as de controlarem quase todas as fases da produção, desde a matéria-prima até o acabamento final. Além de tudo, caracterizavam-se pelo a-

---

<sup>12</sup> HOBBSAWN, E. J. En a los Origenes de la Revolucion Industrial. México, Siglo Veintiuno Editores, p. 106

<sup>13</sup> HOBBSAWN, E. J. Da Revolução Inglesa ao Imperialismo. Rio de Janeiro, Forense Universitária, p. 178

<sup>14</sup> DOBB, A Evolução do Capitalismo, p. 380

vanço tecnológico e a utilização de tecnologia de ponta que se fazia em função de insumos como a mão-de-obra de alta qualificação científica, equipamentos e dinheiro aplicado em projetos de pesquisas sistemáticas.

A unificação e industrialização do Império Alemão, acrescido do surgimento econômico Norte Americano representou a quebra do monopólio inglês no Brasil, consolidado ainda no Império. A Alemanha e os Estados Unidos forneceram novas opções econômicas para o comércio de importação e exportação, no fim do século passado e início deste. Isto foi consequência do rápido crescimento alemão em meados do século XIX, com o ímpeto das atividades industriais e inovações tecnológicas nas indústrias de ferro, de aço, de carvão, de têxteis, e da construção naval, mas principalmente nos produtos químicos e elétricos <sup>15</sup>. A Alemanha utilizou-se ainda de uma política de expansão na exportação de produtos manufaturados, exportação de serviços bancários, seguros e embarques. O governo alemão investiu maciçamente em empresas de extração mineral, de plantações, ferroviárias e fabris em muitas partes do mundo, trazendo mercados novos para as suas exportações, além de novas esferas de investimentos de capitais. Na Alemanha, as associações de produtos na indús-

---

<sup>15</sup> HENDERSON, W. C. A Revolução Industrial. São Paulo, Editora Verbo, p. 32

tria de siderurgia e carbonífera transformaram-se em complexos aglomerados empresariais e multiplicaram-se de 1870 até a entrada de 1900 em outras indústrias. Disto originaram os cartéis, uma manobra mais dinâmica e eficiente para enfrentar a concorrência e os crescentes riscos de seus capitais empatados <sup>16</sup>.

A presença das colônias sem bandeiras, isto é colônias de emigrantes alemães no exterior, facilitou esta política agressiva e imperialista na conquista de novos mercados <sup>17</sup>. O governo alemão conscientizava devidamente os emigrantes de suas obrigações de lealdade com a pátria mãe ao abandoná-la para os novos países. Além disso, as empresas alemães utilizavam numerosos consules e vice-consules. Estes agentes econômicos, "mais comerciantes que diplomatas, bem pagos, muito ajudados" <sup>18</sup> eram representantes comerciais alemães, junto às embaixadas. Os embaixadores alemães forneciam informações privadas, trazidas pelas sociedades especializadas e bancos. Por conseguinte, as correntes migratórias constituíram um fator importante do progresso bra

---

<sup>16</sup> DOBB, A Evolução do Capitalismo, p. 378

<sup>17</sup> MAURO, História Econômica Mundial, p. 275

<sup>18</sup> Ibid. p. 75 a 276

silheiro e na industrialização em períodos posteriores <sup>19</sup> .

Em Santa Catarina, a imigração alemã trouxe muitos benefícios e auxiliou no processo de industrialização, articulando com a ocupação humana às atividades econômicas e aumento das rendas públicas <sup>20</sup>, destacadamente no vale do Itajaí-açu. Quando alguns alemães atuaram como assalariados e inovadores, adaptaram técnicas e atividades econômicas novas, utilizando mão-de-obra especializada (ou qualificada) e acumularam poupanças que mais tarde foram aplicadas na indústria e no comércio. Isto resultou porque houve imigrantes que tinham uma mentalidade econômica, mais avançada <sup>21</sup> e uma tradição industrialista devido ao nível de vida que conheciam e desfrutavam na pátria de origem. O importante, no entanto, era que, rompido o monopólio inglês no Brasil, se efetivou um ataque ao sistema de equilíbrios e poderes mantidos pela Inglaterra através de acordos comer

---

<sup>19</sup> CARDOSO, Fernando Henrique. Empresário Industrial e o Desenvolvimento Econômico no Brasil. São Paulo, Difusora Européia do Livro, p. 105

<sup>20</sup> PRADO, Caio Prado. História Econômica do Brasil. São Paulo, Editora Brasileira, p. 190

<sup>21</sup> PEREIRA, José Carlos. Estrutura e Expansão Industrial em São Paulo. São Paulo, Editora Nacional, p. 11

ciais, empréstimos e de sua esquadra naval <sup>22</sup>. Foi assim, que o Brasil abriu suas portas para outras fontes de investimentos, embora que modestamente.

Dentro das alterações trazidas pelos imigrantes se destaca, também, o trabalho livre cujo contingente brasileiro era predominantemente praticado pelo estrangeiro, principalmente italianos, espanhóis, portugueses e alemães. Pois o trabalho livre obrigou o trabalhador a sobreviver por seus próprios meios, alimentar sua família, comprar mercadorias e serviços <sup>23</sup>.

Antes da implantação do trabalho assalariado, os fazendeiros e as aglomerações humanas de suas fazendas compunham grande parte do mercado consumidor. Tudo que não podiam autoproduzir nas fazendas, ou nas vendas das fazendas, era adquirido nos centros urbanos, geralmente nas casas comerciais ou nas casas de importações. As casas ou empresas de importação-exportação localizavam-se perto dos portos, onde controlavam o mercado consumidor, e inclusive o

---

<sup>22</sup> MONT'ALEGRE, Omer. Capital & Capitalismo no Brasil. Rio de Janeiro, Editora Expressão e Cultura, p. 300

<sup>23</sup> MARTINS, José de Souza. O Cativo da Terra. São Paulo, Livraria Editora Ciências Humanas, p. 118



mercado varejista e atacadista<sup>24</sup>. Este controle era acionado por uma rede poderosa de estabelecimentos de serviços que representavam e prestavam para a comunidade<sup>25</sup>. O seu domínio se fazia sentir mais no mercado interiorano e nas importações que incorporam no seu âmago capital e técnica<sup>26</sup>. Nos grandes centros urbanos brasileiros, os importadores-exportadores não constituíram um obstáculo à industrialização, não só porque efetuavam operações de montagens ou de pequenas transformações industriais, como também entregas, coisas que davam plenas condições e conhecimento do mercado e da comercialização de produtos<sup>27</sup>. Com isso a indústria intensificou o comércio de importação, através do importador, que era especialista. Em Santa Catarina, entre várias empresas do ramo importação-exportação, destacou-se a empresa Carl Hoepcke e Cia, de um imigrante alemão, que se utilizando dos recursos de ser importador-exportador, no momento em que a conjuntura nacional se mostrou propícia para mudanças, diversificou seu ramo de comércio para a in-

---

<sup>24</sup>MARTINS, José de Souza. Conde Matarazzo. O Empresário e a Empresa. São Paulo, Hucite, pg. 81

<sup>25</sup>MARTINS, O Cativo da Terra, p. 81

<sup>26</sup>CANO, Wilson. Raízes da Concentração Industrial em São Paulo. São Paulo, Difel, p. 133

<sup>27</sup>DEAN, Warren. A Industrialização em São Paulo. São Paulo, Difel, p. 26

dustrialização, como eventualmente será demonstrado no presente trabalho.

#### B - O Ambiente Econômico Nacional

Com o crescimento econômico moderno dos países industrializados, racionalizou-se a divisão internacional do trabalho, especialmente com o aumento acelerado do comércio internacional do final do século XIX. No Brasil o comércio exterior foi fundamentalmente o motor do crescimento <sup>28</sup> e o setor dinâmico do sistema <sup>29</sup>, justificadamente pela demanda internacional favorável, incrementando e encarregando a especialização do país voltada para o setor de matérias-primas e gêneros alimentícios tropicais. Esta foi a parte que coubera ao Brasil, para participar da divisão do comércio internacional. O estímulo encontrado no comércio internacional agitou a conjuntura interna, resultando na expansão das forças produtivas e do progresso material, que se ativaram mais com a República. No esforço para adaptação da

---

<sup>28</sup> PELAEZ e SUZIGAN. História Monetária do Brasil. Rio de Janeiro, IPEA/INPES, p. 152

<sup>29</sup> FURTADO, Formação Econômica do Brasil, p. 142

nova ordem econômica internacional, que tocou o país no final do século XIX, assistiu-se a transição do Império para a República, no país.

Para as transformações ocorridas no final do século passado no Brasil, concorreram fatores externos e internos. Dentro dos fatores externos apontam-se grande incremento adquirido pelo comércio internacional, fruto do desenvolvimento das nações européias, a ascensão do nível de vida, a industrialização, o aperfeiçoamento técnico e material, o sistema de transporte, a organização do tráfico mercantil e financeiro, do imperialismo europeu. Era portanto, a afirmação do domínio das finanças internacionais no Brasil. Dentro dos fatores internos que propiciaram esta situação de mudanças, aponta-se a abolição da escravatura que liberou capitais antes investidos no tráfico escravo<sup>30</sup> e a conseqüente alteração na estrutura da mão-de-obra nacional, que intensificou a imigração européia para o país<sup>31</sup>. A escravidão era uma atividade que consumia grande quantidade de recursos financeiros. Por isto, a abolição veio liberar capitais e consentiu o uso racional da força de trabalho, fator predominante na acumulação de ca-

---

<sup>30</sup> MONT'ALEGRE, Capital & Capitalismo no Brasil, p.337

<sup>31</sup> PRADO, História Econômica no Brasil, p. 192

pitais mais tarde relacionados com a formação industrial no país <sup>32</sup>. Ainda que grande parte destes recursos tenha sido absorvida pela expansão do café, outra parte foi desviada para o mercado de capitais iniciante, subscrevendo títulos, ações em empresas, indústria e comércio. Foi nesta fase que se assistiu a inauguração da primeira estrada de ferro, o desenvolvimento das cidades, construção naval, iluminação pública elétrica, água encanada, esgotos sanitários, serviços públicos urbanos e portanto um mercado interno para o comércio e a indústria. Em consequência foi a adição de fatores externos e internos que favoreceu na eclosão de um novo espírito de negócios e de especulação no Brasil. Com o rompimento dos quadros tradicionais da monarquia, o Brasil pode agilizar-se, no objetivo de se ajustar ao equilíbrio mundial moderno das relações econômico-financeiras internacionais. Assim o país se reestruturou internamente, alterando seus quadros econômico-financeiro e políticos, e com isso o café passava a ser em escalada nacional, o regulador da vida econômica brasileira. O aumento das taxas de exportação, a maior capacidade de endividamento e de importação e o acréscimo ao trabalho assalariado, assentaram bases para um mercado novo e mais dinâmico, principalmente para o eixo Rio-São Paulo.

---

<sup>32</sup> MARTINS, O Cativoiro da Terra, p. 109

O comércio de importação e exportação influenciava a política econômica nacional. Pois a exportação acionava todos os mecanismos de infra-estrutura voltada para o sistema de exportação<sup>33</sup>, com a construção das estradas de ferro e de rodagem, empresas de navegação, aparelhamento dos portos, instituições bancárias, com a finalidade de escoar os produtos exportáveis. Como intermediários financeiros, os bancos exerciam uma atividade destacada na sociedade brasileira. Sendo a maioria estrangeiros, podiam multiplicar os meios de pagamento pelo mecanismo empréstimo e depósito. Com a entrada de recursos estrangeiros diversificou-se e facilitou-se esta possibilidade. Em algumas regiões brasileiras, como por exemplo a de São Paulo, o capital vindo do café exerceu posição destacada na expansão bancária e portanto financiando indiretamente a indústria paulista<sup>34</sup>. Já em outras regiões, como em Santa Catarina, diferentemente de São Paulo, o capital financeiro subsidiou algumas indústrias. Foi, portanto, o capital comercial seu financiador. Algumas regiões brasileiras ficaram marginalizadas dos modelos paulistas e fluminenses de desenvolvimento,

---

<sup>33</sup>TAVARES, Maria Conceição. Da Substituição de Importação ao Capitalismo Financeiro. São Paulo, Rio de Janeiro, Zahar Editores, p. 30

<sup>34</sup>CANO, Raízes da Concentração Industrial em São Paulo, p. 136

e assim se desenvolveram distintamente. Por isso mesmo, não se pode afirmar que o crescimento econômico brasileiro tenha sido homogêneo.

Apesar do café representar mais de 50% das exportações nacionais <sup>35</sup> e portanto agilizar a economia nacional de certa maneira, haviam outros produtos decorrentes de outras regiões, que também eram incluídos na pauta das exportações nacionais. Assim a região amazônica distinguiu-se pela borracha, desenvolvendo um alto volume de exportações, para o exterior. No nordeste o açúcar e também o algodão conseguiram substituir o abastecimento do mercado estrangeiro pelo mercado interno brasileiro. Caracterizada pela pequena e média propriedade e o elemento imigrante, a economia do sul do país gerou excedente agrícola, que foi aplicando no comércio e deste na indústria. Entretanto a indústria do sul teve dificuldades para concorrer com as indústrias mais desenvolvidas do Rio e São Paulo <sup>36</sup>. O sul vendia vários produtos agropecuários nos mercados nacionais. Geralmente uma grande quantidade do excedente gerado

---

<sup>35</sup> LIMA, Heitor Ferreira. História Político - Econômica e Industrial do Brasil. São Paulo, Editora Brasiliense, p. 302

<sup>36</sup> CANO, Raízes da Concentração Industrial no Brasil, p. 87 a 88

pela economia do extremo sul era absorvida pelo comércio atacadista localizado nos grandes centros urbanos, principalmente do Rio e de São Paulo. Isto serviu muitas vezes para as economias abastecedoras inibirem suas acumulações de capitais e assim sua expansão <sup>37</sup>.

Existe uma tendência por parte dos autores paulistas de culparem a expansão da economia cafeeira com o desenvolvimento dos mercados do sul. No entanto, a parcela de participação da economia paulista, apesar de intensificar o mercado nacional, agilizar e ampliar o sistema monetário nacional, não foi ela a única responsável do desenvolvimento da região sul. A região sul do Brasil era volta da para um mercado interno <sup>38</sup>. Mais tarde quando se comprometeu com a economia cafeeira e como distribuidora de produtos agropecuários, ela sofreu muito com as dificuldades de transportes para o resto do país, com a exceção da cabotagem. Apesar dos produtos agropecuários produzidos no sul do Brasil, o país no início do século XX importou grande quantidade de gêneros alimentícios do estrangeiro, como charque, manteiga, queijo, toucinho, banha, vinho, bebidas

---

<sup>37</sup> CANO, Raízes da Concentração Industrial no Brasil, p.107

<sup>38</sup> CASTRO, Antônio de Barros. 7 Ensaios sobre a Economia Brasileira. Rio de Janeiro, Forense Universitária, p. 106

alcoólicas, farinha de trigo, bacalhau, assim como outros produtos como couro, peles, e madeiras, representando 70% das importações nacionais <sup>39</sup>. Portanto, a oferta do sul do país era modesta. Pois segundo Wilson Cano, os imigrantes das grandes fazendas de São Paulo desde cedo desenvolveram a cultura alimentícia, para a venda dos eventuais excedentes, e em 1905 o Estado de São Paulo era auto-suficiente em arroz, feijão e milho e mais tarde em batatas, contendo portanto relativamente as ofertas dos excedentes agrícolas dos mercados sulinos. Assim sem negar as importações sulinas de alimentos e de matérias-primas, como couro, fumo, carvão e lã, para os mercados paulistas, a expansão do sul não se deu só exclusivamente em função da expansão do mercado cafeeiro <sup>40</sup>. Tudo indica que as exportações do sul do país se dirigiam também para o nordeste brasileiro e Distrito Federal.

Santa Catarina pode aparecer como exemplo dos estados do sul do país, composto por Paran , Santa Catarina e Rio Grande do Sul. O estado de Santa Catarina possuia uma agricultura de mercado interno relativamente de-

---

<sup>39</sup> MONT'ALEGRE, Capital & Capitalismo no Brasil, p. 11

<sup>40</sup> CANO, Raizes da concentra o Industrial em São Paulo, p. 11



envolvida. Cultivava entre outros produtos a mandioca, o trigo, o açúcar, o arroz e o milho. Nos anos de 1892 e 1906, a venda para o mercado interno oscilou entre 69% e 70%, enquanto o mercado extra-estadual variava entre 29% a 30% do volume de vendas <sup>41</sup>. O desenvolvimento da indústria catarinense surgiu a partir de um mercado constituído de agricultores independentes. Alguns imigrantes transformados em industriais necessitavam importar máquinas e matérias-primas do estrangeiro. Nesta situação localizava-se a empresa comercial Carl Hoepcke Cia, importadora e exportadora, a serviço do mercado catarinense. Esta empresa representou alguns fabricantes europeus, além de atuar como agente de bancos internacionais e nacionais, suprindo assim o falho do sistema financeiro nacional.



A expansão do sistema bancário no Brasil, iniciou com as Reformas Bancárias em 1890 <sup>42</sup>. Estas reformas concediam aos bancos privilégios da comissão e o exercício de atividades extrabancárias, como por exemplo as de parti

---

<sup>41</sup> ALMEIDA, Rufino Porfiro. Um aspecto da Economia de Santa Catarina. A Industrialização Ervateira. Estudo da Cia Industrial. Florianópolis, UFSC, Dissertação de MsC, 1979, p. 16

<sup>42</sup> LIMA, H. Ferreira. História do Pensamento Econômico no Brasil. São Paulo, Brasiliense, p. 113

parem no comércio, na indústria, na colonização e na construção de estradas de ferro. Esta atitude partiu de Rui Barbosa, Ministro da Fazenda de 1889 a 1891, cujo plano econômico objetivava reformular a economia brasileira, onde o governo abriria os recursos as classes produtoras, acelerando o crescimento nacional e reduzindo a dívida externa. Esta fase da história do Brasil, também ficou conhecida como a do Encilhamento (1889-1892) porque engendrou grande expansão do meio circulante, criação de empresas comerciais e industriais, bancos, estradas de ferro, ainda que faltasse a muitas qualquer viabilidade econômica. Este período registrou um progresso significativo mas temporário no país, devido ao aumento rápido do estoque de moedas, que gerou a inflação mais tarde <sup>43</sup>. Logo o país passou por uma contra reforma monetária e bancária iniciada em 1898, pelo Ministro da Fazenda Joaquim Murinho do governo Campos Sales (1898-1902). Suas medidas eram mais conservadoras, com a execução a favor do padrão ouro. Murinho objetivava reduzir as flutuações do câmbio e as especulações, fatores que prejudicavam muito o setor empresarial e que auxiliava na penetração de capitais estrangeiros. Ele acreditou que o excesso de notas bancárias em relação ao volume de negócios gerou a crise financeira, além da superprodução de

---

<sup>43</sup> PELAEZ e SUZIGAN, História Monetária do Brasil, p.

café, que causara a baixa dos preços e a decorrente baixa cambial. As medidas deflacionárias do governo Campos Sales levou a diminuição do meio circulante, originando a contração da procura, a queda dos preços internos a curto prazo. A longo prazo o país experimentou uma estagnação econômica. No seu governo o país recorreu a empréstimos do Funding-loan, pelo prazo de 63 anos, cujo resgate iniciaria no ano de 1911<sup>44</sup>. Feito em Londres o acordo comprometeu as rendas da Alfândega do Rio de Janeiro como garantia, além de obrigações de não contrair qualquer outra dívida no exterior. O grande beneficiado desta medida foi o London River Plate Bank, cujos representantes assumiram o direito de valerem pelo empréstimo, assim como o de fiscalizarem a restauração das finanças nacionais. Enquanto os banqueiros europeus enriqueciam e voltavam a ter confiança nos seus negócios no Brasil, ocorreu a falência do meio circulante e a crise bancária de 1900. Este período crítico na economia nacional promoveu o aumento do custo de vida e dos preços dos artigos importados, assim como o imposto sobre o consumo também aumentou. Esta fase foi considerada muito favorável às importações com a Consolidação das Leis de Alfândega (1898) quando o governo permitiu a im-

---

<sup>44</sup> LIMA, História do Pensamento Econômico no Brasil, p.

portação do estrangeiro, "sem imposto nem direitos alfandegários"<sup>45</sup>.

A política econômica nacional do período 1889 - 1913, a ser estudado, também chamado a Velha República (1889-1930) ou República do Café, foi caracterizada economicamente pela "consolidação e início do declínio da lavoura cafeeira e a luta pela industrialização"<sup>46</sup>, no país representado por São Paulo. A política econômica adotada procurou apoiar a produção do café no país, pois este proporcionava divisas, embora a borracha e o cacau também o fizesse modestamente. E por isso, o processo industrial no país foi lento, e só triunfou a partir de 1930.

Apesar das medidas do Ministro Rui Barbosa do Governo Provisório (1889-1891) sua tentativa industrialista <sup>47</sup> encontrou resistência e obstáculos de toda ordem, não conseguindo alcançar seus objetivos em sua rápida passagem pelo ministério. Em maio desse mesmo ano de 1891 era

---

<sup>45</sup> CARONE, Edgard. O Centro Industrial do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Editora Cãtedra, p. 86

<sup>46</sup> CARONE, Edgard. O Pensamento Industrial no Brasil. São Paulo, Difel, p. 39

<sup>47</sup> LUZ, Nícia Vilela. A Luta pela Industrialização do Brasil. São Paulo, Editora Alfa-Omega, p. 165

substituído pelo Barão Lucena, que exigiu os direitos alfandegários em ouro e depois vendeu este mesmo ouro do Tesouro a bancos insoldáveis, entre outras medidas. Com a ascensão, Floriano Peixoto (1891-1894) nomeou para Ministro da Fazenda Rodrigues Alves, que seguiu uma política ortodoxa monetária, apesar de propiciar medidas benéficas à indústria. Ele deu início a uma política deflacionária durante este período de contração econômica, num esforço para manter a imagem do país no exterior e portanto garantir financiamento para o Governo junto aos banqueiros europeus <sup>48</sup>. Rodrigues Alves alcançou certa estabilidade econômica durante sua administração. A deflação adotada por Joaquim Murinho, no governo Campos Sales (1898-1902), culminou com um conjunto de medidas cuja finalidade era controlar energicamente a inflação. Porque a relativa estabilidade atingida entre 1892 a 1895, foi abalada com o aumento de moedas circulantes entre 1896 a 1897 acelerando a inflação. Somente em 1909, no governo de Nilo Peçanha foi que se voltou às orientações de Rui Barbosa <sup>49</sup>, partindo-se para o industrialismo. Isto se deu porque com o advento da República, os impostos foram divididos entre a União e os Estados. À União cabiam os impostos de importação e aos Estados os impostos sobre a exportação. Isto não só protegeu os Estados exportadores de café, como

<sup>48</sup> PELAEZ e SUZIGAN, História Monetária do Brasil, p. 186

<sup>49</sup> LIMA, História do Pensamento Econômico no Brasil, p. 150

prejudicou os Estados que não estavam vinculados com o sistema cafeeiro, pois não poderia haver ônus fiscal sobre o produto que um Estado vendia a outro <sup>50</sup>. Em sua necessidade de arrecadação a União percebeu a necessidade de importar, como também de proteger as indústrias com o imposto sobre os produtos e consumo. À medida que a capacidade de importar ultrapassava as divisas provocadas pela exportação, restaram ao governo os impostos sobre o consumo.

A administração de Hermes da Fonseca (1910-1914) protegeu a indústria, quando eliminou os impostos exagerados sobre os produtos industrializados que prejudicavam o consumo. No ano de 1913, que antecede a primeira Grande Guerra, foi prejudicial para a importação e exportação, mas por outro lado favoreceu às indústrias existentes, assim como estimulou a germinação de outras <sup>51</sup>. As importações decorrentes dos países envolvidos com a Grande Guerra de 1914 diminuíram consideravelmente e às vezes até interromperam-se. A queda do câmbio também reduziu a concorrência estrangeira. O governo então tomou consciência da necessidade de desenvolver a indústria de base, particularmente a extração de carvão mineral e siderurgia <sup>52</sup>.

---

<sup>50</sup> CARONE, O Centro Industrial do Rio de Janeiro, p.94

<sup>51</sup> PRADO, História Econômica do Brasil, p. 261

<sup>52</sup> LUZ, A Luta pela Industrialização do Brasil, p. 194

Este breve resumo sobre as oscilações monetárias e da política econômica nacional tem por objetivo mostrar as dificuldades que passavam os estabelecimentos comerciais e industriais no Brasil. Por outro lado, serviu para testar a capacidade e estabilidade financeira de outras empresas, como a empresa Carl Hoepcke, em Santa Catarina. Pois ela se articulou de tal forma, que pôde resistir aos reveses da economia nacional, onde cresceu e se desenvolveu neste ambiente crítico.

Para se ter uma visão dos períodos de 1882 e 1913, quanto às oscilações do câmbio em libras esterlinas e do valor do real brasileiro, observando o quadro que segue, nota-se o seguinte: de 1889 a 1899, o país passava por um período de inflação quando o real valia 355% a mais em 1889. De 1900 a 1905 iniciava um período de deflação, onde o real dobrou o valor comparado com o ano de 1889, e os índices variam na ordem de 278% a 166%. Segue-se um período de reerguimento econômico que vinha de 1905 a 1913, quando o real manteve uma certa estabilidade, no nível aproximado de 165% do valor de 1889, alcançando portanto uma estabilidade financeira. Esta medida pela supervalorização do dinheiro haveria de encorajar o comércio e a indústria em decorrência da manutenção de uma política um pouco mais estável. Portanto, o ciclo da economia brasileira no período de 1889 a 1913 obedeceu primeiramente a uma fase de inflação (1889 - 1899); depois de uma fase de deflação (1900 - 1905); seguida por uma fase de estabilidade econômica (1905 - 1913),

período que será objeto de estudo do presente trabalho.

QUADRO - I. 1

A INFLAÇÃO BRASILEIRA

ANOS	£ CAMBIO MÉDIO	(1889 = 100 ) ÍNDICE
1889	9,08	100
1890	10,64	117
1891	16,10	177
1892	19,95	219
1893	20,70	227
1894	23,78	261
1895	24,15	265
1896	26,48	291
1897	31,09	342
1898	33,39	367
1899	32,27	355
1900	25,26	278
1901	21,10	238
1902	20,10	221
1903	20,00	220
1904	19,70	216
1905	15,09	166
1906	14,84	163
1907	15,64	172
1908	15,84	174
1909	15,85	174
1910	14,81	163
1911	14,88	163
1912	14,88	163
1913	15,04	163

FONTE - ONODY, Oliver. A Inflação Brasileira (1820-1958)

Rio de Janeiro, sem Editora, 1960. pp. 419



C - O Ambiente Econômico Estadual

Situada na faixa intertropical, entre os estados do Paraná ao norte e o Rio Grande do Sul ao sul <sup>53</sup>, Santa Catarina caracterizou-se pelas diversificações étnicas e culturais. Os imigrantes açorianos, alemães, italianos e poloneses trouxeram costumes e atividades econômicas de suas pátrias de origem <sup>54</sup>. Dentro das zonas geográficas Litoral Encosta, Sedimentar Paleozoica e Planalto Ocidental <sup>55</sup>, em que se divide atualmente o Estado, apenas o Litoral Encosta fora colonizado e desenvolvido economicamente até o fim do século XIX. As outras regiões, a Sedimentar Paleozoica que aglomera atualmente o planalto de Canoinhas e o Alto Rio Negro, e o Planalto Ocidental com os Campos de Lages, Vale do Rio do Peixe (zona de Joaçaba, Meio Oeste), zona do Iguaçú (zona de Chapecô, Oeste) já eram conhecidas nos fins do século XVIII e começos do XIX, mas tiveram seu desenvolvimento abalado pelas lutas de con

---

<sup>53</sup> LAGO, Paulo Fernando. Santa Catarina, a Terra, o Homem e a Economia. Florianópolis, Imprensa Universitária, p. 11

<sup>54</sup> SANTOS, Silvío Coelho. Nova História de Santa Catarina. Florianópolis, Edeme, p. 7

<sup>55</sup> LAGO, Santa Catarina, a Terra, o Homem e a Economia, p. 14

testação por parte do Paraná <sup>56</sup>. Portanto elas permaneceram marginalizadas do processo de crescimento econômico do século passado e início deste.

A região do Litoral Encosta era composta de três zonas: Litoral São Francisco do Sul e Bacia do Itajaí (Litoral Norte), Litoral Desterro ou Florianópolis (Litoral Central) e Litoral de Laguna (Litoral Sul). Esta região foi a de mais remota ocupação e de maior densidade populacional no século XIX. Sofreu o impacto de ocupação humana de elementos vindos da Europa, como os lusitanos, açorianos e madeirenses, como também os paulistas vincentistas no século XVIII. Com os vincentistas, iniciava-se no século XVIII, em Laguna, um foco de irradiação do povoamento do litoral catarinense. Este grupo de povoadores ocuparam algumas regiões costeiras como Laguna, São Francisco e Desterro <sup>57</sup>. No século XVIII, destacaram-se como povoadores ainda, elementos açorianos, que se fixaram em grande quantidade na Ilha de Santa Catarina e Laguna, porque esta região servia de ponto de apoio às conquistas e interesses portugueses na Região do Prata <sup>58</sup>. Deste modo imigrantes

---

<sup>56</sup> CABRAL, Oswaldo Rodrigues. História de Santa Catarina. Rio de Janeiro, Editora Laudes, p. 85

<sup>57</sup> LAGO, Paulo. Santa Catarina, a Terra, o homem e a Economia, p. 85

<sup>58</sup> HUBNER, Laura Machado. O Movimento Comercial do Por

européus colonizaram grande parte da região Litorânea no século XIX, com elementos vindos da Alemanha, da Itália e da Polônia. Em 1828 chegou em Santa Catarina a primeira leva de imigrantes alemães, que se estabeleceu em São Pedro de Alcântara, nas proximidades da Ilha de Santa Catarina<sup>59</sup>. Em 1836 o primeiro grupo de imigrantes italianos se estabeleceu no litoral. A zona circundante à Baía de São Francisco e Joinville começou a receber colonos em 1850 e em 1860 a colônia de Blumenau foi fundada. O elemento italiano efetivou-se preferencialmente no litoral central e no vale do Tubarão, em 1875<sup>60</sup>. Em menor escala vieram os elementos poloneses e outras minorias étnicas.

Neste contexto de diversidades étnicas, tradições culturais, estabeleceu-se a ocupação humana da região litorânea, em que uma das características marcantes foi o isolamento destes grupos e a deficiente miscigenação, durante o século passado. De 66.218 habitantes em 1840, a população provincial subiu até 159.802 em 1872. Pelo ano de 1890, com a República, chegou a 283.769 habitantes e em

---

to de Nossa Senhora do Desterro no Século XIX. Florianópolis, UFSC. Dissertação de MsC, 1979, p. 8

<sup>59</sup>LAGO, Santa Catarina, a Terra, o Homem e a Economia, p. 111

<sup>60</sup>CABRAL, História de Santa Catarina, p. 218

1900 atingiu 320.289 habitantes <sup>61</sup>. Portanto, num período de sessenta anos, a população de Santa Catarina quadriplificou, representadamente pelas adições populacionais europeias.

A ocupação humana catarinense se efetivou preferencialmente próxima de uma série de rios e portos ao longo de sua costa. Eram pequenos rios que regavam a superfície da região litorânea, que também possuía portos naturais como os de São Francisco e de Itajaí que atendiam o Litoral Norte, o da Ilha de Santa Catarina que atendia o Litoral Central, e o de Laguna que atendia o Litoral Sul, possibilitando o escoamento natural das eventuais produções do litoral catarinense.

Santa Catarina caracterizou-se por concentrações populacionais de pequenas cidades, contidas entre suas três zonas litorâneas por núcleos de produção diferentes e desarticulados. Em sua economia predominou a agricultura e a pecuária com algumas indústrias artesanais. Os habitantes praticavam a agricultura em pequenas áreas, reservando as grandes áreas à pecuária <sup>62</sup>. A província exportou conse

---

<sup>61</sup> CABRAL, História de Santa Catarina, p. 253

<sup>62</sup> CANO. Raízes da Concentração Industrial em São Pau-

lo, p. 112

quentemente bens de consumo agrícolas, como o trigo, fêcula de mandioca, arroz, carne, banha e artigos manufaturados como o tecido, vinho, charutos e fio de lã. Importou bens de produção e farmacêuticos, veículos, máquinas agrícolas e outros <sup>63</sup>. Entre 1907 e 1920, Santa Catarina atuou no cenário nacional produzindo e exportando 26,6 % do total nacional da erva-mate, 12,1 % da produção de banha, 7,47% da produção de manteiga, 6,5 % da produção da farinha de mandioca e 9,1 % da produção industrial nacional, além de 9,9 % de falquejamento e serraria de madeira <sup>64</sup>. Estes dados mostram o carácter agrícola e diversificado da economia catarinense.

Analisando as diferenças econômicas entre as três zonas geográficas do litoral, rapidamente destacou-se no litoral central a Ilha de Santa Catarina, sede administrativa e política do Estado. Durante o período imperial, a Ilha de Santa Catarina exportava alguns produtos como a farinha de mandioca e o milho, como quase todas as províncias do império. Na Ilha localizou-se Desterro, mais tarde Florianópolis, com o seu porto de Nossa Senhora do Dester-

---

<sup>63</sup>SINGER, Paul. Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana. São Paulo, Cia. Editora Nacional, p. 86

<sup>64</sup>CASTRO, 7 Ensaio sobre a Economia Brasileira, p. 1

ro que absorvia os produtos agrícolas das regiões fronteiras do litoral central e sul e distribuía mercadorias para as mesmas. O porto congregava uma zona comercial, composta da Alfândega; de casas comerciais de importação - exportação, varejistas e atacadistas; lojas de fazendas, secos e molhados; e atividades navais. Nossa Senhora do Desterro foi um porto intermediário e reexportador da produção de vários pontos do litoral, especialmente das zonas do sul da província. O Rio de Janeiro consumia grande parte das exportações catarinenses, assim como o Uruguai e Argentina<sup>65</sup>. O porto de Desterro apresentou um comércio de importação considerável, negociando com a Inglaterra principalmente. Desterro ainda desenvolveu atividades urbanas administrativas e de serviços, e tinha algumas serrarias e engenhos produtores de aguardentes e curtumes<sup>66</sup>.

Durante a República, a Ilha de Santa Catarina cresceu e desenvolveu-se, possuindo em 1913 uma popula

---

<sup>65</sup>HUBNER, O Movimento Comercial do Porto de Nossa Senhora do Desterro no Século XIX, p. 108 (capítulos III e IV, explicações mais detalhadas)

<sup>66</sup>HUBNER, O Movimento do Porto de Nossa Senhora do Desterro no Século XIX, p. 109

ção de 30.000 habitantes <sup>67</sup>. Seu porto tornou-se mais movimentado, sendo escala obrigatória das companhias de navegação como o Lloyd Brasileiro e Navegação Costeira, os vapores Hamburg-Amerika, assim como outros que visitavam regularmente seu porto. Possuindo em 1913 algumas indústrias, Florianópolis somava: duas fábricas de cerveja, duas de massas alimentícias, três refinarias de açúcar, outras de camisas, de telas, de sabão, de fogos, e de pregos <sup>68</sup>. O seu comércio nesta época era movimentado e algumas empresas trabalhavam com alto capital de giro. O número de estabelecimentos comerciais e industriais era de 499, além de rede telefônica, abastecimento de água encanada, luz a querosene até 1919. Em 1919, iniciou-se a construção de uma usina de eletricidade no continente <sup>69</sup>. Florianópolis neste período tornou-se um centro relativamente importante no sul do país. A casa comercial Carl Hoepcke e Cia figurava entre as empresas mais importantes da cidade e do Estado. Suas origens, vinha de Fernando Hackradt e Cia, que datava 1857.

---

<sup>67</sup> WRIGHT, Arnold. Impressões do Brasil no Século XX. (sua História, seu povo, comércio, indústria e recursos). Londres, Lloyd's Great Britain Publishing Company, Ltd, p. 1013

<sup>68</sup> Ibid, p. 1013

<sup>69</sup> Ibid, p. 1013

A Empresa Hoepcke transformou o panorama da Ilha de Santa Catarina por sua capacidade de comercialização, disponibilidades patrimoniais <sup>70</sup>, e de sua capacidade de integrar economicamente sob sua liderança as três zonas litorâneas, antes citadas.

Um dos grandes centros comerciais catarinenses foi a região norte, destacadamente pela vinda de imigrantes na última década do Império. Entre os núcleos de imigração catarinense, a colonização alemã se organizou a partir dos meados do século XIX, onde a pequena propriedade foi a constante. Desenvolveu-se nesta pequena propriedade uma economia voltada para o setor de subsistência nos primeiros anos. Dada a boa qualidade das terras, os imigrantes gozavam de certa fartura em sua produção, esbarrando com o problema fundamental, que foi o escoamento do excedente de sua produção a nível nacional. Isto foi o resultado de vários fatores, como o de não haver no Brasil um mercado interno expressivo onde o colono pudesse transacionar <sup>71</sup>. O mercado interno desarticulado também dificultava as trocas, assim como o precário sistema viário nacio -

---

<sup>70</sup>Ver Capítulo III, Tabela III.8 sobre as disponibilidades da Empresa.

<sup>71</sup>SINGER, Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana, p. 98



nal e estadual, excetuando o sistema marítimo de cabotagem. Mas as estradas de rodagens no Vale do Itajaí perfaziam em 1874 o percurso de 4.043 quilômetros e de estradas a cavalo o de 6,978 quilômetros <sup>72</sup>, além de possuírem um padrão muito superior às outras estradas em âmbito nacional. A Estrada de Rodagem Dona Francisca, iniciada em 1858 em Joinville, ligou o planalto catarinense e regiões vizinhas <sup>73</sup>. Somente em 1910 foi construída a Estrada de Ferro Paranã-Santa Catarina, que foi de muita importância para o escoamento das produções agrícolas catarinenses <sup>74</sup>. Apesar das estradas no Vale do Itajaí, Santa Catarina não gozava de um sistema viário eficiente, por não estar voltada para o setor externo e principalmente por não estar localizada nos pólos cafeeiros do Brasil.

Para solucionar os problemas e carências que o colono catarinense sofria, o imigrante procurou produzir tudo

---

<sup>72</sup>HELLSHEIN, Anselmo Antônio. O Crescimento do Mercado Interno numa Colonia do Império. O caso de Blumenau (1860 - 1880). Florianópolis, UFSC, Dissertação de MSc, 1979, p. 34

<sup>73</sup>CABRAL, História de Santa Catarina, p. 317

<sup>74</sup>MAMIGONIAN, Armen. Estudo Geográfico das Indústrias de Blumenau, in Revista Brasileira de Geografia, p. 391 (jul/setem. 1965)

que fosse possível para importar o menos possível. Mas por muito tempo, no isolamento em que se encontrava, viu-se obrigado a importar ao menos o trigo, o sal, o fósforo e a querosene <sup>75</sup>. Iniciaram suas atividades comerciais entre si, mas à medida que as condições locais de absorção do excedente agrícola cessaram, tentaram a diversificação das atividades econômicas-comerciais com a adoção de um processo artesanal manufatureiro de indústrias e as exportações. O adestramento técnico e artesanal de alguns imigrantes facilitou o primeiro objetivo com a produção de artigos artesanais e sua venda para outros mercados, foi conquistado lentamente, Blumenau, por exemplo, começou suas ligações com Desterro muito cedo, em 1856 <sup>76</sup> e rompeu o isolamento em que os imigrantes se encontravam.

A integração com a economia nacional, nos centros de imigração catarinense se fez muito lentamente. A medida que se efetivou o aumento de reservas monetárias dos imigrantes e coloniais, proporcionou bases para uma indústria artesanal em Blumenau e Joinville e mais tarde Brusque. Esta lentidão resultou principalmente porque o grande centro cafeeiro de São Paulo possuía auto-suficiência em produtos agrícolas e pecuários, graças às diversificações

---

<sup>75</sup> SINGER, Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana, p. 99

<sup>76</sup> Ibid. p. 99 a 100

praticadas pelos imigrantes daquela região. Mas isto não impediu que São Paulo e nem o Distrito Federal, caracterizado pela insuficiência agrícola e alta densidade populacional, assim como o nordeste, assimilassem grande parte dos excedentes produzidos em Santa Catarina <sup>77</sup>.

A colônia alemã de Blumenau começou suas atividades econômicas na base da agricultura, pecuária e atividades extrativas. Os imigrantes procuraram comunicar-se com os mercados inter-regional e inter-estadual e para tal Blumenau teve a fortuna de receber apoio financeiro considerável do Governo Imperial para o desenvolvimento do sistema viário <sup>78</sup>, cujo objetivo era ampliar a área de comercialização e alcançar o porto de Itajaí, e assim o escoamento de sua produção. Produziam o fumo, o milho, o trigo, o açúcar, alguns laticínios entre outros produtos. Em 1868, Blumenau possuía sessenta e oito engenhos de farinha, engenhos de serrar, descacadores de arroz, alambiques e fábricas de charuto <sup>79</sup>, e tudo leva a supor que havia um mercado consu

---

<sup>77</sup> CANO, Raízes da Concentração Industrial em São Paulo, p. 110 e 111

<sup>78</sup> HELLSHEIN, O Crescimento do Mercado Interno numa Colônia do Império. O caso de Blumenau - 1850 - 1880, p. 33

<sup>79</sup> SINGER, Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana, p.106

midor para estes produtos. A grande oferta em produtos alimentares no mercado nacional, agilizou em Blumenau, o crescimento de uma indústria artesanal manufatureira voltada para o mercado local. A relativa especialização e diversificação concentrada em poucos ramos industriais, impediu a dispersão de recursos, além de permitir meios eficientes para competir mais tarde, com as indústrias mais desenvolvidas e integradas no mercado nacional. Assim, exercendo a cobertura dos mercados locais, os colonos tentavam também conquistar os mercados externos. Os artigos exportados foram inicialmente a manteiga, o queijo, as carnes preparadas, o couro, o fumo e a madeira, favorecendo a agricultura e a indústria de beneficiamento <sup>80</sup>.

Quando Blumenau iniciou o desenvolvimento das indústrias, as necessidades de importações de maquinário industrial e matérias-primas cresceu, assim como isto fez ampliar o elo que existia entre Blumenau e Alemanha <sup>81</sup>. Participou do comércio nacional com o Rio de Ja -

<sup>80</sup> CASTRO, Ensaio sobre a Economia Brasileira, p. 118

<sup>81</sup> KEHLHEPP, Gerd. Industriegeographie des nordostlichen Santa Catarina. (sukbrasilien) Ein Breitrag zu geographie iernes deutschbrasilianischen. Siendlungsgebietes. Heidelberg, Im selbstverlang des geographischen Instituts des Universitat, p.17

neiro, São Paulo, Paran  e Porto Alegre, com produtos artesanais como malhas (Hering - 1880), tecelagens (Kartens - 1882 e Garcia - 1885) <sup>82</sup>, e penetrou no mercado nacional, embora modestamente, propiciando amplia o da receita e maiores possibilidades de endividamento para Blumenau e o Estado. Pois em 1890, Blumenau contou com duzentos e sessenta e dois engenhos de a u ar, cinquenta engenhos de farinha de mandioca, quarenta e oito engenhos de milho, quarenta e seis serrarias, vinte e nove olarias, treze cervejarias, seis tecelagens, duas fábricas de sabão, duas fábricas de água mineral, duas fábricas de vinho de laranja, duas fábricas de licor e quatro fábricas de meias <sup>83</sup>.

Entre 1890 a 1910, Blumenau sustentou o desenvolvimento industrial. Mas começou também a sofrer concorrência de outra colônia vizinha, Brusqu , em que se verifica um surto industrial semelhante. Em 1909, Blumenau começou a produzir eletricidade e suas duas indústrias têxteis adquiriram na Alemanha pequenas fia es <sup>84</sup>. A partir de 1913

---

<sup>82</sup> MAMIGONIAN, Estudo Geográfico das Indústrias de Blumenau, p. 394

<sup>83</sup> SINGER, Desenvolvimento Econômico e Evolu o Urbana, p. 117

<sup>84</sup> MAMIGONIAN, Estudo Geográfico das Indústrias de Blumenau, p. 399

Blumenau contou com o contingente populacional de 40.000 habitantes <sup>85</sup>. Com a primeira Guerra Mundial, consolidaram-se as indústrias existentes e seguiu a criação de novas, com o crescimento sustentado.

Além de Blumenau outra colônia importante no norte catarinense foi Joinville ou colônia Dona Francisca. Desenvolveu uma estrutura agrária baseada na pequena propriedade e era também um centro canalizador das produções agrícolas da região e periferias, devido ao porto de São Francisco, próximo. A construção da estrada de Ferro Dona Francisca em 1858 auxiliou nas ligações com o planalto catarinense e o desenvolvimento das regiões marginais <sup>86</sup>. Através das ligações com Mafra, Rio Negro e Porto União, Joinville absorvia a produção da serra e fazia o elo com o litoral; também servia como pólo distribuidor. Dentro dos produtos agrícolas enfatizavam a cultura da erva-mate, que proporcionou grande prosperidade à região. A erva-mate exportada de Joinville competia com os mercados platinos e do Chile, Rio Grande do Sul e Mato Grosso <sup>87</sup>. A exporta -

---

<sup>85</sup> WRIGHT, Impressões do Brasil no Século XX, p. 1012

<sup>86</sup> FINKER, Carlos. História de Joinville. Joinville, Imprensa Ipiranga Ltda, p. 6

<sup>87</sup> ALMEIDA, Um Aspecto da Economia de Santa Catarina. A Industrialização Ervateira. Estudo da Cia Industrial, p. 12 a 14

ção era feita pelo porto de São Francisco, que em 1913 exportou dentre os produtos provenientes de Joinville: o fumo, o trigo, o centeio, a cevada, e alguns laticínios. Joinville possuía nesta época, cerca de duzentas fábricas de manufaturas, além de refinarias de açúcar, engenhos de arroz, cinco estabelecimentos para o beneficiamento da erva-mate, quatro fábricas de fiação de algodão, algumas fundições e cervejarias. Joinville em 1913, constituía um importante centro comercial e industrial, com 25.000 habitantes <sup>88</sup>.

O maior centro comercial no sul do Estado foi o de Laguna, fundada em 1684 <sup>89</sup>, a população mais antiga da quela região. Laguna foi o ponto de passagem obrigatório das tropas de gado do Rio Grande do Sul para as feiras de Curitiba e Sorocaba. Isto auxiliou na formação comercial no século XVIII. Naquela época a pesca era muito praticada em sua lagoa, com o pescado exportado para o Rio de Janeiro ou Sacramento. Em 1714, seu desenvolvimento suplantou o de Desterro <sup>90</sup>, mas a partir de 1728, o comércio do gado do

---

<sup>88</sup>WRIGT, Impressões do Brasil no Século XX, p. 1012

<sup>89</sup>ULYSSEIA, Rubens. Publicações Comemorativas do Centenário de Laguna. 1856 - 1956. Florianópolis, Imprensa Oficial do Estado, p. 212

<sup>90</sup>Ibid. p. 13

Rio Grande do Sul desviou sua rota de Laguna, prejudicando seu comércio local, cuja produção de farinha de mandioca, peixe seco, cereais, leguminosas, açúcar e cordoaria de cipó-imbê abastecia as tropas dos vaqueiros gaúchos <sup>91</sup>.

Em 1735, Laguna tornou a abastecer de víveres e homens, os exércitos destacados para a defesa da colônia Sacramento, no Sul. Com os açorianos introduzidos em 1749, diversificou-se a agricultura com a cultura do linho, da cochinha, e trouxe modificações nos usos e costumes da população. Esta população somava o total de 2.500 pessoas em 1770. Nesta época, seu porto alcançaria relativo desenvolvimento, escoando as mercadorias das populações marginais. As atividades portuárias eram lucrativas, rendiam prosperidades econômicas e propiciavam aos armadores de navios, importadores-exportadores e comerciantes o enriquecimento <sup>92</sup>. O principal comércio consistia da exportação do peixe seco, do trigo e da cochinha.

No século XVIII, o desenvolvimento de algumas povoações, como Tubarão, pesou negativamente nas rendas de

---

<sup>91</sup> ULYSSEIA, Publicação Comemorativa do Centenário de Laguna. 1856 - 1956, p. 14

<sup>92</sup> ULYSSEIA, Publicação Comemorativa do Centenário de Laguna. 1856 - 1956, p. 18



Laguna. Mas possuindo o único porto navegável da época no sul da província, além de três rios navegáveis, continuou sendo o escoadouro da zona sul de Santa Catarina durante muito tempo. Existiam importantes casas comerciais, com as mais importantes estando nas mãos dos armadores. O comércio se baseava no varejo fornecido pelos exportadores, que também importavam, geralmente por intermédio das casas comerciais de Desterro <sup>93</sup>. Por isto os exportadores eram muito importantes, pois possuíam seus próprios navios a vela, para transportar suas mercadorias, farinha de mandioca, feijão, milho, favas, polvilho, amendoim e couro para o Rio de Janeiro. Em 1880, a frota mercante de Laguna era composta por dezesseis navios de cruz, um brigue-escuna, duas sumacas, e três patachos, dois botes e doze iates, além das lanchas e canoas que navegavam seus rios e lagoa trazendo mercadorias. Havia também um vapor que transportava pessoas até Desterro. Laguna importava carne de porco, banha, vinho entre outros produtos principalmente do Rio de Janeiro <sup>94</sup>.

Em 1884, a estrada de Ferro Dona Tereza Cristina

---

<sup>93</sup> ULYSSÉIA, Saul. A Laguna de 1880. Florianópolis, Imprensa Oficial do Estado, p. 88

<sup>94</sup> ULYSSÉIA, Publicação Comemorativa do Centenário de Laguna. 1856 - 1956, p. 7 a 28

sos financeiros estrangeiros <sup>96</sup> , assim consequentemente a  
 cumular capitais para empreentarem na indústria e no co-  
 mércio. Antes de 1890, o norte de Santa Catarina, já havia  
 estabelecido fortes laços comerciais com a Alemanha <sup>97</sup> .  
 Estes laços sô foram interrompidos com a Primeira Grande  
 Guerra, mas comprovadamente houve afluência de capitais es  
 trangeiros para a região sul do país <sup>98</sup> . Neste contexto ,  
 com apoio e investimentos estrangeiros alemães , se desen-  
 olveu a casa comercial Carl Hoepcke e Cia, articulada no  
 ramo de importação-exportação e impelida pela necessidade  
 de suprir os mercados do Estado com produtos importados e  
 de exportar alguns produtos produzidos pelos imigrantes  
 alemães.

A medida que se estreitavam as ligações comer  
 ciais a Capital e os outros centros urbanos catarinenses a  
 influência do setor de importação tornou-se cada vez mais  
 importante. A importação supria as necessidades de bens de  
 consumo, matérias-primas, máquinas e ferramentas que o mer

---

<sup>96</sup> CANO, Raízes da Concentração Industrial em São  
Paulo, p. 113

<sup>97</sup> KEHLHEPP, Industriegeographie des Nordostlichen San  
ta Catarina. p. 19

<sup>98</sup> CASTRO, Ana Célia. As Empresas Estrangeiras no Bra-  
sil. Rio de Janeiro, Zahar Editores, p. 42

cado carecia. A industrialização de acabamento dependia de um mercado importador forte, que lhe fornecesse condições para funcionamento. E por isso as casas de importações, como Carl Hoepcke e Cia, tiveram condições de se manterem e crescerem no mercado catarinense. Pois, além dos produtos agrícolas e pecuários no Brasil, eram importados artigos de ferro e aço, maquinárias, carvão de pedra e coque, veículos, cimento, querosene, gasolina, produtos químicos, porcelanas, vidros, couros, peles, cobre, ferro e aço (matéria-prima), perfumes, essências, seda, linho, ouro, prata entre outros artigos <sup>99</sup>. Por isso mesmo a importação representava um comércio destacado e lucrativo na economia nacional e catarinense.

O comércio de importação estava situado em posição estratégica na estrutura do comércio. Estas empresas executavam atividades complementares, como operações de montagens e de pequenas transformações industriais, instalações, manutenção de algum produto ou manufatura. Possuíam conhecimento do mercado interno e tinham acesso a crédito que obtinham do estrangeiro, muitas vezes através dos fabricantes que representavam os bancos intimamente ligados com o comércio exterior. Esta situação vinha da familiaridade anterior do empresário com o comércio importa

---

<sup>99</sup> MONT'ALEGRE, Capital & Capitalismo no Brasil, p. 348

dor 100 .

Alguns imigrantes se introduziram no comércio de importação e na indústria, não só pela experiência urbana prévia, ou experiência comercial anterior, mas também pelas vantagens e preferências oferecidas por seus patrícios em suprimentos de artigos que conheciam e confiavam. Assim os comerciantes imigrantes estabeleciam o elo com o país que originavam, tanto para oferecer capitais como artigos industriais <sup>101</sup> . Os imigrantes tinham a tendência de procurarem as empresas ou casas comerciais da mesma origem étnica. Aos europeus era conveniente que alguns elementos imigrantes estabelecessem o elo natural entre as empresas européias e o país que estavam fixados. As vantagens para os imigrantes eram variadas, gozavam de identidade nacional e étnica, falavam a mesma língua e conheciam os mesmos hábitos de consumo. O alemão procurava arregimentar seus colaboradores entre os imigrantes, com o objetivo de expandir sua influência no Brasil <sup>102</sup> . Assim o processo de imigração facilitou a hegemonia dos países imperialistas no mercado nacional <sup>103</sup> , cabendo portanto aos imigrantes além do comando

---

<sup>100</sup> DEAN, A Industrialização em São Paulo, p. 5 a 40

<sup>101</sup> MARTINS, O Cativo da Terra, p. 113

<sup>102</sup> DEAN, A Industrialização em São Paulo, p. 63

<sup>103</sup> MARTINS, O Cativo da Terra, p. 113

do comércio, o processo de industrialização <sup>104</sup>.

Sendo a indústria brasileira muito suscetível ao comércio de importação, isto criou estímulos para que num dado momento o importador se convertesse em fabricante dos produtos que tão bem conhecia <sup>105</sup>. Toda dependência de um mercado imprevisível e da inelasticidade dos produtos agrícolas e matérias-primas geravam insegurança, com fases de expansão e retração do mercado. Fazia do importador um industrial em potencial, agilizando assim variáveis econômicas e disponibilidades para enfrentar um mercado instável.

Em Santa Catarina, esta situação se repetiu na figura do imigrante alemão, Carl Hoepcke. Dono de uma potente casa de importação-exportação, ele ampliou o leque de atuação econômica, quando recorreu e criou indústrias

---

<sup>104</sup> PEREIRA, Luis Carlos Bresser. Empresários e Administradores no Brasil. São Paulo, Brasiliana p. 81

<sup>105</sup> CANO, Raízes da Concentração Industrial em São Paulo, p. 135 (Em São Paulo, quando a capacidade de importar tornou-se muito difícil, os importadores optam para a industrialização como outra alternativa econômica).

em Florianópolis. Estabeleceu conexões entre os imigrantes alemães e a pátria de origem, articulou desta forma ligações entre o centro do litoral catarinense onde se localizava com o norte e sul do Estado Catarinense.

II - O HISTÓRICO DA EMPRESA DE  
1882 A 1913

A - A Estrutura das Operações  
da Empresa Carl Hoepcke e  
Cia. no Ano de 1898

Examinando-se a estrutura das operações da empresa de comercialização Carl Hoepcke e Cia., durante o expediente de 1898, levantou-se dados do Livro Diário das contas-correntes dos clientes da empresa. As operações registradas nos livros da empresa, obedeceram ao método de escrituração de partidas dobradas, porque existiu sempre uma conta devedora e uma conta credora, ou débito e crédito. Portanto, seguiu o princípio de que era devedor o cliente que recebeu alguma coisa e era credor o cliente que forneceu alguma coisa. Isto queria dizer que quem recebe tornou-se devedor e quem fornece tornou-se credor, ou seja, quem recebe deve e quem entrega tem que haver <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup>CARNEIRO, Erymã. Contabilidade Geral. Edições Financeiras S/A. S.P; 1960: p. 40/110 (265 p.)

Dentro deste esquema, os dados demonstram as atividades comerciais efetuadas durante o referido ano de 1898. São especialmente úteis para mostrar as ligações comerciais que a empresa desenvolveu com o litoral de Santa Catarina, dividido em zonas: Litoral São Francisco do Sul e Bacia do Itajaí (Litoral Norte); Litoral Desterro ou Florianópolis' (Litoral Centro); Litoral Laguna (Litoral Sul) <sup>2</sup>. Além de Santa Catarina, o livro também continha dados sobre as transações comerciais extra-estaduais e com o estrangeiro. Esta amostra objetiva demonstrar que já no ano de 1898, a empresa Carl Hoepcke articulava as três mais importantes zonas de Santa Catarina, através de suas atividades comerciais.

Os clientes da empresa eram preferencialmente outros comerciantes, distribuidores, intermediários comerciais e até pessoas particulares que recorriam à empresa para abastecerem-se de mercadorias que esta fornecia. A empresa Carl Hoepcke e Cia. podia ser considerada uma empresa comercial, "pois presidia às trocas e aos transportes e tinha como objetivo fazer as mercadorias chegarem às mãos do consumidor, no tempo e na quantidade conveniente" <sup>3</sup>. No

---

<sup>2</sup>LAGO, Santa Catarina, a Terra, o Homem e a Economia, p.2

<sup>3</sup>ROCHA, Edegard Aquino. Princípios de Economia. São Paulo, Cia. Editora Nacional, p. 118



tadamente em uma sociedade agrícola, como Santa Catarina em 1898, observou-se que os comerciantes exerciam o papel de coletores, condicionadores, expedidores, transportadores, recebedores atacadistas e fornecedores varejistas em armazéns e em feiras de produtos comerciais. Agente comercial no contexto catarinense, a empresa Carl Hoepcke e Cia. desenvolveu as funções supra citadas, comercializando, realizando serviços financeiros e contabilizando numerosas operações comerciais, constituindo por conseguinte uma amostra apreciável das transações comerciais realizadas em Santa Catarina. Carl Hoepcke e Cia. também permaneceu permeável às formas de mercado internacional de distribuição, efetivando operações comerciais compreendidas num circuito de coletagem e de expedições dos grandes centros da época, representadamente pelas praças do Rio de Janeiro, Londres, Hamburgo e New York.

A casa de comércio Carl Hoepcke e Cia. foi uma mola impulsionadora e agilizadora do comércio e da movimentação de capitais, no litoral catarinense, pois em 1898 a empresa contava com um total de 752 clientes registrados, onde participavam outras firmas comerciais das mais variadas naturezas, indústrias artesanais, assim como particulares. Dentro destes 752 clientes que participavam do livro de conta-corrente da empresa, foi possível identificar as sedes de um total de 514 clientes, como demonstra o Quadro II.1 Como se vê, 489 clientes eram de Santa Catarina, com a maior parte deles pertencendo ao Litoral Centro num

total de 53 % dos clientes, em seguida vem o Litoral Norte com 32 % dos clientes, Litoral Sul com 10 % deles e os clientes estrangeiros abrangendo 3 % do total deles, e por último os clientes extra-estaduais com 2 % do total.

QUADRO - II.

CLIENTES DA EMPRESA CARL HOEPCKE E CIA.

IDENTIFICADOS NO ANO DE 1898

LOCAL	NÚMERO DE CLIENTES	% DO TOTAL
Estrangeiros	13	3 %
Extra-Estadual	12	2 %
Litoral Centro	270	53 %
Litoral Norte	166	32 %
Litoral Sul	53	10 %
T O T A L	514	100 %

Fonte: Livro Diário de 1898 de Carl Hoepcke e Cia., in Arquivo de Carlos Hoepcke S/A (posteriormente usado como A.CH).

O total de clientes da empresa no ano de 1898 foi de 752, mas o total identificado por região foi de 514, restando um saldo de 238 clientes não identificados. Portanto os clientes localizados atingiram a ordem de 68 % do total dos mesmos, concentrando boa parte da demanda dentro do litoral catarinense, e dentro dos clientes não localizados observou-se a ordem de 32 % da soma total.

Uma das características do comércio da empresa Carl Hoepcke e Cia., residia nos signos monetários transacionados nas trocas a curta e a longa distância, refletindo sobretudo o setor de circulação de capitais e mercados de Santa Catarina. Os clientes estrangeiros apresentavam um saldo negativo de Rs. 1.937:681\$192, e era onde se realizavam as contas com maior volume de capitais transacionados. Os clientes litoral-centro somam um saldo negativo de Rs 611:960\$059, demonstrando que a grande quantidade de clientes da zona de Desterro e arredores tinha a dever algum valor. O Litoral Norte refletiu um saldo de Rs 731:318\$552 negativos, isto é, também a favor da empresa. Enquanto que no Litoral Sul as contas demonstram um saldo positivo no valor de Rs 1.004:790\$555, contra a empresa Carl Hoepcke e Cia.. Portanto a soma dos saldos resultou no valor de Rs 1.537 : 046\$803 negativos, em favor de Carl Hoepcke e Cia.

QUADRO - II. 2

SALDOS DOS CLIENTES DA EMPRESA CARL HOEPCKE E CIA.

LOCAL	DÉBITO Rs	CRÉDITO Rs	SALDO Rs	VALOR EM £ (9,08)
Estrangeiros	3.566:139\$221	1.628:458\$029	-1.937:681\$192	213.401,0
Extra-Estaduais	381:794\$470	424:389\$840	+ 42:595\$370	46.911,2
Litoral Centro	1.520:548\$865	908:588\$806	- 611:960\$059	67.396,4
Litoral Norte	1.964:666\$452	1.233:347\$900	- 731:318\$552	80.541,6
Litoral Sul	414:916\$455	1.419:707\$010	+1.004:770\$555	110.657,5
TOTAL	-	-	- 489:660\$878	53.927,4

FONTE: Livro Diário de 1898 de Carl Hoepcke e Cia., in. Arquivo de Carlos Hoepcke S/A.

Este quadro revela que no expediente de 1898 os clientes estrangeiros receberam mais, por isso tornaram-se devedores da empresa Carl Hoepcke. Com o sistema de pagamento adiantado que se praticava quando se efetivava uma encomenda, estabeleceu crédito da Carl Hoepcke no presente ano. Os clientes extra-estaduais forneceram mais que compraram e por isso tornaram-se credores da empresa. Os clientes do litoral centro receberam mais mercadorias que forneceram e por isto tornaram-se devedores da empresa, no referido ano, assim como o litoral norte. Por outro lado, o Litoral Sul forneceu mais do que recebeu, e efetivou-se como credor da empresa. Com isso a empresa Carl Hoepcke e Cia. apareceu no ano de 1898 com um saldo de clientes devedores de Rs 1.537:385\$925, restou os valores a serem saldados no próximo ano de Rs 489:660\$878. Esta situação demonstrou que no ano de 1898 a empresa tinha a receber os valores de £ 55.927,4 em libras esterlinas, em mercadorias ou em algum outro valor de direito de alguns clientes.

Grande parte da estrutura comercial da empresa estava relacionada com uma clientela de pequeno porte, que absorvia 90 % das transações comerciais. E por isso pode-se relacionar o seguinte, que o total de clientes que realizou transações comerciais de até Rs 1.000:000\$000 eram em número de três; que o total de clientes com transações comerciais inferiores a Rs 100:000\$000 eram em número de quatorze. Com isso os clientes com transações comerciais inferiores a Rs 50:000\$000 era de quatrocentos e oitenta, totalizando os quinhentos e quatorze clientes.

Pode-se concluir que no expediente de 1898, grande parte do circuito de operações de trocas tinha sido feita com pequenos clientes. No quadro que segue observa-se que os clientes com transações comerciais superiores a Rs 1.000:000\$000 são os estrangeiros, entre os quais dois alemães e um inglês.

QUADRO - II. 3

CLIENTES COM TRANSAÇÕES NO  
VALOR DE Rs 1.000:000\$000

NOME	DEBITO Rs	CRÉDITO Rs	TOTAL Rs	TOTAL £
Brasilianicke Banck <sup>1</sup>	732:736\$260	634:141\$448	1.366:877\$768	150.537,1
G.W. Gross <sup>2</sup>	820:422\$111	371:474\$994	1.191:897\$105	131.266,2
Haller Soler <sup>1</sup>	920:233\$730	177:067\$525	1.097:291\$255	120.847,0

FONTE: Ibid. Livro Diário de 1898, in A.CH.

1. Alemanha

2. Inglaterra

Como a empresa Carl Hoepcke e Cia. tinha como base uma casa comercial eminentemente importadora acredita-se que justificadamente as grandes operações comerciais eram realizadas com o estrangeiro, principalmente com a Alemanha, com quem mantinha íntimo relacionamento comercial, e a Inglaterra, a grande praça comercial da época.

Dentro da clientela que realizava transações comerciais no valor de Rs 100:000\$000, cujo número era dezes seis, estabeleceu-se dividi-los segundo a localização, a começar pelos clientes estrangeiros, cujo total de transações atingiu o volume maior, posteriormente os Extra-Estaduais, Litoral Centro, Litoral Norte e Litoral Sul por último.

QUADRO - II. 4

CLIENTES ESTRANGEIROS COM TRANSAÇÕES  
NO VALOR DE Rs 100:000\$000

NOME	DÉBITO Rs	CREDITO Rs	TOTAL Rs	TOTAL £
G. Wellmann <sup>1</sup>	442:955\$078	66:193\$596	509:148\$674	56.073,6
London. Brazilian Banck <sup>2</sup>	217:062\$180	193:190\$730	410:252\$910	45.182,0
W. Grallert <sup>1</sup>	232:235\$707	95:647\$442	327:883\$149	36.110,4
Central Agency <sup>3</sup>	47:851\$260	101:436\$580	149:287\$840	16.441,3

FONTE: Livro Diário de 1898, in A.CH.

1. Alemanha
2. Inglaterra
3. Estados Unidos

Os clientes Extra- Estaduais somam o número de dois, localizados no Rio de Janeiro.

## QUADRO - II. 5

CLIENTES EXTRA-ESTADUAIS COM TRANSAÇÕESNO VALOR DE Rs 100:000\$000

NOME	DÉBITO Rs	CÉDITO Rs	TOTAL Rs	TOTAL £
Soutto Maior Cia. <sup>1</sup>	213:605\$170	221:102\$540	434:707\$710	47.875,2
Cia. Confiança Ind. <sup>1</sup>	46:696\$440	88:711\$780	135:408\$220	14.912,8

FONTE: Livro Diário de 1898, in. A.CH.

1. Rio de Janeiro :

No Litoral Centro observaram-se dois clientes de Desterro e um de Tijucas, com transações comerciais de valor a Rs 100:000\$000. No Litoral Norte se concentram oito clientes, dentre os quais três eram de Blumenau, três de Itajaí e dois do extremo norte, Joinville. O Litoral Sul não possuía clientes que efetivaram transações neste valor.

Analisando o seguinte quadro, este revela que nas transações comerciais no valor supra-citado, concentram-se preferencialmente clientes do Litoral Norte, por ser nesta zona que se localizavam as indústrias artesanais catarienses.

## QUADRO - II. 6

CLIENTES DO LITORAL CENTRO E NORTE COM TRANSAÇÕESNO VALOR DE Rs 100:000\$000

NOME	DÉBITO Rs	CRÉDITO Rs	TOTAL Rs	TOTAL £
F.Y. Buch <sup>1</sup>	110:291\$840	39:485\$360	149:777\$200	16.494,7
Francisco Cabral Cia. <sup>1</sup>	83.692\$000	32:889\$630	116:581\$640	12.839,3
Benjamim Gallotti <sup>2</sup>	68:365\$880	46:827\$740	115:193\$620	12.685,4
Nicolau Malburg <sup>3</sup>	125:136\$285	150:011\$950	284:148\$235	31.293,8
Gustav Salinger Cia. <sup>4</sup>	150:615\$330	64:877\$460	215:492\$790	23.732,6
Marcos Konder <sup>3</sup>	113:985\$330	91:408\$470	205:393\$800	22.620,0
Hugo Von Frankeburg <sup>5</sup>	87:858\$790	100:560\$210	188:419\$000	20.750,8
Assen <del>burg</del> e Willerding <sup>3</sup>	86.289\$330	51:027\$330	137:327\$660	15.124,1
Cia. Industrial <sup>5</sup>	103:397\$210	11:533\$630	114:930\$840	12.657,5
Yens Yensen <sup>4</sup>	105.562\$456	8:783\$200	114:345\$656	12.593,1
Bramber Cia. <sup>4</sup>	107:902\$900	607\$500	108:510\$400	11.950,4

FONTE: Livro Diário 1898, in A.CH.

1. Desterro
2. Tijucas
3. Itajaí
4. Blumenau
5. Joinville

Posteriormente dividiu-se os clientes com transa



ções comerciais com valores inferiores a Rs 100:000\$000, somando um total de quatorze clientes. Uniu-se Estrangeiro e Nacionais.

QUADRO - II. 7

CLIENTES ESTRANGEIROS E EXTRA-ESTADUAIS COM TRANSAÇÕES INFERIORES AO VALOR DE Rs 100:000\$000

NOME	DÉBITO Rs	CRÉDITO Rs	TOTAL Rs	TOTAL £
Queiroz Cia. <sup>1</sup>	65:136\$880	8:032\$230	73:169\$110	8.058,2
London Hanseatic Banck <sup>2</sup>	65:524\$910	1:006\$250	66:531\$160	7.327,2

FONTE: Livro Diário de 1898, in A.CH.

1. Rio de Janeiro

2. Inglaterra

Os outros clientes com esta natureza de valor espalham-se no litoral catarinense. No Litoral Centro observou-se o total de quatro clientes de Desterro. No Litoral Norte os clientes somam o número de quatro, divididos entre Blumenau, Joinville e Nova Trento. No Litoral Sul observou-se também o número de quatro clientes, todos de Laguna.

## QUADRO - II. 8

CLIENTES DO LITORAL CENTRO, NORTE E SUL COM TRANSAÇÕES IN-  
FERIORES AO VALOR DE Rs 100:000\$000

NOME	DÉBITO Rs	CRÉDITO Rs	TOTAL Rs	TOTAL £
Campos Lobo Cia. <sup>1</sup>	34:669\$350	44:953\$490	79:022\$840	8.702,9
Carlos Mayer <sup>1</sup>	31:600\$160	34:353\$490	65:953\$650	7.263,6
Viuva Ebel e Filhos <sup>1</sup>	31:035\$240	21:702\$000	60:737\$240	6.689,1
Rosa Medeiros Santos <sup>1</sup>	27:234\$770	29:420\$570	56:651\$340	6.239,1
Francisco Gottardi Primo <sup>2</sup>	63:591\$600	26:062\$100	89:537\$700	9.860,9
Luiz Altemburg <sup>3</sup>	58:449\$230	26:268\$100	84:717\$330	9.330,1
Carlos Weege <sup>3</sup>	30:562\$450	23:978\$200	54:540\$650	6.006,6
Mathis Bohn Cia. <sup>4</sup>	28:669\$410	20:468\$740	44:138\$150	5.411,6
Fernando Teixeira Filho <sup>5</sup>	31:029\$980	51:967\$430	82:997\$410	9.140,6
F. Cabral Filho <sup>5</sup>	33:875,530	35:578\$730	69:454\$260	7.649,1
Vieira Martins Bessa <sup>5</sup>	32:310\$460	27:713\$000	60:023\$460	6.610,5
Brade Cia. <sup>5</sup>	33:240\$610	23:876\$070	57:116\$680	6.290,3

FONTE: Livro Diário de 1898, in A.CH.

1. Desterro
2. Nova Trento
3. Blumenau
4. Joinville
5. Laguna

Esta amostra relativa às áreas internacional, extra-estadual, centro, norte e sul de Santa Catarina, refletiu onde se concentravam as principais transações comerciais com a firma Carl Hoepcke e Cia., no expediente de 1898, nos valores em Real e em Libra Esterlina. Notou-se a predominância das transações com o estrangeiro em valor e em movimentação de capitais. Além disso, Carl Hoepcke e Cia., no ano de 1898, arregimentou parte dos grandes comerciantes catarinenses, espalhados pelo litoral, realizando operações comerciais com eles. Sendo assim, como grande parte dos clientes catarinenses era composta por firmas de pequeno porte, agiu como distribuidor, perfazendo operações de cabotagem, e de expedições para os grandes centros internacionais e seu papel de agente junto à praça de Desterro, das praças de Londres, Hamburgo e New York. O constante contato com o comércio alemão, mostrou a infiltração de capitais alemães em Santa Catarina. Através das contas correntes, notou-se a segurança do desenvolvimento do ato comercial para o ano inteiro, em todo o circuito de ação da empresa Carl Hoepcke e Cia.

No quadro de clientes totais da empresa Carl Hoepcke e Cia., as transações comerciais efetivadas no expediente de 1898, os clientes estrangeiros movimentaram o maior volume de capitais em Reais ou em Libras Esterlinas. Acredita-se que estes clientes eram na realidade quem mais forneciam mercadorias ou valores comerciais e, por isso, agilizavam maior volume de transações comerciais. O comér-

cio com o estrangeiro revelou ser realizado com laços estreitos com a Alemanha, Já o comércio extra-estadual pareceu de menor monta e pouco intenso, cujos valores em Real ou em Libras foram menores em relação a outras regiões. Com o Litoral Centro o movimento de capitais e transações comerciais foram intensos. Acredita-se que a casa comercial 'Carl Hoepcke' abastecia uma rede de pequenos comerciantes, efetivando trocas e absorvendo os produtos agrícolas que esta região podia fornecer. O mesmo sucedeu com o Litoral Norte, região que aglomerava o centro das indústrias artesanais catarinenses, travou relações comerciais de valor considerável com Carl Hoepcke. O Litoral Sul, que também costumava abastecer seu centro comercial com produtos de Desterro, realizou um comércio movimentado com Carl Hoepcke e Cia.

QUADRO - II. 9

CLIENTES DA EMPRESA CARL HOEPCKE E CIA. E  
O VALOR TOTAL DE TRANSAÇÕES COMERCIAIS

NOME	DÉBITO Rs	CRÉDITO Rs	TOTAL Rs	TOTAL £
Estrangeiros	3.566:139\$221	1.628:458\$029	5.194:597\$250	572.092,2
Extra-Estaduais	381:794\$470	424:389\$840	806:184\$310	88.786,8
Litoral Centro	1.520:548\$865	908:588\$805	2.429:137\$671	267.526,1
Litoral Norte	1.964:666\$452	1.233:347\$900	3.198:014\$352	352.204,2
Litoral Sul	414:916\$455	1.419:707\$010	1.834:623\$465	202.051,0

FONTE: Livro Diário de 1898, in A.CH.

Ao que tudo indica, no expediente de 1898, a em presa realizou transações comerciais de tal monta, garantindo assim para o próximo ano o circuito contínuo de comércio assegurado para a empresa.

B - Histórico da Empresa Carl Hoepcke e Cia

As raízes da empresa Carl Hoepcke e Cia se estendem para mesmo antes da chegada de Carl Hoepcke no Brasil<sup>1</sup>. De fato a história da empresa começa com um outro imigrante Fernand Hackradt, que se estabeleceu em Desterro como comerciante. Não se sabe o ano que Hackradt chegou em Santa Catarina, mas que ele já estava aqui quando Hermann Blumenau desembarcou em Desterro em 1848 e pediu à Assembléia Provincial a concessão para a constituição de uma colônia de alemães, na região do Itajaí-Açu<sup>2</sup>. Hermann Blumenau encontrou Fernand Hackradt em Desterro e os dois associaram-se<sup>3</sup> e formaram a sociedade que requereu a concessão pleiteada.

Respeitável comerciante em Desterro, Fernand Hackradt era também Vice - Cônsul do Império Germânico em

---

<sup>1</sup>PIAZZA, Walter Fernando. A Modernização e as Elites Emergentes: A Contribuição Alemã. Blumenau, Editado pela Fundação Dr. Blumenau, 1975, p. 23.

<sup>2</sup>CABRAL, História de Santa Catarina, p. 216

<sup>3</sup>PIAZZA, A Modernização e as Elites Emergentes, p. 23

Desterro <sup>4</sup>, capital da Província de Santa Catarina. Possuía uma casa comercial Fernand Hackradt e Cia, do tipo varejista e exportadora de produtos da província <sup>5</sup>. Ele compra de Ulrico Haeberle uma loja de fazendas, estabelecida ã rua Príncipe nº 34. O primeiro balanço ainda existente da empresa data de 15 de maio de 1857, onde Fernand Hackradt possuía um capital de Rs 9:647\$206. Em 4 de dezembro de 1863 fundou-se uma sociedade constituída por Fernand Hackradt e Andre Ebel <sup>6</sup>.

Neste interim Carl Hoepcke, sobrinho de Fernand Hackradt, desembarcou na Colônia Blumenau em 1863, onde estabeleceu-se como colono proprietário de um lote de terra, às margens do Ribeirão Garcia <sup>7</sup>. Carl Hoepcke nasceu em Strissa, na Alemanha a 23 de junho de 1844. Veio para o Brasil com dezenove anos, acompanhado de sua mãe e de seu irmão Paul de quatorze anos. Primogênito da família, Carl Hoepcke tomou para si a responsabilidade da família, com a morte de seu pai na Alemanha. Exerceu inicialmente as ati-

---

<sup>4</sup> JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, 2 de nov. 1881, p.4 ,  
c. 2

<sup>5</sup> JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, 26 de fev. 1881, p. 3, c. 4

<sup>6</sup> SILVA, Aderbal Ramos. Histórico da Firma Carl Hoepcke. in Arquivo de Carlos Hoepcke S.A. p. 1

<sup>7</sup> PIAZZA, A Modernização e as Elites Emergentes, p. 23

vidades de colono, mas logo que pode desenvolveu em Blumenau e arredores atividades de vendedor ambulante, "negociando eventuais excedentes agrícolas e estabelecendo trocas"<sup>8</sup>.

Em 1866, seu tio Fernand Hackradt, convidou-o para ser guarda-livros. Iniciando a prática da nova profissão, Carl Hoepcke tomou a iniciativa de ampliar e modificar os negócios do tio. Com o correr do tempo Hackradt gradativamente cedia os negócios ao sobrinho, modificou assim a casa comercial, passando do comércio varejista para atacadista e ampliou o ramo de exportação, diversificando também para a importação das mais diversas praças nacionais, européias e norte-americana, fretando para este fim navios à vela<sup>9</sup>. A 5 de novembro de 1868, foi dissolvida a sociedade entre Fernand Hackradt e Andre Ebel, constituindo-se assim uma nova sociedade composta por Fernand Hackradt e os irmãos Carl e Paul Hoepcke, com a seguinte distribuição de lucros: Fernand Hackradt 50%, e os irmãos Hoe

---

<sup>8</sup> LIMA, Heitor de Souza. Entrevista concedida a Lígia Czesnat, em outubro de 1979, depositada no Laboratório de História Oral da Universidade Federal de Santa Catarina, sob o registro P.G.03 - N. 0222

<sup>9</sup> PIAZZA, A Modernização e as Elites Emergentes, p. 23



pcke com 50% <sup>10</sup>. Em 1 de dezembro de 1871, Hackradt retirou-se da sociedade, sendo substituído pelo filho Fernando Hackradt Júnior, que continuou o negócio com os irmãos Hoepcke. No balanço de 31 de dezembro de 1873, apareceu pela primeira vez o nome Fernando Hackradt e Cia <sup>11</sup>. Conforme consta no balanço de 1 de julho de 1877, Fernando Hackradt Júnior possuía 50% do capital da firma, com o resto dividido igualmente entre Carl e Paul. Pelo ano 1881, Carl Hoepckese tornou o maior acionista da firma, participando com 40% dos lucros, com 30% para Paul e 30% para Hackradt Júnior. Com a intromissão gradativa de Carl Hoepcke nos negócios do primo, finalmente em 1 de agosto de 1882, organizou-se a empresa Carl Hoepcke e Cia, extinguindo-se o antigo contrato social. Formou-se então uma nova firma, com novos sócios Carl Hoepcke, Paul Hoepcke e Carl Scharff, onde as obrigações sociais eram garantidas pela responsabilidade ilimitada e solidária dos mesmos. Era também constituída de um sócio comanditário, Fernando Hackradt Júnior, onde as obrigações sociais eram garantidas pela responsabilidade limitada deste sócio <sup>12</sup>. A finalidade da nova sociedade, era a continuação da antiga firma "Fernando Hackradt e Cia", e para tal

---

<sup>10</sup> SILVA, Histórico da Firma Carl Hoepcke, p. 1

<sup>11</sup> Ibid. p. 1

<sup>12</sup> Ibid. p. 2

assumiu a nova firma Carl Hoepcke e Cia. todo o ativo e passivo da empresa sucedida. O cabedal era constituído em: Carl Hoepcke com Rs 123:207\$840, Paul Hoepcke com Rs 115:536\$460, Carl Scharff com Rs 19:525\$700 e Fernando Hackradt Júnior com Rs 234:000\$000, num total de Rs 492:270\$000 de capital <sup>13</sup>.

Em 30 de dezembro de 1890 retirou-se o sócio Carl Scharff, e as reservas da empresa somavam Rs 170:858\$000 <sup>14</sup>. Os demais sócios continuaram, e em dezembro de 1890, os lucros foram distribuídos na seguinte base: Carl Hoepcke com 53% dos lucros, Paul Hoepcke com 32%, e Fernando Hackradt Júnior com 14% dos lucros. Mas a 31 de maio de 1892, o sócio Paul Hoepcke retirou-se da sociedade solidária e passou a ser comanditário em 1 de junho deste mesmo ano. Com estas modificações, o primeiro balanço desta nova empresa consta a 1 de setembro de 1893 o seguinte: o sócio solidário Carl Hoepcke com Rs 977:428\$540, e os sócios comandatários Paul Hoepcke com Rs 234:000\$000 e Fernando Hackradt Júnior com Rs 234:000\$000 de lucros. O capital desta nova sociedade era de Rs 1.000:000\$000, sendo que Rs 468:000\$000 eram dos dois sócios comanditários em partes iguais e Rs 532:000\$000 do sócio solidário Carl Hoepcke.

<sup>13</sup> SILVA, Histórico da Firma Carl Hoepcke, p. 2

<sup>14</sup> JORNAL A REPÚBLICA. Desterro, 1 fev. 1891, p. 3, c.4

Esta nova sociedade durou seis anos, quando então sofreu nova reestruturação. Em 31 de outubro de 1889,<sup>99</sup> retiraram-se da sociedade os dois sócios comanditários, ficando em poder da empresa as reservas que somavam Rs 545:720\$900, entre contas de juros, despesas de negócios e contas duvidosas. Entram como novos sócios solidários Carl Hoepcke Júnior e Carl Malburg, genro de Carl Hoepcke Sênior, a 1 de janeiro de 1899<sup>15</sup>. No balanço desta mesma data consta os capitais distribuídos da seguinte maneira : Carl Hoepcke Sênior com Rs 1.712:332\$980, Carl Hoepcke Júnior com Rs 110:500\$000 e Carl Malburg com Rs 70:000\$000 dos lucros, cujo montante total somava Rs 1.892:832\$980.

A empresa Carl Hoepcke e Cia. assumiu características nitidamente clânicas, com a incorporação de membros da família no seio da sociedade<sup>16</sup>.

De 1899 até 1915 os componentes da empresa foram os mesmos, entrando em 1916 Max Hoepcke como sócio solidário, sem que fosse possível encontrar o contrato probatório<sup>17</sup>. Mas, no entanto desde 1898 até 1913 foi credita-

---

<sup>15</sup> JORNAL A REPÚBLICA. Desterro, 22 abr.1892, p.3, c.2

<sup>16</sup> SILVA, Histórico da Firma Carl Hoepcke, p. 3

<sup>17</sup> Ibid.p. 4

<sup>18</sup> Ibid. p. 4

do 1/6 dos lucros da empresa para Max Hoepcke, sem que o mesmo fizesse parte da firma <sup>18</sup>.

Carl Hoepcke distinguiu-se como comerciante na comunidade por sua capacidade gerencial, sendo muitas vezes requisitado para formar comissões representativas junto ao Governo Provincial para solucionar problemas de Desterro <sup>19</sup>. O governo alemão também o nomeou Cônsul em Santa Catarina, portanto respondia pelos interesses da Alemanha no Brasil <sup>20</sup>. Sob a liderança de Carl Hoepcke, a empresa inaugurou uma escalada ascendente, de onde de mera empresa de características mercantis, transformou-se em uma firma comercial e industrial, com a criação de duas fábricas, a de gelo e a de pregos, conforme será visto mais tarde. Mais o grupo Carl Hoepcke era acima de tudo um grupo comercial, cujas bases estavam acentadas sobre uma potentíssima casa comercial que mantinha relações de negócios no Brasil e no estrangeiro. Assinalou por conseguinte, um procedimento acentuadamente mercantil. Os negócios de importação foram especialmente lucrativos para a expansão da empresa. Repartiram-se várias atividades entre o ramo do comércio, ramo financeiro e o ramo da indústria.

---

<sup>18</sup> SILVA, Histórico da Firma Carl Hoepcke, p. 4

<sup>19</sup> Ibid. p. 4

<sup>20</sup> JORNAL A REPÚBLICA. Desterro, 6 dez 1889, p.3, c.1

No ramo do comércio, a empresa operava em larga escala como importadores-exportadores e representantes comerciais <sup>21</sup>. A firma possuía grande estoque de produtos importados da Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos, pois atuavam como atacadistas no mercado da Capital. Os produtos que ofereciam eram distribuídos em seções:

- Seção de fazendas, onde se encontravam várias qualidades como morins, brim, algodão, casimira inglesa, chitas, riscadinho, lansinha, pura-lã, etc. <sup>22</sup>;
- Seção de drogarias, com perfumes, águas de colônia, extratos, leites diversos, brilhantinas, cremes, cosméticos, batões, pós, pastas para barba, dentrífícios, escovas para unhas, cabelos e dentes, lápis, sabonetes, dermatografia, redes para cabelo, rouge, talcos, tônicos para cabelos, etc.;
- Seção de louças, com aparelhos para café e jantar completo e geralmente inglesa <sup>23</sup>;

---

<sup>21</sup> WRIGT, Impressões do Brasil no Século XX, p. 1006

<sup>22</sup> JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, Jan/dez. 1887, p. 3, c. 1 a 4 (Seção da Alfândega)

<sup>23</sup> LIMA, Heitor de Souza. Entrevista concedida à Lígia Czesnat, em maio de 1979, depositado no Laboratório de História Oral da Universidade Federal de Santa Catarina, sob o registro P.G. 03 - N 0222

- Seção de ferragens, com escalas, esquadros, furadores, badames, lâpis, níveis, tornos, travadeiras, verrumas, enchões, plainas, martelos, puas, enchadas, raspadeiras para pedreiros, prunos, colheres, forjas, brocas, compaços, torquezes, talhadeiras, etc.;
- Seção de cutelaria;
- Seção de encomendas e expedições, onde se efetuavam as encomendas dos artigos que ofereciam e as eventuais entregas;
- Seção de despachos e cobrança, onde se estabeleciam toda parte administrativa e contábil da empresa.

Ainda possuíam artigos para navios e estiva com aparelhamento para construção, consertos e reformas de navios até 1.100 toneladas <sup>24</sup>. Artigos para cozinha, pintura e construção em geral. A empresa importava grande parte dos artigos que oferecia da Europa, "seu representante e interessado comercial estava sediado em Hamburgo, W. Grallert" <sup>25</sup>, que os adquiria. A casa comercial também possuía representações e eram correspondentes de vários bancos estrangeiros e suas filiais em Santa Catarina: Brasilianisch

---

<sup>24</sup> WRIGT, Impressões do Brasil no Século XX, p. 1019

<sup>25</sup> BONASSIS, João Baptista. Entrevista concedida à Lígia Czesnat, em maio de 1979, depositado no Laboratório da Universidade Federal de Santa Catarina, sob o registro P.G. 03-N.0222

Banck Fdr Deutschland, da Alemanha, Deutsche Banck, de Berlim; Deutsche Uebersgeische Banck, de Berlim; London Brazilian Banck Ltd, da Inglaterra; London Hanseatic Banck, também da Inglaterra; Central Agency, dos Estados Unidos; Banco Alemão Trasatlântico, sediado no Rio de Janeiro; e o Banco da Província do Rio Grande do Sul, no Rio Grande do Sul. Somou um total de nove bancos, dentre a relação apurada de 1898 até 1913. Destes bancos apenas o London Hanseatic e a Central Agency deixaram de constar na relação de 1913, apurada por Wrigt<sup>26</sup>. A conveniência de obterem representações de bancos estrangeiros apresentou-se como uma unidade variável comercial e financeira de muitas naturezas. Pois a seção bancária constituía a permanência de capitais de terceiros no balanço da sociedade, sem contar os âgios cobrados. Assim como podiam enviar as remessas de poupanças dos imigrantes alemães para a Alemanha, todos que negociavam com a firma passavam obrigatoriamente pela seção bancária do grupo Hoepcke, quando estabeleciam relações comerciais com a empresa. O sistema de conta - corrente dos clientes da firma, obedeceu ao seguinte esquema "os que

---

<sup>26</sup>WRIGT, Impressões do Brazil no Século XX, p. 1018

tinham a haver eram pagos com juros semestrais de 6%, portanto 1% ao mês e 12% ao ano, os que tinham a dever pagavam juros de 12% ao ano, isto é, 2% ao mês e 24% ao ano" <sup>27</sup>. Isto permitiu ao grupo estruturar-se funcionalmente no plano legal e desdobrar-se em novos setores de atividades sem a necessidade de arrolar novos capitais ou descapitalizar os setores existentes.

Além dos bancos, a empresa Carl Hoepcke e Cia. era representante comercial de empresas estrangeiras como Hamburg Sudamerikanich, Dampfschiffahrt's Gesellschaft, Norddeutscher Uerechermmgs Gesellschaft, Nordeutscher Lloyd, G. W. Grosss, da Alemanha; Standard Oil Company of Brazil e Singer e Cia., dos Estados Unidos; Prince Line, da Inglaterra <sup>28</sup>. Destas empresas, cinco eram alemãs, duas norte-americanas e uma inglesa, demonstrando o estreito laço comercial existente entre Carl Hoepcke e sua pátria, a Alemanha.

Embora Carl Hoepcke e Cia. constituísse uma empresa eminentemente importadora, também atuou como exporta

---

<sup>27</sup> LIMA, Heitor de Souza. Entrevista concedida à Lígia Czesnat, em outubro de 1979, depositado no Laboratório de História Oral da Universidade Federal de Santa Catarina, sob o registro P.G. 03-N 0222.

<sup>28</sup> WRIGHT, Impressões do Brasil no Século XX, p. 1018.



dora de alguns produtos catarinenses. Constam na pauta de exportação da empresa, artigos como café, fécula de mandioca e couro, sendo no entanto desconhecidas as praças que absorviam tais produtos <sup>29</sup>. A importação se fazia, ora diretamente da fonte expedidora, como Alemanha, Inglaterra, ou os Estados Unidos, ora via Rio de Janeiro <sup>30</sup>. Os artigos importados abasteciam todas as seções comerciais da casa comercial.

Para solucionar o problema de distribuição de transporte, Carl Hoepcke fundou em 1895 a Empresa de Navegação Hoepcke, para o comércio de cabotagem. Inaugurou a empresa com a aquisição do vapor Max <sup>31</sup>. Em 1905 a empresa de navegação adquiriu o vapor Meta <sup>32</sup>, e em 1909 o vapor Anna e o cutter Oriental <sup>33</sup>, e em 1912 os lanchões Faia e Dous Oceanus <sup>34</sup>. Portanto a empresa contava com seis embar

---

<sup>29</sup> JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, 28 março 1889, p. 1, c. 1 a 3

<sup>30</sup> JORNAL DO COMMERCIO. Desterro, Jan./dez. 1887 a 1888 (Relatório da Alfândega)

<sup>31</sup> PIAZZA, A Modernização e as Elites Emurgentes, p.24

<sup>32</sup> Livro Diário. Balanço de 1905, p. 279. in. Arquivo de Carlos Hoepcke S/A (A.CH).

<sup>33</sup> Livro Diário. Balanço de 1909, p. 534. A.CH

<sup>34</sup> Livro Diário. Balanço de 1912, p. 512. A.CH

cações em 1913, onde os lanchões traziam as mercadorias dos navios que atracavam em Ratoles para Desterro. "Quando os lanchões chegavam em Desterro, desembarcavam as mercadorias nos vagonetes sob trilhos, dos trapiches da empresa. Os vagonetes se dirigiam diretamente para os depósitos da empresa"<sup>35</sup>. Em 1913 os vapores da empresa de navegação fizeram as seguintes viagens: o Max, trinta e duas viagens para Laguna, percorrendo 3.840 milhas e trinta e seis viagens para Paranaguá com 9.720 milhas, consumindo 890 toneladas de carvão, 845 quilos de lubrificantes e 436 quilos de estopa. O vapor Meta fez trinta e quatro viagens para Laguna com 4.080 milhas, percorreu 5.940 milhas para São Francisco, consumindo 709 toneladas de carvão, 670 quilos de lubrificantes e 390 de estopa. O vapor Anna fez doze viagens para Laguna, percorrendo 1.440 milhas e dezesseis viagens com 16.710 milhas para o Rio de Janeiro, gastando 1.089 toneladas de carvão. 1.365 quilos de lubrificantes e 512 quilos de estopa<sup>36</sup>. Com os vapores a empresa mantinha servi-

---

<sup>35</sup> LIMA, Heitor de Souza. Entrevista concedida a Lígia Czesnat, em outubro de 1979, depositada no Laboratório de História Oral da Universidade Federal de Santa Catarina, sob registro P.G. 03-N. 0222

<sup>36</sup> Arquivo Público do Estado de Santa Catarina (posteriormente usado como A.P.E./SC). Relatório do Governo de Estado Vidal José de Oliveira Ramos, pelo Se-

ços regulares entre os portos de Santa Catarina, com escala nos portos de Itajaí, São Francisco do Sul, Laguna e Araranguá <sup>37</sup>. Ainda mantinha semestralmente contato com os portos extra-estaduais, como os de Paranaguá (no Paraná), Santos (em São Paulo), e Rio de Janeiro (no Rio de Janeiro). No Relatório do Governo de Vidal Ramos a empresa de navegação Hoepcke, foi citada como uma empresa de navegação que prestou grandes serviços para o Estado de Santa Catarina, principalmente para o sul do Estado, "cujo progresso deve em grande parte aos navios que frequentavam o porto de Laguna" <sup>38</sup>, caracterizada pela disciplina e rigorosa pontualidade que mantinha suas linhas.

Em 1907, o grupo Hoepcke construiu o Estaleiro Arataca <sup>39</sup>, localizado na Rita Maria na Capital. O grupo desenvolveu a partir daí as atividades de armador, equipando, aparelhando, reformando, consertando e construindo navios de até 1.100 toneladas. Este estaleiro possuía também um grande depósito de carvão. A atividade de armador veio atender às necessidades da companhia e da comunidade.

---

cretário Geral Gustavo Lebon Regis. Florianópolis, Maio de 1914, p. 274.

<sup>37</sup> JORNAL ALBOR. Laguna, 30 setem. 1904, p.3, c.1 (nº 103)

<sup>38</sup> A.P.E./SC. Relatório do Governo do Estado, 1914, p. 119

<sup>39</sup> WRIGT, Impressões do Brazil no Séclo XX, p. 1008

de, neste setor. Pois por seu intermédio a Companhia Nacional de Navegação Hoepcke garantia um meio mais eficiente de comunicação com outros portos do Estado e de outros Estados do País.

Além da empresa desenvolver este negócio, distinguiu-se por outra variável econômica, que foi a indústria, mostrando a presença de um mercado potencialmente capaz de absover os produtos fabricados. No ramo indústria, o grupo amplia seu patrimônio estendendo-se em algumas fábricas. Em 6 de junho de 1896, fundou a Fábrica de Pregos <sup>40</sup>, tipo "ponta paris", arame farpado e grampos para cercas, estabelecida na Rita Maria. Em 1903 estabeleceu-se a Fábrica de Gelo <sup>41</sup>, e em 1917 foi adquirido de Ricardo Ebel a Fábrica de Rendas e Bordados <sup>42</sup>. A Empresa Carl Hoepcke e Cia tornou-se um complexo econômico, acumulando atividades comerciais, financeiras e industriais. Continuou ampliando seu patrimônio com a aquisição de casas para operários na Rita Maria e no mesmo local os Armazéns Moreira e Ouvidor em 1902 <sup>43</sup>. Em 1903 adquiriu ainda na Rita Maria o Arma -

f. 86?

<sup>40</sup> KILLIAN, Frederico. Subsídios a Crônica de Blumenau. Blumenau em cadernos. XX, 2:37 (fev. 1979)

<sup>41</sup> Livro Diário. Balanço de 1903, p. 454, A.CH

<sup>42</sup> PIAZZA, A Modernização e as Elites Emergentes, p. 24

<sup>43</sup> Livro Diário. Balanço de 1902, p. 42, A.CH

Por mais grosseiros que sejam os dados, mostram com clareza a multiplicidade de atividades empresariais realizadas pelo grupo, quando da entrada decisiva nas atividades industriais. Resumidamente pode-se identificar na história da empresa Carl Hoepcke e Cia, a perspicácia empresarial de Carl Hoepcke, "cuja liderança dos negócios exerceu com mão firme, enquanto viveu" <sup>48</sup>. Ainda que pudesse fazer a administração através de alguns membros da família proprietária, Carl Hoepcke mesmo quem exerceu a maior soma de autoridade e decisões, como o patriarca da família. Considerando todas as instabilidades do mercado nacional, flutuações de oferta e da procura, isto obrigou muitas vezes o empresário brasileiro e catarinense a bruscas mudanças nas programações da empresa, e ação empresarial sob a liderança de um indivíduo foi mais rápida e menos burocrática, e portanto mais elástica <sup>49</sup>. Carl Hoepcke soube articular atividades econômicas diferentes, alicerçou o comércio

---

<sup>47</sup> sa remanescente de Carl Hoepcke e Cia. A. CH

<sup>48</sup> LIMA, Heitor de Sousa. Entrevista concedida a Ligia Czesnat, em outubro de 1979, depositada no Laboratório de História Oral da Universidade Federal de Santa Catarina, sob o registro P.G. 03 - nº. 0222

<sup>49</sup> Cardoso, Empresário Industrial e Desenvolvimento Econômico no Brasil, p. 11

em laços estreitos com o estrangeiro, no tocante às importações, sendo o fomentador do lucro e da riqueza, o caráter comercial da ação econômica. A organização de uma seção bancária, permitiu à companhia acumular capitais para desenvolver outros ramos de atividade econômica, possibilitando a diversificação industrial, embora limitada.

O desenvolvimento ocorrido entre 1902 a 1913 foi significativo, pois deu-se num contexto de dissolução das relações mercantis e pela institucionalização das relações de produção em rápida expansão no contexto catarinense e nacional, decorrente da imigração estrangeira. Inúmeras foram as contribuições dos imigrantes, a nível social e econômico em Santa Catarina. Foram iniciadores do aprimoramento técnico artesanal, modificando a estrutura econômica em Santa Catarina. "A vivência com o comércio internacional, origem do capital com que os imigrantes dinamizaram a vida empresarial catarinense"<sup>50</sup>. A empresa Carl Hoepcke e Cia foi um exemplo de uma empresa comercial e industrial de um imigrante alemão, que soube desenvolver e enriquecer a estrutura econômica catarinense.

---

<sup>50</sup>PIAZZA, A Modernização e as Elites Emergentes,

III - ANÁLISE DA ESTRUTURA CONTÁBIL  
DA EMPRESA CARL HOEPCKE E  
CIA

Sendo uma empresa dinâmica, assim como a economia de um país, os percentuais econômicos nunca são idênticos nem estáticos <sup>1</sup>. Assim, a empresa de comercialização Carl Hoepcke e Cia sofreu durante o período analisado de 1902 a 1913, as alterações econômicas decorrentes da política econômica nacional <sup>2</sup>. Para observar-se a atuação da empresa durante o período de 1902 a 1913, utilizou-se os dados disponíveis encontrados no arquivo da empresa. Somente foram encontrados os relatórios contábeis da empresa Carl Hoepcke e Cia durante o expediente de 1902 a 1913. Portanto não dispondo de outros dados de períodos anteriores ou posteriores, resolveu-se trabalhar com os encontrados. Para a manipulação destes dados, utilizou-se uma série de análises cujo objetivo primordial foi observar a atuação da empresa dentro do contexto econômico catarinense.

---

<sup>1</sup> CRUZ, Oder Lopes da. Análises de Relatórios Financeiros. Rio de Janeiro; Livros Técnicos e Científicos Editora S.A. 1979. p. 1 (134 p.)

<sup>2</sup> Vide Capítulo II, segunda parte.

Estruturou-se em primeiro lugar uma sêrie de análises horizontais da empresa, partindo do enquadramento contábil, adaptando à nomenclatura da época nos termos legais e acadêmicos atualizados, agilizando assim um perfeito entendimento do Ativo e do Passivo da empresa dentro da Nova Lei de Sociedades Anônimas de 1976. A partir do enquadramento contábil foi possível localizar a distribuição proporcional do Ativo Circulante, peça fundamental que demonstrou a capacidade de solvência da empresa durante o período desejado. A análise do Ativo refletiu a evolução das operações mercantes da empresa, acusando o valor das disponibilidades da empresa, em haveres, numerários e em mercadorias.

A mesma atitude tomou-se com o Passivo da empresa que revelou todas as exigibilidades da empresa, a curto e a longo prazo, isto é, os credores da empresa Carl Hoepcke e Cia. A empresa Carl Hoepcke possuía obrigações apenas a curto prazo, indicando a precariedade de suas dívidas ou obrigações. Isto porque não existiu em seus Balanços Contábeis, Obrigações Exigíveis a Longo Prazo demonstrando provavelmente uma política administrativa sem a necessidade de contrair dívidas a longo prazo. Utilizou-se sempre também nestas análises valores com percentuais, sendo 1902 o ano base, assim como uma visão frequencial do problema em intervalos regulares. Um terceiro passo foi a evolução do Patrimônio Líquido da empresa, que permitiu constatar o capital, as reservas, os lucros suspensos, pro



visões, portanto todos os recursos que a empresa injetou na atividade econômica. Para verificar-se o Patrimônio Líquido deflacionou-se o real em libras esterlinas, possibilitando com isso avaliar o valor do Patrimônio da empresa em uma moeda forte e estável da época. Esta operação proporcionou uma análise das disponibilidades da empresa em seus próprios cofres, em bancos nacionais e estrangeiros, cujo resultado foi altamente favorável para a empresa Carl Hoepcke e Cia. Ainda neste grupo de operações foi possível averiguar-se o Capital de Giro de Terceiros e o Capital de Giro Próprio, o Capital de Giro Total da empresa. Daí partiu-se para uma análise comparativa do valor do Capital de Giro Total, onde o Capital de Giro Próprio de Carl Hoepcke e Cia era assegurado por 75,35% do total. Este bloco de análises financeiras comparativas, ou seja horizontais e verticais, mostrou a solidez da empresa e a orientação administrativa no sentido de garantir recursos próprios para operar comercialmente. Um terceiro bloco de operações com base nos balanços foi feito a partir dos valores contidos no Patrimônio Líquido onde se efetivou o perfil de análise da empresa Carl Hoepcke e Cia. Para se estabelecer um perfil global foi necessária a utilização de técnicas estatísticas, como a mediana e com isso perceber o índice padrão de liquidez da empresa. Observou-se a excelente capacidade de liquidez através dos vários métodos e posteriormente a capacidade de endividamento da empresa a curto e a longo prazo e total, que conforme os cálculos mostraram-se modestos. Além disto foi possível averiguar, nesta mesma análise

contábil, a capacidade de Imobilização da empresa, técnica e financeiramente que demonstrou-se satisfatória. A Rentabilidade da empresa verificada também era modesta. E, por fim, num quarto e último instante, apresentou-se um gráfico global dos perfis analisados, contendo uma visão abrangente e clara da empresa. Através do perfil global, confirmou-se desta forma a potencialidade e a performance de Carl Hoepcke e Cia., dentro do contexto comercial de Santa Catarina, suas ramificações pelo litoral, assim como no âmbito nacional e internacional. Portanto a Casa Comercial Carl Hoepcke e Cia., era na realidade um casa forte, possuidora de um Patrimônio Líquido substancioso que garantiu todas as operações e atividades comerciais nos expedientes de 1902 a 1913.

## A. ENQUADRAMENTO CONTÁBIL

O enquadramento contábil dos relatórios financeiros da empresa Carl Hoepcke e Cia., durante os expedientes de 1902 a 1913, objetivou a utilização de uma nomenclatura moderna e atualizada, observando as normas, análises e interpretações financeiras com definições acadêmicas<sup>3</sup>. Esta atitude agilizou o enquadramento das contas que compreendem o Ativo e o Passivo da empresa Carl Hoepcke e Cia., na adaptação da nomenclatura da época em termos legais e acadêmicos atualizados e com isso possibilitou melhor entendimento das análises contábeis que se pretende.

Portanto, o enquadramento contábil compreendeu uma

---

<sup>3</sup>CRUZ, op. cit. p. 1 "As definições acadêmicas e normas de interpretação, são oriundas da Resolução 220 do Conselho Monetário Nacional e Nova Lei das Sociedades Anônimas, nos termos da Lei 6404/76 e com o Decreto-Lei 1598/77".

distribuição proporcional do Ativo e do Passivo dos principais grupos de contas encontradas no período de 1902 a 1913. Esta distribuição foi composta no Ativo Circulante, Realizável a Curto e Longo Prazo e Permanente; no Passivo Circulante e Patrimônio Líquido. No enquadramento original notou-se que os balanços da empresa Carl Hoepcke foram vistoriados e abonados pelo M.M. Juiz de Direito da Comarca de Florianópolis, e o capital social era distribuído entre Carl Hoepcke Sênior, Carl Hoepcke Júnior, Carl Malburg e Max Hoepcke <sup>4</sup>. Mas não foi encontrado nos arquivos da empresa contratos e distratos havidos antes e depois do período desejado, nem tão pouco publicações da imprensa local. No entanto, nos enquadramentos contábeis originais, observou-se que todos os balanços dos anos de 1902 a 1913 foram vistoriados pela autoridade judiciária competente, que assinou e portanto abonou cada relatório financeiro anual. Assim seguem os enquadramentos contábeis devidamente remanejados, conforme foi proposto no início deste capítulo.

---

<sup>4</sup>SILVA, Aderbal Ramos, in Histórico da Firma "Carlos Hoepcke S.A.". p. 4; Arquivo C.H. "Ao Senhor Max Hoepcke durante o período de 1907 a 1917, foi creditado 1/6 do lucro sem que o mesmo fizesse parte da firma, no entanto seu nome achou-se arrolado juntamente com a lista de componentes do Capital Social".

ANOS	1 9 0 2		1 9 0 3		1 9 0 4		1 9 0 5	
	SALDO Rs	%	SALDO Rs	%	SALDO Rs	%	SALDO Rs	%
CONTAS								
TOTAL	3.998:511\$270	100.00	4.019:100\$440	100.00	4.177:432\$890	100.00	4.184:571\$830	100.00
CIRCULANTE	3.770.415\$440	94.24	3.749:230\$180	93.29	3.866:430\$850	92.55	3.788:011\$610	90.52
DISPONIVEL								
Caixa	198:591\$130		124:321\$750		214:705\$900		136:408\$610	
Bancos	448:056\$120		156:054\$820		261:942\$220		269:748\$230	
REALIZAVE A C. PRAZO								
Mercadorias	1.358:425\$740		1.427:925\$990		1.557:455\$810		1.245:693\$660	
Devedores Diversos	1.586:056\$190		1.778:442\$800		1.643:904\$920		1.950:875\$420	
% Fábrica de Pontas	179:286\$260		255:984\$820		176:580\$200		176:429\$570	
Fábrica de Gelo			6:500\$000		11:841\$800		8:856\$100	
REALIZAVEL A L. PRAZO	4:025\$710	0.10	4:096\$890	0.10	65:051\$000	0.10	57:111\$000	0.10
Apólices Diversas	4:025\$710		4:096\$890		65:051\$000		57:111\$000	
PERMANENTE								
Investimentos	224:070\$120	5.61	265:774\$370	6.62	245:951\$040	5.89	339:449\$220	6.12
Participações	48:763\$530		56:000\$000		51:837\$000		47:337\$000	
Imóveis/Edificações	111:306\$590		151:774\$370		154:114\$040		188:112\$220	
Vapores	64:000\$000		58:000\$000		40:000\$000		104:000\$000	

CONTAS	1 9 0 6		1 9 0 7		1 9 0 8		1 9 0 9	
	SALDO Rs	%	SALDO Rs	%	SALDO Rs	%	SALDO Rs	%
TOTAL	4.822:914\$040	100.00	5.475:142\$860	100.00	5.657:084\$570	100.00	5.969:214\$330	100.00
CIRCULANTE	4.470:260\$260	92.69	4.830:515\$260	89.21	4.972:814\$760	87.91	4.880:341\$520	81.76
DISPONIVEL								
Caixa	601:120\$520		342:006\$030		222:053\$870		227:680\$250	
Bancos	572:191\$030		361:906\$440		533:063\$480		357:375\$680	
REALIZÁVEL A C. PRAZO								
Mercadorias	1.240:240\$600		1.683:955\$690		2.076:912\$550		1.894:000\$000	
Devedores Diversos	1.908:032\$450		2.225:628\$630		1.947:581\$610		2.266:914\$940	
% Fábrica de Pontas	130:981\$740		212:017\$470		193:202\$250		133:939\$570	
Fábrica de Gelo	4:836\$830		1\$000		1\$000		431\$080	
Fábrica de Arame Farp.	12:857\$090							
REALIZÁVEL A L. PRAZO	51:022\$500	0.10	11:606\$180	0.10	17:960\$000	0.10	87:891\$000	0.10
Apólices Diversas	51:022\$500		11:606\$180		17:960\$000		87:891\$000	
PERMANENTE								
Investimentos	301:631\$280	6.25	573:021\$420	10.59	666:309\$810	1.18	1.000:981\$810	1.68
Participações	30:000\$000		294:115\$300		370:221\$230		193:916\$730	
Imóveis/Edificações	201:631\$280		228:906\$120		33:601\$000		259:321\$000	
Vapores	70:000\$000		50:000\$000		227:487\$580		226:244\$080	
					35:000\$000		321:500\$000	

ATIVO - CH. 1902/1913

ANOS	1910		1911		1912		1913	
	SALDO Rs	%	SALDO Rs	%	SALDO Rs	%	SALDO Rs	%
TOTAL	6.443:219\$950	100.00	6.772:846\$470	100.00	7.136:524\$940	100.00	7.581:236\$920	100.00
CIRCULANTE	5.160:253\$810	80.09	5.807:603\$490	85.75	5.966:266\$900	83.61	6.137:727\$500	80.96
DISPONIVEL								
Caixa	145:460\$800		126:329\$780		83:394\$730		50:825\$040	
Bancos	294:574\$940		277:304\$170		522:873\$780		5:018\$960	
REALIZÁVEL A C. PRAZO								
Mercadorias	1.852:465\$790		2.599:422\$410		2.539:084\$460		2.751:250\$070	
Devedores Diversos	2.703:286\$030		2.601:063\$700		2.631:835\$640		3.075:632\$430	
% Fábrica de Pontas	164:465\$190		203:482\$430		189:077\$290		255:000\$000	
Fábrica de Gelo	1\$000		1\$000		1\$000		1\$000	
REALIZÁVEL A L. PRAZO	54:460\$000	0.10	10:430\$000	0.10	8:730\$000	0.10	19:280\$000	0.10
Apólices Diversas	54:460\$000		10:430\$000		8:730\$000		19:280\$000	
PERMANENTE								
Investimentos	1.223:506\$140	1.91	954:814\$980	14.09	1.161:528\$040	1.57	1.424:229\$420	1.88
Participações	242:193\$600		2:801\$000		7:001\$000		8:002\$000	
Imóveis/Edificações	451:101\$000		446:934\$750		631:030\$000		710:000\$000	
Vapores	240:229\$080		243:441\$070		276:055\$560		411:642\$820	
	294:982\$460		261:588\$160		247:441\$480		294:584\$600	

PASSIVO - CH. 1902/1913

ANOS	1 9 0 2		1 9 0 3		1 9 0 4		1 9 0 5	
	SALDO R\$	%	SALDO R\$	%	SALDO R\$	%	SALDO R\$	%
TOTAL	-3.998:511\$270	100.00	4.019:100\$440	100.00	4.177:432\$890	100.00	4.184:571\$830	100.00
CIRCULANTE	-1.017:967\$010	25.46	907:013\$520	22.57	932:486\$780	22.33	787:885\$240	18.39
Credores Diversos	773:744\$000		733:178\$360		693:708\$890		637:049\$620	
Fornecedores	244:223\$010		173:835\$160		238:777\$890		150:835\$550	
EXIGIVEL A L. PRAZO								
PATRIMONIO LIQUIDO	2.980:544\$260	74.54	3.112:086\$920	77.43	3.244:946\$110	77.67	3.496:686\$590	81.61
CAPITAL								
RESERVAS	2.385:730\$990		2.463:792\$930		2.608:410\$640		2.751:248\$760	
Contingências	299:420\$500		322:750\$000		315:470\$770		317:952\$170	
Lucros Suspensos	295:392\$770		525:543\$990		321:064\$700		327:485\$660	



PASSIVO - CH. 1902/1913

ANOS	1906		1907		1908		1909	
	SALDO Rs	%	SALDO Rs	%	SALDO Rs	%	SALDO Rs	%
CONTAS								
TOTAL	4.822:914\$040	100.00	5.415:142\$860	100.00	5.657:084\$570	100.00	5.969:214\$330	100.00
CIRCULANTE	933:750\$490	19.37	1.199:461\$890	22.16	1.179:790\$020	20.86	1.140:898\$070	19.12
Credores Diversos	666:759\$490		730:241\$460		716:900\$740		436:622\$790	
Fornecedores	266:991\$000		469:220\$430		462:889\$280		704:275\$280	
EXIGIVEL A L. PRAZO								
PATRIMÔNIO LÍQUIDO	3.889:163\$550	80.63	4.215:680\$970	77.84	4.477:294\$550	79.14	4.828:316\$250	80.88
CAPITAL	3.009:428\$980		3:227:482\$220		3.443:477\$150		3.738:273\$090	
RESERVAS								
Contingências	879:734\$570		426:333\$510					
Lucros Suspensos	879:734\$570		561:865\$240		1.033:817\$400		1.090:043\$170	

PASSIVO - CH. 1902/1913

ANOS	1910		1911		1912		1913	
	SALDO Rs	%	SALDO Rs	%	SALDO Rs	%	SALDO Rs	%
CONTAS								
TOTAL	6.443:219\$950	100.00	6.772:848\$470	100.00	7.136:524\$940	100.00	7.581:236\$920	100.00
CIRCULANTE	2.768:018\$230	42.97	2.760:696\$670	40.77	2.858:005\$810	40.05	2.976:954\$450	39.27
Credores Diversos	728:267\$030		383:957\$080		315:343\$620		468:527\$250	
Fornecedores	2.020:551\$200		2.375:729\$590		2.542:662\$190		2.508:427\$200	
EXIGIVEL A L. PRAZO								
PATRIMÔNIO LIQUIDO	3.685:201\$720	57.19	4.013:161\$800	59.23	4.278:519\$130	59.95	4.604:282\$470	60.73
CAPITAL	2.539:317\$700		2.759:473\$840		2.910:950\$580		1.505:624\$610	
RESERVAS								
Contingências								
Lucros Suspensos	1.145:884\$020		1.253:687\$960		1.367:568\$550		3.098:657\$860	

## 1. Distribuição Proporcional do Ativo e Passivo

Para se realizar uma análise contábil, objetiva-se demonstrar a empresa Carl Hoepcke e Cia. não só através da composição de seus balanços, mas também por meio da movimentação de elementos patrimoniais. O balanço nada mais é do que uma forma resumida de vários elementos financeiros, o retrato da empresa durante o lapso de 1902 a 1913. Partindo de uma análise comparativa dos exercícios anteriores e posteriores, durante um período foi possível compor e decompor vários elementos, como a evolução da empresa, os valores que formaram o patrimônio da empresa, através da anexação em grupos de iguais nomenclaturas, comparando elementos e observando as eventuais variações através de índices comparativos. A análise técnica foi utilizada para clarear vários aspectos que se pretende demonstrar.

Para a interpretação dos dados disponíveis no enquadramento contábil, durante os expedientes de 1902 a 1913, utilizou-se um glosário <sup>5</sup>, onde estão explicados todos os

---

<sup>5</sup>Agradecemos especialmente ao professor Rufino Porfiro de Almeida, pelo fornecimento das conceituações técnicas dos termos e pela colaboração no presente capítulo.

conceitos e as fórmulas das operações utilizadas no decorrer do trabalho, facilitando para o leitor a compreensão das tabelas utilizadas. Os conceitos e as fórmulas contábeis-financeiras foram assim relacionadas:

#### ATIVO

Circulante - O valor das disponibilidades - numérico, haveres da empresa e mercadorias.

A Longo Prazo - Haveres realizáveis a longo prazo.

Permanente - Valor dos imóveis, móveis, embarcações, investimentos e móveis e utensílios.

#### PASSIVO

Circulante - Todas as exigibilidades da empresa, a curto prazo, ou sejam, os credores da empresa.

Exigível a Longo Prazo - Dívidas a longo prazo.

Patrimônio Líquido - Capital da empresa e suas reservas técnicas dotadas em balanços.

Esta interpretação permite as seguintes análises:

#### 1 - Patrimônio Líquido - PL :

O Patrimônio Líquido representa a parcela do Balanço que pertence a empresa. Consta: capital, reservas, lucros suspensos e provisões; sendo então o volume de recursos que a empresa injetou na atividade econômica que exerce. Fórmula:  $PL = \text{Capital} + \text{Reservas} + \text{Lucros}$ .

2 - Capital de Giro Próprio - CGP:

É o total dos recursos próprios da empresa que não foram imobilizados, que está em circulação, que produz novas receitas e novos recursos.

Fórmula:  $CGP = \text{Patrimônio Líquido} - \text{Ativo Permanente}$

3 - Capital de Giro de Terceiros - CGTe.:

São os recursos de terceiros injetados na empresa que reforçam a circulação da atividade econômica - obrigações a curto e longo prazo. (Passivo Circulante e Exigível a Longo Prazo).

Fórmula:  $CGTe = \text{Ativo Real} - \text{Patrimônio Líquido}.$

4 - Capital de Giro Total - CGTo:

Soma do Capital de Giro Próprio - CGP e do Capital de Giro de Terceiros - CGTe., sendo o volume de recursos aplicados na empresa, podendo avaliar-se, se necessário, se faz aumentar ou diminuir segundo o custo desse capital e da sua geração de receitas.

Fórmula:  $CGTo = \text{Capital Giro Próprio} + \text{Capital de Giro de Terceiros}.$

5 - Ativo Circulante - AC:

Volume de recursos na empresa que geram novos recursos, numerário e valores facilmente conversíveis, demonstrando a capacidade de solvência ou liquidez.

Fórmula:  $AC = \text{Despesas} + \text{Valores realizados}.$

6 - Ativo Permanente - AP:

Volume de recursos imobilizados de caráter permanente, necessário ao desenvolvimento de sua atividade econômica.

Fórmula:  $AP = \text{Investimento} + \text{Imobilizado}$ .

7 - Ativo Realizável a Longo Prazo - ARLP:

Agrupar bens e direitos que são conversíveis a Longo Prazo.

Fórmula:  $ARLP = AR - AC - AP$

8 - Ativo Real - AR:

Agrupar todos os bens e direitos de qualquer natureza, pertencentes a empresa.

Fórmula:  $AR = AC + ARLP + AP$

9 - Passivo Real - PR:

Total dos compromissos a curto e a longo prazo assumidos pela empresa para reforço de seu capital de Giro Próprio.

Fórmula:  $PR = \text{Total do Passivo} - PL$

10- Passivo Circulante - PC:

Obrigações a curto prazo assumidas pela empresa para reforço de seu capital de giro, demonstrando a origem dos recursos de terceiros, compras de terceiros, financiamentos, contas a pagar, entre outras.

Fórmula:  $PC = \text{Exigibilidade a Curto Prazo.}$

11 - Passivo Exigível a Longo Prazo - PELP:

Obrigações a longo prazo de terceiros.

Fórmula:  $PELP = \text{Exigível a Longo Prazo.}$

INDICES:

Para efeito das análises efetuadas, usa-se dois tipos de índices:

1 - Índices Preliminares:

1 - 1 - Liquidez

1 - 2 - Endividamento

2 - Índices Complementares:

2 - 1 - Imobilização

2 - 2 - Rentabilidade

Conceitos - Perfis de Análises:

1 - Índices Preliminares:

1 - 1 - Liquidez:

1 - 1 - 1 - Corrente:

Recursos do Ativo Circulante para fazer face às suas obrigações a Curto Prazo de seu

Passivo Circulante.

$$\text{Fórmula: } ILC = \frac{AC}{PC}$$

1 - 1 - 2 - Seca:

Representa a liquidez rápida, capacidade da empresa para fazer face às suas obrigações a curto prazo.

$$\text{Fórmula: } ILS = \frac{\text{Disp.} + \text{Real. CP} - \text{Estoque}}{\text{Passivo Circulante}}$$

1 - 1 - 3 - Mediata:

Chamada geral, ou seja, o que dispõe a empresa para fazer face aos seus compromissos.

$$\text{Fórmula: } ILM = \frac{AC + ARLP}{PC + PRLP}$$

1 - 1 - 4 - Imediata:

Chamada absoluta ou de encaixe; o quanto dispõe a empresa de disponibilidade imediata para fazer face às suas obrigações a curto prazo.

$$\text{Fórmula: } ILI = \frac{\text{Disponível}}{PC}$$

1 - 2 - Endividamento:

1 - 2 - 1 - Endividamento Total:

Indica o montante das obrigações a curto e a longo prazo em relação ao Patrimônio Líquido.

$$\text{Fórmula: } IET = \frac{PC + PELP}{\text{Patrim. Líq.}}$$



1 - 2 - 2 - Endividamento a Curto Prazo:

Obrigações a curto prazo em relação ao Patrimônio Líquido.

$$\text{Fórmula: IECP} = \frac{\text{PC}}{\text{Patrim. Líq.}}$$

1 - 2 - 3 - Endividamento a Longo Prazo:

Obrigações a longo prazo em relação ao Patrimônio Líquido.

$$\text{Fórmula: IELP} = \frac{\text{ELP}}{\text{Patrim. Líq.}}$$

2 - Índices Complementares:

2 - 1 - Imbolização:

2 - 1 - 1 - Imobilização Técnica:

Percentual do Patrimônio Líquido da empresa comprometido com as imobilizações necessárias ao seu funcionamento.

$$\text{Fórmula: IIT} = \frac{\text{Imobilizado} \times 100}{\text{Patrim. Líq.}}$$

2 - 1 - 2 - Imobilização Financeira:

Percentual do Patrimônio Líquido da empresa comprometido em participações, cotas ou ações, em outras empresas.

$$\text{Fórmula: IIF} = \frac{\text{Investimento} \times 100}{\text{Patrim. Líq.}}$$

2 - 2 - Rentabilidade:2 - 2 - 1 - Rentabilidade sobre o Capital Social:

Percentual do lucro líquido sobre o capital social.

$$\text{Fórmula: IRCs} = \frac{\text{Lucro Líquido} \times 100}{\text{Capital Social}}$$

2 - 2 - 2 - Rentabilidade sobre o Patrimônio Líquido:

Percentual de lucro líquido sobre o Patrimônio Líquido.

$$\text{Fórmula: IRPL} = \frac{\text{Lucro Líquido} \times 100}{\text{Patrimônio Líquido}}$$

Uma vez conhecidos os termos utilizados e seu significado, partiu-se para a análise comparativa que foi efetivada através dos percentuais e seus índices. Notou-se a evolução da empresa Carl Hoepcke e Cia. observando-se o crescimento do capital social e sua capitalização através dos anos. Utilizou-se também de cálculos para medir a liquidez da empresa, isto é, para cada Real quanto a empresa dispunha para eventual liquidação. Por fim, um perfil global dos balanços comparativos dos anos usados.

Este trabalho sobre a empresa de importação e exportação Carl Hoepcke e Cia., tentou demonstrar a capacidade e qualidade de uma empresa de comercialização em Santa Catarina. Mostrou a presença de um mercado receptível às

trocas e com capacidade para absorver e comportar uma casa comercial do porte de Carl Hoepcke e Cia.

## B - ANÁLISE FINANCEIRA DE CARL HOEPCKE E CIA.

### 1. Análise do Ativo e Passivo: Evolução do Patrimônio Líquido

O Ativo Circulante, isto é, o volume de recursos na empresa que geram novos recursos, numerários e valores facilmente conversíveis, portanto, demonstrando a capacidade de solvência ou liquidez da empresa, foi de 80,09 a 92,70% do ativo, de todo o período analisado. Na tabela de freqüências, que segue, observou-se que o Ativo Circulante situa-se sete vezes nos intervalos de 81-90 e cinco vezes entre 91-100, logo, o Ativo Permanente e o Ativo Realizável a Longo Prazo realizaram-se respectivamente entre os intervalos de 0-10 cinco vezes e oito vezes; entre 11 - 20 sete vezes e quatro vezes. Demonstrou, portanto, uma boa capacidade de solvência de que Carl Hoepcke e Cia. dispunha.

## TABELA - III. 1

## ANÁLISE DO ATIVO

ANOS	ATIVO CIRCULANTE	% DO ATIVO	ATIVO PERMANENTE	% DO ATIVO	ATIVO REAL A LONGO PRAZO	% DO ATIVO	TOTAL DO ATIVO	% TOTAL
1902	3.770:415\$440	94.29	224:070\$120	5.61	4:025\$710	0.10	3.998:511\$270	100.00
1903	3.749:230\$180	93.28	265:744\$370	6.62	4:095\$890	0.10	4.019:100\$440	100.00
1904	3.866:430\$850	92.56	245:951\$040	5.89	65:051\$999	1.55	4.177:432\$890	100.00
1905	3.788:011\$610	90.53	339:449\$220	8.11	57:111\$000	1.36	4.184:571\$830	100.00
1906	4.470:260\$260	92.70	301:631\$280	6.25	51:022\$500	1.05	4.822:914\$040	100.00
1907	4.830:515\$260	89.20	573:021\$420	10.59	11:606\$180	0.21	5.415:142\$860	100.00
1908	4.972:814\$760	87.90	666:309\$810	11.77	17:960\$000	0.33	5.657:084\$570	100.00
1909	4.880:341\$520	81.76	1.000:891\$810	16.76	87:891\$000	1.48	5.969:214\$330	100.00
1910	5.160:253\$810	80.09	1.228:506\$140	19.06	54:460\$000	0.84	6.443:219\$950	100.00
1911	5.807:603\$940	85.75	954:814\$980	14.09	10:430\$000	0.16	6.772:848\$470	100.00
1912	5.966:266\$900	83.60	1.161:528\$040	16.27	8:730\$000	0.13	7.136:524\$940	100.00
1913	6.137:727\$500	80.96	1.424:229\$420	18.78	19:280\$000	0.26	7.581:236\$920	100.00

FONTE: Livro Diário de 1902 a 1913. Balanços 1902-1913, in A.CH.

TABELA - III. 2

FREQUÊNCIAS

INTERVALOS	PERCENTUAIS DO ATIVO		
	AC	AP	ARLP
0 - 10	-	5	8
11 - 20	-	7	4
21 - 30	-	-	-
31 - 40	-	-	-
41 - 50	-	-	-
51 - 60	-	-	-
61 - 70	-	-	-
71 - 80	-	-	-
81 - 90	7	-	-
91 - 100	5	-	-

Com relação à moeda nacional devidamente ordenada, notou-se o seguinte crescimento entre 1902 e 1913:

QUADRO Nº III. 1

QUADRO COMPARATIVO ENTRE OS ATIVOS DE 1902 E 1913

CONTAS	1902	1913	AUMENTO	% AUMENTO
Circulante	3.370:415\$440	6.137:727\$500	2.767:312\$060	82,10
Permanente	224:070\$120	1.424:229\$420	1.200:159\$300	635,61
Realizado a Longo Prazo	4:025\$710	19:280\$000	15:254\$290	478,92

FONTE: Livro Diário de 1902 a 1913, in. A.C.H.

## TABELA - III. 3

ANÁLISE DO PASSIVO

ANOS	PASSIVO CIRCULANTE	% DO PASSIVO	PASSIVO LONGO PRAZO	% DO PASSIVO	PATRIMÔNIO LÍQUIDO	% DO PASSIVO	TOTAL DO PASSIVO	% TOTAL
1902	1.017:967\$010	25.46	-	-	2.980:544\$260	74.54	3.998:511\$270	100
1903	907:013\$520	22.57	-	-	3.112:086\$920	77.43	4.019:100\$440	100
1904	932:486\$780	22.33	-	-	3.244:946\$110	77.67	4.177:432\$890	100
1905	787:885\$240	18.39	-	-	3.496:686\$590	81.61	4.284:571\$830	100
1906	933:750\$490	19.37	-	-	3.889:163\$550	80.63	4.822:914\$040	100
1907	1.199:461\$890	22.16	-	-	4.215:680\$970	77.84	5.415:142\$860	100
1908	1.179:790\$020	20.86	-	-	4.477:294\$550	79.14	5.657:084\$570	100
1909	1.140:898\$070	19.12	-	-	4.828:316\$260	80.88	5.969:214\$330	100
1910	2.768:018\$230	42.91	-	-	3.685:201\$720	57.19	6.443:219\$950	100
1911	2.760:696\$670	40.77	-	-	4.013:161\$800	59.23	6.772:848\$470	100
1912	2.858:005\$810	40.05	-	-	4.278:519\$130	59.95	7.136:524\$940	100
1913	2.976:954\$450	39.27	-	-	4.604:282\$470	60.73	7.581:236\$920	100

FONTE: Livro Diário de 1902 a 1913. Balanços 1902 - 1913, in A. CH.

## TABELA - III. 4

ANÁLISE DO PASSIVOFREQUÊNCIAS

INTERVALOS	PERCENTUAIS DO PASSIVO		
	CIRCULANTE	REAL L. PRAZO	PAT. LÍQUIDO
0 - 10	-	-	-
11 - 20	3	-	-
21 - 30	5	-	-
31 - 40	1	-	-
41 - 50	3	-	-
51 - 60	-	-	-
61 - 70	-	-	-
71 - 80	-	-	-
81 - 90	-	-	-
91 - 100	-	-	-



As imobilizações evoluíram em percentuais razoavelmente altos, justificadamente pelo crescimento de suas operações mercantis, bem como o alargamento de seu horizonte comercial (a criação do estaleiro, investimentos e navios, filiais, agências e imóveis). As ações, apólices estaduais e municipais cresceram em 478,92% e seu valor físico aumentou em Rs 15:254\$290.

O Passivo Circulante, demonstrou as obrigações a curto prazo assumidas pela empresa para reforçar seu capital de giro, acusou a origem dos recursos de terceiros, compras de terceiros, financiamentos, contas a pagar entre outras, situou-se entre 11 a 50% dos recursos capitalizados pela empresa. A tabela de frequência do Passivo Circulante revelou que três vezes o passivo circulante situou-se entre 11 - 20; cinco vezes entre 21 - 30; uma entre 31 - 40 e três vezes entre 41 - 50. O seu Patrimônio Líquido situou-se uma vez entre 31 - 40; e uma vez entre 51 - 60; três vezes entre 61 - 70; seis vezes entre 71 - 80 e uma vez entre 81 - 90. Significando portanto um Patrimônio Líquido volumoso que compunha 70% do Passivo da Empresa. Comparando o crescimento do Passivo da empresa, utilizou-se para isso os anos extremos de 1902 a 1913, e localizou-se o seguinte:

## QUADRO Nº III. 2

QUADRO COMPARATIVO ENTRE OS PASSIVOS DE 1902 a 1913

CONTAS	1902	1913	AUMENTO	% AUMENTO
Circulante	1.017:967\$010	2.976:954\$450	1.958:987\$440	192,44
Patrimônio Líquido	2.980:544\$260	4.604:282\$470	1.623:738\$210	54,47

FONTE: Livro Diário de 1902 a 1913, in. A.CH.

As dívidas da empresa aumentaram em 192% e seu Patrimônio Líquido em 54,47%, sobre o ano base (1902); por conseguinte aumentou uma vez e metade do passivo circulante de seu Patrimônio Líquido. Com os recursos carreados dos capitais de giro de terceiros, o aumento dos recursos injetados na empresa foi significativo, reforçando consequentemente a circulação das atividades econômicas.

## EVOLUÇÃO DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO

ANOS	PATRIMÔNIO LÍQUIDO	% PASSIVO	ÍNDICE	£ POR MIL REIS	VALOR EM £	ÍNDICE
1902	2.980:544\$260	74,54	100	20.10	148.285	100
1903	3.112:086\$920	77,43	104	20.00	155.604	104
1904	3.244:946\$110	77,67	108	19.70	164.718	111
1905	3.496:686\$590	81,61	117	16.04	231.722	155
1906	3.889:163\$550	80,63	133	14.84	262.072	176
1907	4.213:680\$970	77,84	141	15.67	268.901	181
1908	4.477:294\$550	79,14	150	15.84	282.657	189
1909	4.828:316\$260	80,88	161	15.85	304.625	205
1910	3.686:201\$720	57,19	123	14.81	248.831	167
1911	4.013:161\$800	59,23	134	14.88	269.701	181
1912	4.278:519\$130	59,95	143	15.86	269.767	181
1913	4.604:828\$470	60,73	154	16.09	286.191	192

FONTE: Livro Diário de 1902 a 1913. Balanços 1902 - 1913, in A. CH.

TABELA - III. 6  
PATRIMÔNIO LÍQUIDO  
PERCENTUAIS DO PASSIVO

## FREQÜÊNCIAS

INTERVALOS			NÚMEROS
0	-	10	-
11	-	20	-
21	-	30	-
31	-	40	1
41	-	50	-
51	-	60	-
61	-	70	3
71	-	80	7
81	-	90	1
91	-	100	-

TABELA - III. 7

## ÍNDICES

INTERVALOS			MIL RÉIS	LIBRAS ESTERLINAS
0	-	10	3	2
11	-	20	1	-
21	-	30	1	1
31	-	40	2	-
41	-	50	2	-
51	-	60	2	1
61	-	70	1	1
71	-	80	-	1
81	-	90	-	4
91	-	100	-	1
MAIS	DE	100	-	1

## 2. Disponibilidades da Empresa Carl Hoepcke e Cia

Para a análise das disponibilidades líquidas e valores correntes da empresa Carl Hoepcke durante o período analisado, verificou-se que a empresa manteve nos bancos estrangeiros valores superiores a Rs 98:000\$000, chegando ao limite de possuir o montante de Rs 34:000\$000, quantidade necessária para a efetivação das importações adquiridas na Europa e Estados Unidos. Isto significa que as transações e operações comerciais estabelecidas com o estrangeiro eram de grande monta e que a empresa Carl Hoepcke e Cia assegurou com isso um comércio contínuo de importações para abastecer as seções de sua casa comercial. Somente em 1913, que os depósitos em bancos estrangeiros baixaram consideravelmente para Rs 5:000\$000, em relação aos anos anteriores, conjecturou-se que esta queda de depósitos fora causada pela proximidade com a Primeira Guerra Mundial, e a eventual situação incerta do mercado europeu. Os valores depositados nos bancos estrangeiros pela empresa, convertidos em libras esterlinas oscilaram entre £ 4.894 a £ 19.262, que representavam na época importâncias apreciáveis.

A empresa Carl Hoepcke e Cia possuía em caixa, importância em numerário corrente em seus cofres valores, cujos percentuais representaram o total sobre as disponibilidades da empresa entre 31 a 50%. Na tabela de índices so

bre a disponibilidade da empresa, esta refletiu entre 31 a 40 % quatro vezes, e mais quatro entre 41 a 50%. Significando conseqüentemente um percentual bom e elevado de disponibilidades existentes nos cofres da empresa.

No tocante a bancos em geral, as disponibilidades da empresa observou-se uma freqüência de sete vezes entre os índices de 21 a 30% nos bancos nacionais. Esta mesma disponibilidade parece aumentar em relação aos bancos estrangeiros, quando a empresa dispunha das freqüências entre os índices de 21 a 30% quatro vezes e de 41 a 50% cinco vezes, durante o período analisado. Ao que tudo indica pareceu demonstrar a íntima relação comercial existente entre Carl Hoepcke e Cia e os bancos europeus e norte-americanos.

## TABELA - III. 8

DISPONIBILIDADES

ANOS	CAIXA	%	B A N C O S				TAXA CAMBIAL \$ POR £	BANCOS ESTRANG. EM £	TOTAL	%
			NACIONAIS		ESTRANGEIROS					
				%		%				
1902	198:591\$130	30.6	349:683\$150	54.1	98:372\$970	15.3	4.894	646:647\$250	100	
1903	124:321\$730	44.3	56:750\$880	20.2	99:303\$940	35.5	4.965	280:376\$570	100	
1904	214:705\$900	45.0	120:370\$540	25.2	141:571\$680	29.8	7.186	476:648\$120	100	
1905	136:408\$610	33.5	79:720\$820	19.6	190:027\$410	46.7	12.592	406:156\$840	100	
1906	601:120\$520	51.2	287:521\$930	24.5	284:669\$100	24.3	19.182	1.173:311\$550	100	
1907	342:006\$030	48.6	60:064\$650	8.5	301:841\$790	42.9	19.262	703:912\$470	100	
1908	222:053\$870	29.2	189:327\$680	25.0	343:463\$800	45.8	15.909	555:117\$350	100	
1909	227:680\$250	46.9	124:652\$400	25.7	132:923\$280	27.4	8.386	485:255\$930	100	
1910	145:460\$860	33.0	117:856\$520	26.8	176:718\$420	40.2	11.932	440:035\$800	100	
1911	126:329\$780	31.3	83:065\$910	20.5	194:238\$260	48.2	13.053	403:633\$950	100	
1912	83:394\$730	13.7	400:659\$960	66.0	122:213\$820	20.2	8.224	606:268\$510	100	
1913	50:825\$040	91.0	-	00.0	5:018\$960	9.0	333	55:844\$000	100	

FONTE: Livro Diário de 1902 a 1913. Balanços 1902-1913, in. A.C.H.

TABELA - III. 9

DISPONIBILIDADESINDICES

## DISPONIBILIDADES

## FREQUÊNCIAS

INTERVALOS	CAIXA	BANCOS	
		NACIONAIS	INTERNACIONAIS
0 - 10	1	2	1
11 - 20	1	1	1
21 - 30	1	7	4
31 - 40	4	-	1
41 - 50	4	-	5
51 - 60	1	1	-
61 - 70	-	1	-
71 - 80	-	-	-
81 - 90	-	-	-
91 - 100	-	-	-



### 3. O Capital de Giro Próprio da Carl Hoepcke e Cia.

O Capital de Giro Próprio (CGP), é o resultado da diminuição do Patrimônio Líquido do Ativo Permanente. Esta operação permitiu verificar o montante do capital de giro próprio da empresa Carl Hoepcke, durante o lapso analisado. Para tal, foi elaborada uma tabela, que demonstrou um crescimento normal e regular até 1909, indo de 1902 ano base = 100 até 139 o índice de valores, quando em 1910 ocorreu uma baixa do índice para 89, e voltou a subir até 115 o valor do índice. A baixa ocorrida regularmente no ano de 1910 pareceu com uma inversão de valores em outros setores, porém não se encontrou na empresa os livros que pudessem solucionar esta dúvida.

A transferência dos dados numéricos em libras esterlinas, apresentou a empresa um crescimento constante, tomou-se como base o ano de 1902 = 100, o índice atingiu em 1913 o valor de 154. Significou em valor físico £ 137,138' ano base, e alcançou £ 211,479 , cujo aumento representado foi a base de 54% no fim do período. Portanto, numa época de estabilidade cambial, a empresa conseguiu recursos, representado no Capital de Giro Próprio. Esta situação vem confirmar a existência de recursos próprios, que não foram mobilizados, e que estavam em circulação, portanto, capital de giro próprio necessário para o desenvolvimento e crescimento da empresa.

TABELA - III. 10  
CAPITAL DE GIRO PRÓPRIO - CGP

ANOS	PATRIMÔNIO LÍQUIDO	ATIVO PERMANENTE	CAPITAL DE GIRO PRÓPRIO	INDICE	£ POR MIL REIS	VALOR EM £	INDICE
1902	2.980:544\$260	224:070\$120	2.756:474\$140	100	20,10	137.138	100
1903	3.112:086\$920	265:774\$370	2.846:312\$550	103	20,00	142.315	103
1904	3.244:946\$110	245:951\$040	2.998:995\$070	108	19,70	152.233	111
1905	3.496:686\$590	339:449\$220	3.157:237\$370	114	15,09	209.227	152
1906	3.889:163\$550	301:631\$280	3.587:532\$270	130	14,84	241.747	176
1907	4.213:680\$970	573:021\$420	3.640:659\$550	132	15,67	232.333	169
1908	4.477:294\$550	666:309\$810	3.810:984\$740	138	15,84	240.592	175
1909	4.828:316\$260	1.000:981\$810	3.827:334\$450	139	15,85	241.472	176
1910	3.685:201\$720	1.228:506\$140	2.456:695\$580	89	14,81	165.880	120
1911	4.013:161\$800	954:814\$980	3.058:346\$820	110	14,88	205.534	149
1912	4.278:519\$130	1.161:528\$040	3.116:991\$090	113	14,86	209.757	152
1913	4.604:882\$470	1.424:229\$420	3.180:653\$050	115	15,04	211.479	154

FONTE: Livro Diário de 1902 a 1913. Balanços 1902 - 1913, in. A.CH.

## TABELA - III. 11

CAPITAL DE GIRO PRÓPRIO - CGPFREQUÊNCIAS

INTERVALOS	ÍNDICES	
	MIL RÉIS	LIBRAS ESTERLINAS
MENOS DE		
0 - 0	1	-
0 - 10	3	1
11 - 20	3	2
21 - 30	1	-
31 - 40	3	-
41 - 50	-	1
51 - 60	-	3
61 - 70	-	1
71 - 80	-	3
81 - 90	-	-
91 - 100	-	-

#### 4. O Capital de Giro de Terceiros de Carl Hoepcke e Cia.

O Capital de Giro de Terceiros é efetuado com a subtração do Ativo Real do Patrimônio Líquido, representando portanto o Passivo Circulante, ou seja, as dívidas da empresa. Observou-se então, o Capital de Giro de Terceiros partindo-se do ano base 1902 = 100, que diminuiu nos quatro anos subsequentes, mantendo uma oscilação cujo índice varia entre 77 e 91 até 1906 e, em 1907, 1908 e 1909, entre 112 e 117, e a partir de 1910 este mesmo índice começou a subir entre os valores 271 e 292, no último período.

O valor do Capital de Giro de Terceiros em libras esterlinas representou em 1902 o valor físico de £ 50.645, índice de 100 e em 1913 representou £ 197.935, índice 390. Por conseguinte, o aumento de recursos de terceiros injetados na empresa, cujo objetivo era reforçar a circulação de atividades econômicas, foi de 290 %. Significando, todavia, que as obrigações a curto prazo e longo prazo da empresa Carl Hoepcke e Cia. aumentaram a partir de 1910.

TABELA - III. 12

CAPITAL DE GIRO DE TERCEIROS - CGTe

ANOS	ATIVO REAL	PATRIMÔNIO LÍQUIDO	CAPITAL DE GIRO DE TERCEIROS	ÍNDICE	£ POR MIL REIS	VALOR EM £	ÍNDICE
1902	3.988:511\$270	2.980:544\$260	1.017:967\$010	100	20,10	50.645	100
1903	4.019:100\$440	3.112:086\$920	907:013\$520	89	20,00	45.350	89
1904	4.177:432\$890	3.244\$946\$110	932:486\$780	85	19,70	44.288	87
1905	4.184:571\$830	3.496\$686\$590	787:885\$240	77	15,09	45.585	90
1906	4.822:914\$040	3.889:163\$550	933:750\$490	91	14,84	62.921	124
1907	5.415:142\$860	4.215:680\$970	1.199:461\$890	117	15,67	76.672	151
1908	5.657:084\$570	4.477:294\$550	1.179:790\$020	115	15,84	74.481	147
1909	5.969:214\$330	4.828:316\$260	1.140:898\$070	112	15,85	71.980	142
1910	6.443:219\$950	3.685:201\$720	2.768:018\$230	271	14,81	186.226	367
1911	6.772:848\$470	4.013:161\$800	2.760:686\$670	271	14,88	185.530	366
1912	7.136:524\$940	4.278:519\$130	2.858:005\$810	280	14,86	192.328	379
1913	7.581:236\$920	4.604:282\$470	2.976:954\$450	292	15,04	197.935	390

FONTE: Livro Diário de 1902 a 1913. Balanços 1902 - 1913, in. A.CH.

## TABELA - III. 13

CAPITAL DE GIRO DE TERCEIROS - CGTe

## FREQUÊNCIAS

INTERVALOS	ÍNDICES	
	MIL RÉIS	LIBRAS ESTERLINAS
MENOS DE 0	4	3
0 - 10	-	-
11 - 20	3	-
21 - 30	-	1
31 - 40	-	-
41 - 50	-	2
51 - 60	-	1
61 - 70	-	-
71 - 80	-	-
81 - 90	-	-
91 - 100	4	4

## 7. O Capital de Giro Total da Carl Hoepcke e Cia.

O Capital de Giro Total da empresa Carl Hoepcke e Cia., representou a soma do Capital de Giro Próprio e do Capital de Giro de Terceiros, ou seja, o volume de recursos aplicados na empresa. Assim, a empresa apresentou em 1902 o montante de Rs 3.774:441\$150 e terminou o período com Rs 8.996:066\$440 em 1913, havendo portanto um aumento de 138%, obtendo índices crescentes no período que representou de 100 a 238. Na conversão em libras esterlinas a empresa possuiu de recursos aplicados um total de £ 187,783 em 1902 e £ 598.142 em 1913. Também garantiu uma escalada de índices crescentes de 100 a 318.

A concentração freqüencial situou-se para o mil rês entre 11-20 três vezes, para 31-40 uma vez, e para 51-60, 61-70, 81-90, também uma vez respectivamente, e para acima de 100 quatro vezes. Para a libra esterlina entre 11-20 duas vezes, 51-60 uma vez, 81-90 uma vez e acima de 100 sete vezes.

## CAPITAL DE GIRO TOTAL - CGTO.

ANOS	CAPITAL DE GIRO PRÓPRIO	CAPITAL DE GIRO DE TERCEIROS	CAPITAL DE GIRO TOTAL	INDICE	£ POR MIL REIS	VALOR EM £ CGTO.	INDICE
1902	2.756:474\$140	1.017:967\$010	3.774:441\$150	100	20.10	187.783	100
1903	3.377:861\$290	907:013\$520	4.284:874\$810	113	20.00	214.243	114
1904	3.490:897\$150	872:486\$780	4.363:383\$930	115	19.70	221.491	117
1905	3.836:135\$810	687:885\$240	4.524:021\$050	119	15.09	299.802	159
1906	4.190:794\$830	933:750\$490	5.124:545\$320	135	14.84	345.319	183
1907	4.786:702\$390	1.201:461\$890	5.988:164\$280	158	15.67	382.141	203
1908	5.143:604\$360	1.179:789\$920	6.323:394\$280	167	15.84	399.204	212
1909	5.829:298\$070	1.140:898\$070	6.970:196\$140	184	15.85	439.760	234
1910	4.913:707\$860	2.758:018\$230	7.671:726\$090	203	14.81	518.009	275
1911	4.967:976\$780	2.759:686\$670	7.727:633\$450	204	14.88	519.330	276
1912	5.440:047\$170	2.858:005\$810	8.298:052\$980	219	14.86	558.415	295
1913	6.029:111\$490	2.976:954\$950	8.996:066\$440	238	15.04	598.142	318

FONTE: Livro Diário de 1902 a 1913. Balanços 1902 - 1913, in. A.CH.



TABELA - III. 15

CAPITAL DE GIRO TOTAL - CGTo.

## FREQUENCIAS

INTERVALOS	ÍNDICES	
	MIL RÉIS	LIBRAS ESTERLINAS
0 - 10	-	-
11 - 20	3	2
21 - 30	-	-
31 - 40	1	-
41 - 50	-	-
51 - 60	1	1
61 - 70	1	-
71 - 80	-	-
81 - 90	1	1
91 - 100	-	-
ACIMA DE 100	4	7

## 6. A Análise Comparativa dos Capitais de Giro Próprio e de Terceiros de Carl Hoepcke e Cia.

Para se fazer uma análise comparativa entre os Capitais de Giro Próprio e de Terceiros, chegou-se ao Capital de Giro Total da empresa e às seguintes conclusões: primeiro, que a empresa Carl Hoepcke orientou seus negócios sempre com uma parcela muito grande de capital de giro próprio. A tabela de freqüências que segue demonstra que nos intervalos de 61-70, 71-80 e 81-90, a freqüência apareceu quatro vezes, e isto significa que o Capital de Giro Próprio da empresa Carl Hoepcke e Cia. era entre 61 a 90% do Capital de Giro Total. Portanto, grande parte dos recursos da empresa e, conseqüentemente, a solidez da mesma, advinda da orientação dada por seus administradores. Em segundo lugar, observou-se que os Capitais de Giro de Terceiros oscilam entre os intervalos de 11-20 cinco vezes, de 21-30 três vezes, e entre 31-40 quatro vezes, perfazendo somente um terço do Capital de Giro Total. Refletiu a análise, portanto, que as dívidas e obrigações da empresa a curto e longo prazo, oriundas de terceiros, eram pequenas, podendo a empresa integralizar grande parte do Capital de Giro Total. Em terceiro lugar, efetuou-se um cálculo médio nos doze anos analisados, e o Capital de Giro Total apresentou-se assim: Capital de Giro Próprio = 75,35%, mais Capital de Giro de Terceiros = 24,65%, num total de 100,00%. Concluindo-se, a empresa Carl Hoepcke e Cia situou-se em média com

2/4 de capitais próprios e 1/3 de capitais de terceiros, que comprovou uma orientação administrativa da empresa no sentido de trabalhar o máximo possível com recursos próprios.

TABELA - III. 16

ANÁLISE COMPARATIVA CGP - CGTe - CGTo

ANOS	C G P	%	C G Te	%	C G To	%
1902	2.756:474\$140	73.03	1.017:967\$010	26.97	3.774:441\$150	100.00
1903	3.377:861\$290	78.83	907:013\$520	21.17	4.284:874\$810	100.00
1904	3.490:897\$150	80.00	872:486\$780	20.00	4.363:383\$930	100.00
1905	3.836:135\$810	84.79	687:885\$240	15.21	4.524:021\$050	100.00
1906	4.190:794\$830	81.77	933:750\$490	18.23	5.124:545\$320	100.00
1907	4.786:702\$390	79.93	1.201:461\$890	20.07	5.988:164\$280	100.00
1908	5.143:604\$360	81.34	1.179:789\$920	18.66	6.323:394\$280	100.00
1909	5.829:898\$070	83.64	1.140:898\$070	16.36	6.970:196\$140	100.00
1910	4.913:707\$860	64.04	2.758:018\$230	35.96	7.671:726\$090	100.00
1911	4.967:976\$780	64.28	2.759:686\$670	35.72	7.727:633\$450	100.00
1912	5.440:047\$170	65.55	2.858:005\$810	34.45	8.298:052\$980	100.00
1913	6.029:111\$490	67.00	2.976:954\$950	33.00	8.996:066\$440	100.00

FONTE: Livro Diário de 1902 a 1913. Balanços 1902 - 1913 ,  
in. A.CH.

TABELA - III. 17

ANÁLISE COMPARATIVA: CAPITAL DE GIRO PRÓPRIO  
E CAPITAL DE GIRO TOTAL

## FREQUÊNCIAS

INTERVALOS	C.G.P.	C.G.T.
	QUANTIDADE	QUANTIDADES
0 - 10	-	-
11 - 20	-	5
21 - 30	-	3
31 - 40	-	4
41 - 50	-	-
51 - 60	-	-
61 - 70	4	-
71 - 80	4	-
81 - 90	4	-
91 - 100	-	-

C - OS PERFIS DE ANÁLISES DE  
CARL HOEPCKE E CIA.

1. Índices Padrão:

Para se efetuar perfis de análise da empresa Carl Hoepcke e Cia., é necessário obter-se os índices-padrão, cujo objetivo acusa uma visão global do desempenho da empresa, durante o lapso analisado, e a partir daí pode-se tirar conclusões, sendo esta técnica um excelente instrumento de medição e que cujos resultados podem oferecer um perfil das atividades empresariais e sua situação <sup>6</sup>. Para este fim, utilizou-se técnicas estatísticas, como a mediana, que consiste em colocar em ordem crescente de tal forma que a metade em ordem crescente da linha estabelecida como mediana, fique abaixo e a outra metade acima. A partir da mediana, pode-se estabelecer os quartis para obter-se maior elasticidade na comparação dos índices. Os quartis correspondem à metade da mediana <sup>7</sup>. Para tal, iniciou-se com os

---

<sup>6</sup> MAEDA, Luis Kuiti. Iniciação à Análise e Interpretação de Balanços. São Paulo, Editora Atlas S.A., 1979, p. 122 (135 p.)

<sup>7</sup> CRUZ, Análises de Relatórios Financeiros, p. 59 a 77

Índices preliminares, que fornecem a posição de liquidez e o grau de endividamento da empresa. Esta operação serviu para uma apreciação sumária da empresa a curto prazo, pois as posições dos índices de liquidez medem a capacidade de pagamento da empresa <sup>8</sup>.

---

8

CRUZ, Análises de Relatórios Financeiros, p. 62

ANOS	CORRENTE	INDICE ILC	SECA	INDICE ILS	MEDIATA ILM	INDICE ILM	IMEDIATA	INDICE ILI
1902	$\frac{AC}{PC} = \frac{3.770.415\$440}{1.017.967\$010}$ $\frac{AC}{PC} = \frac{3.749.230\$180}{907.013\$520}$	3.70:1 4.13:1	$\frac{DRCP-E}{PC} = \frac{2.411.989\$700}{1.017.967\$010}$ DRCP-E = $\frac{2.321.304\$190}{907.013\$520}$	2.37:1 2.55:1	$\frac{AC + RLP}{PC + RLP} = \frac{3.774.441\$150}{1.021.992\$720}$ $\frac{3.753.327\$070}{911.110\$410}$	3.69:1 4.11:1	$\frac{646.647\$250}{1.017.967\$010}$ $\frac{280.306\$570}{907.013\$520}$	0.63:1 0.30:1
1903	$\frac{AC}{PC} = \frac{3.866.430\$850}{932.486\$780}$	4.14:1	$\frac{1.308.975\$040}{932.486\$780}$	1.40:1	$\frac{3.931.581\$850}{997.537\$780}$	3.94:1	$\frac{476.643\$120}{932.486\$780}$	0.51:1
1904	$\frac{AC}{PC} = \frac{3.788.011\$610}{787.885\$240}$	4.80:1	$\frac{2.542.317\$930}{787.885\$240}$	3.22:1	$\frac{3.845.122\$610}{844.996\$240}$	4.55:1	$\frac{406.156\$840}{787.885\$240}$	0.51:1
1905	$\frac{AC}{PC} = \frac{4.470.260\$260}{933.750\$490}$	4.78:1	$\frac{3.230.019\$660}{933.750\$490}$	3.45:1	$\frac{4.521.282\$760}{984.772\$990}$	4.59:1	$\frac{1.173.311\$550}{933.750\$490}$	1.25:1
1906	$\frac{AC}{PC} = \frac{4.830.515\$260}{1.199.461\$890}$	4.02:1	$\frac{3.141.559\$570}{1.199.461\$890}$	2.61:1	$\frac{4.842.121\$440}{1.211.068\$070}$	3.99:1	$\frac{703.912\$470}{1.199.461\$890}$	0.58:1
1907	$\frac{AC}{PC} = \frac{4.972.814\$760}{1.179.790\$020}$	4.21:1	$\frac{2.895.902\$210}{1.179.790\$020}$	2.45:1	$\frac{4.989.774\$760}{1.197.750\$020}$	4.16:1	$\frac{755.117\$350}{1.179.790\$020}$	0.64:1
1908	$\frac{AC}{PC} = \frac{4.880.341\$520}{1.140.898\$070}$	3.46:1	$\frac{2.986.341\$520}{1.140.898\$070}$	2.61:1	$\frac{4.968.232\$520}{1.228.789\$070}$	4.04:1	$\frac{585.037\$930}{1.140.898\$070}$	0.51:1
1909	$\frac{AC}{PC} = \frac{5.160.253\$810}{2.768.018\$230}$	1.86:1	$\frac{3.307.788\$020}{2.768.018\$230}$	1.19:1	$\frac{5.210.713\$810}{2.822.478\$230}$	1.84:1	$\frac{440.035\$800}{2.768.018\$230}$	0.15:1
1910	$\frac{AC}{PC} = \frac{5.087.603\$490}{2.760.696\$670}$	1.84:1	$\frac{2.488.181\$080}{2.760.696\$670}$	0.90:1	$\frac{5.098.033\$490}{2.771.125\$670}$	1.83:1	$\frac{403.636\$950}{2.760.696\$670}$	0.14:1
1911	$\frac{AC}{PC} = \frac{5.965.266\$900}{2.858.005\$810}$	2.08:1	$\frac{3.427.182\$440}{2.858.005\$810}$	1.19:1	$\frac{5.974.996\$900}{2.866.735\$810}$	2.08:1	$\frac{606.268\$510}{2.858.005\$810}$	0.21:1
1912	$\frac{AC}{PC} = \frac{6.137.727\$500}{2.976.954\$450}$	2.06:1	$\frac{3.386.477\$430}{2.976.954\$450}$	1.13:1	$\frac{6.157.007\$500}{2.996.234\$454}$	2.05:1	$\frac{55.844\$000}{2.976.954\$450}$	0.18:1

F. S. K.

## 2. Índices Preliminares: Liquidez Corrente

A análise do Índice de Liquidez Corrente, isto é, para quantos reais a empresa devia e quanto possuía para sua liquidação, revelam que em relação ao Ativo Circulante e ao Passivo Circulante, a empresa Carl Hoepcke e Cia., possuía uma capacidade de liquidação ótima, exceto nos anos de 1910 e 1911, cujos índices em relação ao ano base de 1902 eram de 1.84:1 e 1.86:1; portanto, abaixo dos padrões internacionais atuais<sup>9</sup>, que considera boa a relação 2.00:1. Nos dez primeiros anos analisados a relação variava entre 2.06:1 a 4.80:1, concentrando duas vezes acima de 3.00:1, e seis vezes acima de 4.00:1.

Pode-se concluir que a empresa Carl Hoepcke e Cia. possuía uma capacidade de liquidez corrente excelente, o que equivale dizer que concentrava em seu Ativo Circulante, valores facilmente transformáveis em numerário, além do próprio já incluído.

---

<sup>9</sup> CRUZ, Análises de Relatórios Financeiros, p. 62



## QUADRO - III. 3

INDICE DE LIQUIDEZ CORRENTEI.L.C.

01 - 1.84:1	
02 - 1.86:1	
03 - 2.06:1	- QUARTIL
04 - 2.08:1	
05 - 3.46:1	
06 - 3.70:1	- MEDIANA
07 - 4.02:1	
08 - 4.13:1	
09 - 4.14:1	
10 - 4.21:1	- QUARTIL
11 - 4.78:1	
12 - 4.80:1	

CLASSIFICAÇÃO

Satisfatório	—	2.06
Bom	—	3.86
Ótimo	—	4.21
Excelente	—	4.80

MEDIANA

$$M = \frac{3.70 + 4.02}{2} = 3.86:1$$

INDICE DE LIQUIDEZ CORRENTE

Até 2.05:1	- Satisfatório
De 2.06:1 a 3.85:1	- Bom
De 3.86:1 a 4.20:1	- Ótimo
De 4.21:1 a 4.80:1	- Excelente

### 3. Liquidez Seca

A análise do Índice de Liquidez Seca, também conhecida como ácida, ou seja, a relação entre o Disponível e o Realizável a Curto Prazo, dividido por seu Passivo Circulante, refletiu a capacidade de liquidação que a empresa possuía a curto prazo, assim indicando quanto em valores conversíveis em numerário a curto prazo sobre o Passivo Circulante, dívidas da empresa. Carl Hoepcke demonstrou estabelecer-se dentro dos padrões internacionais com índices excelentes <sup>10</sup>. Tomando-se como um bom padrão a base 1.50:1 a 1.00:1, quando modernamente aceita-se como índice bom o padrão 0.60:1 a 0.80:1. Verificou-se que somente em um ano a empresa apresentou um índice de liquidez inferior a 1.00:1, e em 1902 foi de 0.90:1, que ainda assim foi acima dos padrões modernos. Nos demais onze anos este padrão varia entre 1.13:1 a 3.45:1. Esta análise mostrou que a empresa tinha capacidade muito acima dos padrões internacionais para liquidação de suas dívidas. Pois, utilizando os numerários existentes na empresa, os saldos bancários e recebendo seus haveres, a empresa pagaria todos seus credores com índices acima de 2.00:1, chegando ao máximo de 3.45:1.

---

<sup>10</sup> CRUZ, Análise de Relatórios Financeiros, p. 62

## QUADRO - III. 4

INDICE DE LIQUIDEZ SECAI.L.S.

01 - 0.90:1	
02 - 1.13:1	
03 - 1.13:1	- QUARTIL
04 - 1.19:1	
05 - 1.40:1	
06 - 2.37:1	
07 - 2.45:1	- MEDIANA
08 - 2.55:1	
09 - 2.55:1	
10 - 2.61:1	- QUARTIL
11 - 3.22:1	
12 - 3.45:1	

CLASSIFICAÇÃO

Satisfatório	—	1.13
Bom	—	2.41
Ótimo	—	2.61
Excelente	—	3.45

MEDIANA

$$M = \frac{2.37 + 2.45}{2} = 2.41:1$$

INDICE DE LIQUIDEZ SECA

Até 1.12:1	- Satisfatório
De 1.13:1 a 2.40:1	- Bom
De 2.41:1 a 2.60:1	- Ótimo
De 2.61:1 a 3.45:1	- Excelente

#### 4. Liquidez Mediata

A análise do Índice de Liquidez Mediata, representa a soma do Ativo Circulante mais o Realizável a Longo Prazo, dividido pelo Passivo Circulante mais o Realizável a Longo Prazo. Então, na empresa Carl Hoepcke e Cia., foi o total do Ativo menos as Imobilizações e todos os compromissos da empresa, com excessão do Patrimônio Líquido. Esta análise deu a situação da empresa, caso a mesma recebesse todos os haveres e pagasse todos seus compromissos, sobriariam valores na ordem que excede 1.83:1, chegando ao máximo de 4.59:1. Isto conduziu a pensar que para cada real de dívida, a empresa possuía de Rs 1,83 a Rs 4,59 para a liquidação <sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup>Revista Exame - 1976. Melhores e Maiores, citado por Cruz, op. cit. p. 62 a 63. O índice médio brasileiro atual é de 1.18:1, que na análise ultrapassa o valor.

## QUADRO - III. 5

INDICE DE LIQUIDEZ MEDIATA

<u>I.L.M.</u>	
01 - 1.83:1	
02 - 1.84:1	
03 - 2.05:1	- QUARTIL
04 - 2.08:1	
05 - 3.69:1	
06 - 3.94:1	
07 - 3.99:1	- MEDIANA
08 - 4.04:1	
09 - 4.11:1	
10 - 4.16:1	- QUARTIL
11 - 4.55:1	
12 - 4.59:1	

<u>CLASSIFICAÇÃO</u>	
Satisfatório	—— 2.05:1
Bom	—— 3.96:1
Ótimo	—— 4.16:1
Excelente	—— 4.59:1

<u>MEDIANA</u>	
$M = \frac{3.94 + 3.99}{2}$	$= 3.96:1$

<u>INDICE DE LIQUIDEZ MEDIATA</u>	
Até 2.04:1	- Satisfatório
De 2.05:1 a 3.95:1	- Bom
De 3.96:1 a 4.15:1	- Ótimo
De 4.16:1 a 4.59:1	- Excelente

## 5. Liquidez Imediata

O Índice de Liquidez Imediata, significa o Disponível da empresa dividido pelo Passivo Circulante. Isto representaria o quanto a empresa dispunha em numerário corrente para fazer frente às suas obrigações a curto prazo. A empresa Carl Hoepcke e Cia., dispunha de 0.41:1 mínimo de liquidez e no máximo de 1.25:1 para saldar suas dívidas a curto prazo. Portanto, a empresa dispunha na realidade entre Rs 0,41 a 1,25 para cada Real, enquanto o índice médio adotado por algumas empresas atuais é de 0.25:1. Assim Carl Hoepcke e Cia. possuía no fim uma disponibilidade apreciável face seus compromissos imediatos, com excessão nos anos de 1903, 1910 e 1913, cujos valores oscilam entre 14 e 30% do restante, que oscilou entre 51 % a 125%.

## QUADRO - III. 6

INDICE DE LIQUIDEZ IMEDIATA

<u>I.L.I.</u>	
01 - 0.14:1	
02 - 0.15:1	
03 - 0.18:1	- QUARTIS
04 - 0.21:1	
05 - 0.30:1	
06 - 0.51:1	- MEDIANA
07 - 0.51:1	
08 - 0.51:1	
09 - 0.58:1	
10 - 0.63:1	- QUARTIS
11 - 0.64:1	
12 - 1.25:1	

<u>CLASSIFICAÇÃO</u>	
Satisfatório	_____ 0.18:1
Bom	_____ 0.51:1
Ótimo	_____ 0.63:1
Excelente	_____ 1.25:1

<u>MEDIANA</u>	
$M = \frac{0.51 + 0.51}{2} = 0.51:1$	

<u>ÍNDICE DE LIQUIDEZ IMEDIATA</u>	
Até 0.17:1	- Satisfatório
De 0.18:1 a 0.51:1	- Bom
De 0.52:1 a 0.63:1	- Ótimo
De 0.64:1 a 1.25:1	- Excelente

Após analisar-se os índices de liquidez da empresa Carl Hoepcke e Cia., observou-se a capacidade de Endividamento da mesma que levou a uma apreciação sumária da empresa também a curto prazo. A análise revelou somente a capacidade de endividamento a curto prazo, devido a inexistência de Exigível a Longo Prazo, assim a análise refletiu que os baixos níveis se modificaram nos últimos quatro anos, conforme segue uma tabela específica.



## ENDIVIDAMENTO A CURTO E LONGO PRAZO E TOTAL

ANOS	CURTO PRAZO	INDICE IECP	LONGO PRAZO	INDICE IELP	TOTAL	INDICE IET
1902	$\frac{PC}{PL} = \frac{1.017:967\$010}{2.980:544\$260}$	0.34:1	$\frac{ELP}{PL} = \frac{-}{2.980:544\$260}$	-	$\frac{PC}{PL} = \frac{1.017:967\$010}{2.980:544\$260}$	0.34:1
1903	$\frac{907:013\$520}{3.112:086\$920}$	0.29:1	$\frac{3.112:086\$920}{3.112:086\$920}$	-	$\frac{907:013\$520}{3.112:086\$920}$	0.29:1
1904	$\frac{932:486\$780}{3.244:946\$110}$	0.28:1	$\frac{3.244:946\$110}{3.244:946\$110}$	-	$\frac{932:486\$780}{3.244:946\$110}$	0.28:1
1905	$\frac{787:885\$240}{3.496:686\$590}$	0.22:1	$\frac{3.496:686\$590}{3.496:686\$590}$	-	$\frac{787:885\$240}{3.496:686\$590}$	0.22:1
1906	$\frac{933:750\$490}{3.889:163\$550}$	0.24:1	$\frac{3.889:163\$550}{3.889:163\$550}$	-	$\frac{933:750\$490}{3.889:163\$550}$	0.24:1
1907	$\frac{1.199:461\$890}{4.213:680\$970}$	0.28:1	$\frac{4.213:680\$970}{4.213:680\$970}$	-	$\frac{1.199:461\$890}{4.213:680\$970}$	0.28:1
1908	$\frac{1.179:790\$020}{4.477:294\$550}$	0.26:1	$\frac{4.477:294\$550}{4.477:294\$550}$	-	$\frac{1.179:790\$020}{4.477:294\$550}$	0.26:1
1909	$\frac{1.140:898\$070}{4.828:316\$260}$	0.23:1	$\frac{4.828:316\$260}{4.828:316\$260}$	-	$\frac{1.140:898\$070}{4.828:316\$260}$	0.23:1
1910	$\frac{2.768:018\$230}{3.685:201\$720}$	0.74:1	$\frac{3.685:201\$720}{3.685:201\$720}$	-	$\frac{2.768:018\$230}{3.685:201\$720}$	0.74:1
1911	$\frac{2.760:696\$670}{4.013:161\$800}$	0.68:1	$\frac{4.013:161\$800}{4.013:161\$800}$	-	$\frac{2.760:696\$670}{4.013:161\$800}$	0.68:1
1912	$\frac{2.858:005\$810}{4.278:519\$130}$	0.67:1	$\frac{4.278:519\$130}{4.278:519\$130}$	-	$\frac{2.858:005\$810}{4.278:519\$130}$	0.67:1
1913	$\frac{2.976:954\$450}{4.604:828\$470}$	0.64:1	$\frac{4.604:828\$470}{4.604:828\$470}$	-	$\frac{2.976:954\$450}{4.604:828\$470}$	0.64:1

## 6. Endividamento a Curto Prazo

O Endividamento a Curto Prazo foi o resultado da divisão do Passivo Circulante sobre o Patrimônio Líquido, e significou a quantidade do Patrimônio Líquido da empresa comprometido com o Passivo Circulante. A análise dos dados revelou que a empresa possuía um endividamento a curto prazo de 22 a 34% de seu Patrimônio Líquido, e que de 1910 a 1913 este endividamento apresentou um aumento de 64 a 74%. Portanto, a empresa aumentou nos expedientes seus estoques de mercadorias e suas imobilizações técnicas, conforme o Ativo e sua distribuição proporcional indicam <sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> Em 1909 o Ativo Circulante somava Rs 4.880:341\$520, em 1913 alcançou Rs 6.137:727\$500. As imobilizações deste mesmo período cresceram de Rs 1.000:891\$810 até Rs 1.424:229\$430. Verificou-se também que o Passivo Circulante cresceu neste mesmo período de Rs 1.140:898\$070 para Rs 2.976:954\$450 e representou respectivamente 25,42 e 160% o aumento das contas supra referidas.

## QUADRO - III. 7

INDICE DE ENDIVIDAMENTO A CURTO PRAZO

<u>I.E.C.P.</u>		
01	-	0.22:1
02	-	0.23:1
03	-	0.24:1 - QUARTIL
04	-	0.26:1
05	-	0.28:1
06	-	0.28:1
07	-	0.29:1 - MEDIANA
08	-	0.34:1
09	-	0.64:1
10	-	0.67:1 - QUARTIL
11	-	0.68:1
12	-	0.74:1

<u>CLASSIFICAÇÃO</u>		
Baixo	-	0.22:1
Médio	-	0.28:1
Alto	-	0.74:1

<u>MEDIANA</u>	
$M = \frac{0.28 + 0.29}{2}$	$= 0.28:1$

## 7. Endividamento a Longo Prazo e Total

Não se pode calcular os Índices de Endividamento a Longo Prazo, pois a empresa não possuía Exigível a Longo Prazo, isto é, as dívidas a serem salgadas com vencimento superior a doze meses<sup>13</sup>. O mesmo ocorreu com o Índice de Endividamento Total, cuja inexistência de Exigível a Longo Prazo foi o mesmo índice de Endividamento a Curto Prazo.

## 8. Índices Complementares: Imobilização Técnica

Após os Índices Preliminares, observou-se os Índices Complementares, que trataram das Imobilizações Técnicas ou Financeiras das Rentabilidades. Este índice foi calculado sobre o Capital Social sobre o Patrimônio Líquido. Isto possibilitou um exame mais profundo do desempenho operacional da empresa Carl Hoepcke e Cia., fornecendo os índices necessários para sua posterior análise das tendências e expectativas da empresa, sobre seu comportamento<sup>14</sup>.

---

<sup>13</sup> VALORES, COMISSÃO NACIONAL DE BOLSA DE LEGISLAÇÃO SOBRE MERCADO DE CAPITAIS. Livr. Maciel Ltda., São Paulo, 1976; 850 p.

<sup>14</sup> CRUZ, Análises de Relatórios Financeiros, p. 65

ANOS	TECNICA	INDICE IIT	FINANCEIRA	INDICE IIF
1902	$\frac{IMOB \times 100}{PL} = \frac{224:070\$120 . 100}{2.980:544\$260}$	0.75:1	$\frac{IMOB \times 100}{PL} = \frac{48:763\$530 . 100}{2.980:544\$260}$	0.016:1
1903	$\frac{265:744\$370 . 100}{3.112:086\$920}$	0.85:1	$\frac{56:000\$000 . 100}{3.112:086\$920}$	0.018:1
1904	$\frac{245:951\$040 . 100}{3.244:946\$110}$	0.75:1	$\frac{51:837\$000 . 100}{3.244:946\$110}$	0.016:1
1905	$\frac{339:449\$220 . 100}{3.496:686\$390}$	0.97:1	$\frac{47:337\$000 . 100}{3.496:686\$390}$	0.135:1
1906	$\frac{301:631\$280 . 100}{3.889:163\$550}$	0.07:1	$\frac{30:000\$000 . 100}{3.889:163\$550}$	0.077:1
1907	$\frac{507:021\$420 . 100}{4.213:680\$970}$	0.12:1	$\frac{294:115\$300 . 100}{4.213:680\$970}$	0.698:1
1908	$\frac{666:309\$810 . 100}{4.477:294\$550}$	0.14:1	$\frac{403:822\$230 . 100}{4.477:294\$550}$	0.901:1
1909	$\frac{1.000:981\$810 . 100}{4.828:316\$260}$	0.21:1	$\frac{453:237\$730 . 100}{4.828:316\$260}$	0.938:1
1910	$\frac{1.228:506\$140 . 100}{3.685:201\$720}$	0.33:1	$\frac{693:294\$600 . 100}{3.685:201\$720}$	0.188:1
1911	$\frac{954:814\$980 . 100}{4.013:161\$800}$	0.23:1	$\frac{449:785\$750 . 100}{4.013:161\$800}$	0.112:1
1912	$\frac{1.161:528\$040 . 100}{4.278:519\$130}$	0.27:1	$\frac{638:031\$000 . 100}{4.278:519\$130}$	0.149:1
1913	$\frac{1.424:229\$420 . 100}{4.604:828\$470}$	0.30:1	$\frac{718:002\$000 . 100}{4.604:828\$470}$	0.155:1

## QUADRO - III. 8

INDICE DE IMOBILIZAÇÃO TÉCNICA - I.I.T.

<u>I. I. T.</u>		
01	-	0.07:1
02	-	0.12:1
03	-	0.14:1 - QUARTIL
04	-	0.21:1
05	-	0.23:1
06	-	0.27:1
07	-	0.30:1 - MEDIANA
08	-	0.33:1
09	-	0.75:1
10	-	0.75:1 - QUARTIL
11	-	0.85:1
12	-	0.97:1

<u>CLASSIFICAÇÃO</u>		
Baixo	-	0.07:1
Médio	-	0.28:1
Alto	-	0.97:1

<u>MEDIANA</u>
$M = \frac{0.27 + 0.30}{2} = 0.28:1$

O Índice de Imobilização Técnica, indica o percentual do Patrimônio Líquido da empresa empenhado no seu funcionamento e comprometido. As Imobilizações Técnicas não alcançaram nunca um percentual superior a 1% do Patrimônio Líquido e somente no ano de 1905 alcançou 0,97% e oscilou em escala decrescente até 1902 em 0,75%. A partir de 1906 acompanhou o processo de estabilização da moeda nacional (1905-1913 - Reerguimento Econômico); as oscilações da empresa foram de 0,07% a 0,33%, no espaço de oito anos do Patrimônio Líquido. Assim, observou-se que foram dinamizados em outros setores da empresa de seu Patrimônio Líquido, mais de 50%. Esta ação refletiu em suas imobilizações um aumento de 42%, pois em 1909 houve grande aumento nas Imobilizações da empresa Carl Hoepcke e Cia. no valor de Rs 1.000:891\$810, e em 1913 o valor foi de Rs 1.424:229\$430.

## 9. Imobilizações Financeiras

A análise das Imobilizações Financeiras, ou seja, a participação da empresa em outras empresas, foi inexpressiva nos anos de 1902 a 1904. Oscilou nestes anos entre 0,016% a 0,018%, e tendeu a subir a partir de 1905 chegando inclusive a 0,112%. Em 1909 chegou a máximo com índices no valor de 0,938% do seu Patrimônio Líquido. Todos os percentuais foram trabalhados em cima do Patrimônio Líquido. Apesar de que a empresa Carl Hoepcke e Cia. possuía percentuais abaixo do valor em moeda nacional, subiu de Rs 30:000\$000 em 1906 para Rs 718:002\$000 em 1913, cujo valor representou grande parte das aquisições de ações em outras empresas, como por exemplo, a Cia. Industrial, mais tarde Procópio Gomes de Oliveira e sucedida por Jordam & Gerken & Cia., em Joinville <sup>15</sup>.

---

<sup>15</sup> ALMEIDA, Rufino Porfiro. Um Aspecto da Economia de Santa Catarina. A Industrialização do Mate e Estudo da Cia. Industrial. In dissertação de Mestrado da UFSC, 1979. Mimeografado, p. 79 (248 p)

BALANÇOS DA EMPRESA. Livros Diários de 1902 a 1913. P. 46, 454, 364, 298, 466, 70, 278, 534, 244, 540, 512, 504 respectivamente.



## QUADRO - III. 9

INDICE DAS IMOBILIZAÇÕES FINANCEIRAS

<u>I.I.F.</u>		
01	-	0.016
02	-	0.016
03	-	0.018 - QUARTIL
04	-	0.077
05	-	0.112
06	-	0.135
07	-	0.149 - MEDIANA
08	-	0.155
09	-	0.188
10	-	0.698 - QUARTIL
11	-	0.901
12	-	0.938

<u>CLASSIFICAÇÃO</u>		
Baixo	-	0.016:1
Médio	-	0.142:1
Alto	-	0.938:1

<u>MEDIANA</u>	
$M = \frac{0.135 + 0.149}{2}$	$= 0.142:1$

## 10. Rentabilidade do Capital Social e do Patrimônio Líquido

A análise da Rentabilidade da empresa Carl Hoepcke e Cia. foi feita de duas maneiras: a primeira calculou-se sobre o Capital Social e depois sobre o Patrimônio Líquido, e assim calculou-se a Rentabilidade do Capital da empresa.

ANOS	S/ CAPITAL SOCIAL	INDICE IRCS	S/ PATRIMÔNIO LÍQUIDO	INDICE IRPL
1902	$\frac{\text{LUCRO X 100}}{\text{CAP SOC}} = \frac{218:931\$500 . 100}{2.385:730\$990}$	9,1%	$\frac{\text{LUCRO X 100}}{\text{PAT LIQ}} = \frac{218:931\$500 . 100}{2.980:544\$260}$	7,3%
1903	$\frac{190:200\$000 . 100}{2.463:792\$930}$	7,7%	$\frac{190:200\$000 . 100}{3.112:086\$920}$	6,1%
1904	$\frac{150:000\$000 . 100}{2.608:410\$640}$	5,7%	$\frac{150:000\$000 . 100}{3.244:946\$110}$	4,6%
1905	$\frac{75:000\$000 . 100}{2.751:248\$760}$	2,7%	$\frac{75:000\$000 . 100}{3.496:686\$590}$	2,1%
1906	$\frac{210:000\$000 . 100}{3.009:428\$980}$	6,9%	$\frac{210:000\$000 . 100}{3.889:163\$550}$	5,3%
1907	$\frac{216:000\$000 . 100}{3.227:482\$220}$	6,9%	$\frac{216:000\$000 . 100}{4.213:680\$970}$	5,1%
1908	$\frac{174:000\$000 . 100}{3.443:477\$150}$	5,0%	$\frac{174:000\$000 . 100}{4.477:294\$550}$	3,8%
1909	$\frac{198:000\$000 . 100}{3.738:273\$090}$	5,2%	$\frac{198:000\$000 . 100}{4.828:316\$260}$	4,1%
1910	$\frac{144:000\$000 . 100}{2.539:317\$700}$	5,6%	$\frac{144:000\$000 . 100}{2.685:201\$720}$	3,9%
1911	$\frac{225:000\$000 . 100}{2.759:473\$840}$	8,1%	$\frac{225:000\$000 . 100}{4.013:161\$800}$	5,6%
1912	$\frac{240:000\$000 . 100}{2.910:950\$580}$	8,2%	$\frac{240:000\$000 . 100}{4.278:519\$130}$	5,6%
1913	$\frac{180:000\$000 . 100}{1.505:624\$610}$	11,9%	$\frac{180:000\$000 . 100}{4.604:828\$170}$	3,3%

Na Rentabilidade sobre o Capital Social, utilizou-se os percentuais de lucro sobre o Capital Social da tabela anterior e as frequências abaixo relacionadas. Verificou-se que a rentabilidade situou-se entre 2,7% em 1905 e que habitualmente manteve os índices de 5%. E em 1913 os índices de rentabilidade elevaram-se para 11,98%, que de certa forma eram modestos.

QUADRO - III. 10

RENTABILIDADE SOBRE O CAPITAL SOCIAL

FREQUENCIAS

INTERVALOS - %	QUANTIDADES
0 - 1,0	-
1,1 - 2,0	-
2,1 - 3,0	1
3,1 - 4,0	-
4,1 - 5,0	1
5,1 - 6,0	3
6,1 - 7,0	2
7,1 - 8,0	1
8,1 - 9,0	2
9,1 - 10,0	1
ACIMA DE 10,0	1

A Rentabilidade sobre o Patrimônio Líquido da empresa Carl Hoepcke e Cia. foi efetivamente pequeno, visto que esta incluía suas reservas. Mesmo assim situou-se entre 4,1 a 8,0%. Isto confirmou a análise anterior, ou seja, que a Rentabilidade da empresa de uma maneira geral era modesta.

QUADRO - III. 11

RENTABILIDADE SOBRE O PATRIMÔNIO LÍQUIDO

FREQUENCIAS

INTERVALOS - %	QUANTIDADES
0 - 1,0	-
1,1 - 2,0	-
2,1 - 3,0	1
3,1 - 4,0	-
4,1 - 5,0	3
5,1 - 6,0	2
6,1 - 7,0	4
7,1 - 8,0	1
8,1 - 9,0	1
9,1 - 10,0	-

Analisando Carl Hoepcke e Cia., levou-se em consideração o processo de capitalização da mesma. Numa empresa do tipo de Carl Hoepcke e Cia., as contas dos sócios representavam o Capital Social e eram creditadas como lucros e os juros. Então, desta maneira o lucro da empresa era creditado aos sócios, mais os juros das contas correntes que representavam efetivamente o lucro real da empresa, pois tais juros eram debitados à conta de Lucros e Perdas. Examinou-se os Diários de Carl Hoepcke e Cia. e verificou-se:

TABELA - III. 22

DEMONSTRATIVO DE LUCROS E JUROS

ANOS	LUCROS	%	JUROS	%	TOTAL	%
1902	218:931\$500	63,6	125:228\$480	36,4	344:159\$980	100,00
1903	190:200\$000	58,5	133:944\$050	41,5	324:144\$050	100,00
1904	150:000\$000	51,4	142:017\$600	48,6	292:017\$600	100,00
1905	75:000\$000	39,9	113:422\$200	60,1	188:422\$200	100,00
1906	210:000\$000	56,3	162:941\$490	43,6	372:941\$490	100,00
1907	216:000\$000	56,1	169:476\$240	43,9	385:476\$240	100,00
1908	174:000\$000	48,0	189:233\$250	52,0	363:233\$250	100,00
1909	198:000\$000	49,1	204:917\$820	50,9	402:917\$820	100,00
1910	144:000\$000	38,8	226:691\$780	61,2	370:691\$780	100,00
1911	225:000\$000	71,5	90:000\$100	28,5	315:000\$000	100,00
1912	240:000\$000	60,2	158:362\$130	39,8	398:362\$130	100,00
1913	180:000\$000	39,9	271:637\$100	60,1	451:637\$100	100,00

FONTE: Livros Diários da Empresa de 1902 a 1913. Pags. 45, 43, 453, 450, 363, 361, 297, 293, 465, 459, 69, 64, 277, 274, 533, 529, 242, 240, 538, 529, 505, 511, 503, 497. In. A.CH.

#### D - PERFIL GLOBAL

O perfil global dos balanços analisados consistiu na apresentação da síntese gráfica dos índices até então analisados, permitindo uma visualização rápida das análises. Assim, em todos os anos de 1902 a 1913 a empresa Carl Hoepcke e Cia. apresentou índices de Liquidez excelentes, pois na Corrente o mesmo oscilou entre 3.46:1 a 3.80:1 em oito vezes, enquanto o padrão internacional é de 2.00:1; na Seca, o mesmo oscilou entre 2.37:1 a 3.45:1 em sete vezes, enquanto o padrão internacional é de 0.60:1 a 0.80:1; e na Mediana, oscilou entre 3.69:1 a 4.54:1 em oito vezes, enquanto o padrão internacional é de 0.15:1 a 0.30:1.

Quanto ao Endividamento a empresa tanto a Curto Prazo como a Longo Prazo e o Total, assim como as Imobilizações Técnicas e Financeiras, mantiveram-se a nível satisfatório. Estes resultados das avaliações de diversos aspectos que estão contidos dentro dos balanços, permitiu uma visão abrangente e profunda da empresa Carl Hoepcke e Cia.

## QUADRO - III. 12

PERFIL GLOBAL

CARL HOEPCKE E CIA - 1902 a 1913					
INDICES VARIACÕES	DEFICIENTE	SATISFATORIO	BOM	ÓTIMO	EXCELENTE
LIQUIDEZ CORRENTE					
LIQUIDEZ SECA					
LIQUIDEZ MEDIATA					
LIQUIDEZ IMEDIATA					
ENDIVIDAMENTO A CURTO PRAZO					
ENDIVIDAMENTO TOTAL					
IMOBILIZAÇÃO TÉCNICA					
IMOBILIZAÇÃO FINANCEIRA					



As análises contábil-financeiras revelaram a potencialidade de Carl Hoepcke e Cia., uma vez que os relatórios financeiros forneceram dados reais do que se realizou na empresa durante o período de 1902 a 1913. Por isto, trouxe condições para se afirmar que Carl Hoepcke e Cia. era realmente uma empresa importante no contexto catarinense, e que desempenhou apreciável papel para o comércio de Santa Catarina. Portanto, as análises contábeis refletiram a estrutura comercial sólida da empresa.

A empresa contava com uma potentíssima casa comercial que mantinha relações de negócios em quase todo o mundo, e esta situação permitiu a ampliação da empresa em outros setores de atividades econômicas. Pode-se também observar-se a multiplicação do capital nominal de Carl Hoepcke e Cia. até 1913. As disponibilidades da empresa em bancos nacionais e estrangeiros, fez da importação uma alternativa lucrativa para a expansão da empresa em novas empresas, sem a necessidade de emissões de novos capitais, além de capacitar a efetivação de saques no exterior. Na solidez de um Capital de Giro Próprio, garantiu a empresa recursos próprios permanentes, sem a preocupação de recorrer a terceiros para eventuais instabilidades financeiras. Além disto, Carl Hoepcke e Cia. estava acentada sobre um Patrimônio Líquido forte, que forneceu níveis de liquidez excelentes, assim como segurança para a ação econômica.

Sem dúvida, o relatório financeiro forneceu argu

mentos para a afirmação usual de que Carl Hoepcke e Cia. foi uma potência comercial em Florianópolis e Santa Catarina, durante as primeiras décadas do século XX.

## CONCLUSÕES

Entre outras coisas, o crescimento das economias europeias, o surgimento de tecnologia aprimorada e o crescimento demográfico, auxiliaram no desembocamento de um fluxo migratório para outras nações de baixa densidade populacional. Esta situação serviu como uma variável econômica, afim da Europa expandir sua influência em outros países, como o Brasil e especificamente em Santa Catarina.

O desenvolvimento da Alemanha, da França e Estados Unidos e sua concorrência com a Inglaterra bloquearam as pretensões inglesas na Europa, e intensificou-se a exploração de outras zonas do globo como, as Américas, a Ásia e a África. Este jogo de influência econômica, apresou a cartelização das economias alemãs e norte-americanas, e promoveu o rompimento do monopólio inglês no Brasil gerando a participação de outros países na economia nacional.

A política econômica agressiva da Alemanha, para ocupar espaços no mercado internacional, redundou na imigração de milhares de alemães pelo mundo. Dentro deste contexto, Santa Catarina, acolheu em seu território imigran -

tes oriundos da Alemanha. Numa destas levadas migratórias de alemães veio Carl Hoepcke. Ele foi o sucessor de uma casa comercial varejista em Desterro, cujas características básicas ao adquiri-la transformou e modificou.

Fugindo do comércio varejista, Carl Hoepcke estabeleceu-se como atacadista, importador e exportador, efetivou-se com grande importância para o comércio catarinense. Trabalhou principalmente com artigos importados e exportava produtos agrícolas em troca. As importações efetivadas por Carl Hoepcke e Cia foram acolhidas pelo crescimento das indústrias artesanais nascentes em Santa Catarina, que era carente de uma infra-estrutura em matérias-primas e maquinários, no norte. A presença de um comércio parcialmente movimentado no litoral catarinense mostrou a existência de um mercado potencialmente consumidor, que possibilitou a Carl Hoepcke e Cia a articulação das principais zonas de comercialização do litoral catarinense. Como cônsul alemão, Carl Hoepcke era representante dos interesses da Alemanha em Santa Catarina e com a crescente infiltração de capitais alemães nos centros econômicos catarinenses, redundou num íntimo relacionamento comercial entre a Alemanha e Santa Catarina e mais particularmente com Carl Hoepcke e Cia.

A presença de uma casa comercial forte permitiu a Carl Hoepcke e Cia ampliar suas atividades econômicas. Em Santa Catarina parece possível se efetuar uma generalização, quando afirma-se através de três exemplos, que o capi

tal comercial financiou a industrialização, representada-  
mente na figura de três exemplos catarinenses, Carl Hoep-  
cke e Cia, Cia Industrial e Gebrüder Hering. Observando-  
se o gráfico que segue, viu-se que a estrutura comercial  
das três empresas foram o sustentáculo da ação econômica,  
com bases industriais. Gebrüder Hering, possuía uma loja  
comercial que era distribuidora dos artigos da fábrica. A  
forte estrutura do mercado local do Vale do Itajaí, impul-  
sionou a produção industrial de Gebrüder Hering por inter-  
médio do capital mercantil <sup>1</sup>. A Cia Industrial também u-  
tilizou-se de uma casa comercial, para efetivar todas ati-  
vidades econômico-comerciais tanto para o comércio nacio-  
nal como para o comércio internacional, ou seja, as impor-  
tações e exportações de erva-mate, armazenagem, estocamen-  
to e distribuição de sua produção industrial, tudo era  
feito por intermédio de sua potente casa comercial <sup>2</sup>.  
Carl Hoepcke pode efetivamente, ampliar suas atividades  
comerciais para industriais, a partir de uma casa de co-  
mércio forte que financiou todas as diversificações econô-

---

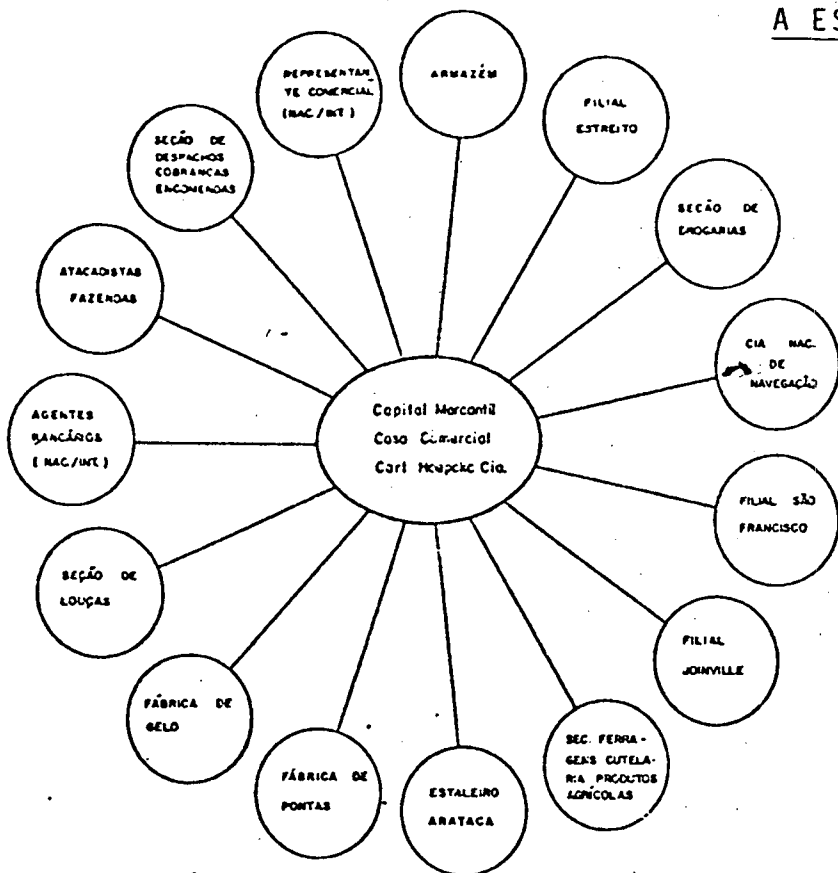
<sup>1</sup> COLOMBI, Luiz Vendelino. Industrialização de Blume-  
nau. O desenvolvimento de Gebrüder Hering - 1880  
-1915. Florianópolis, UFSC, Dissertação de MSc.,  
1979, p. 110.

<sup>2</sup> ALMEIDA, Um Aspecto da Economia de Santa Catarina. A  
Indústria Ervateira, p. 79

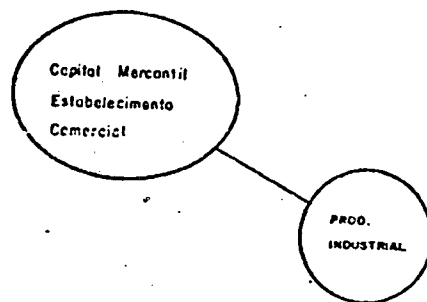
CARL HOEPCKE E CIA.

A ESTRUTURA DAS EMPRESAS

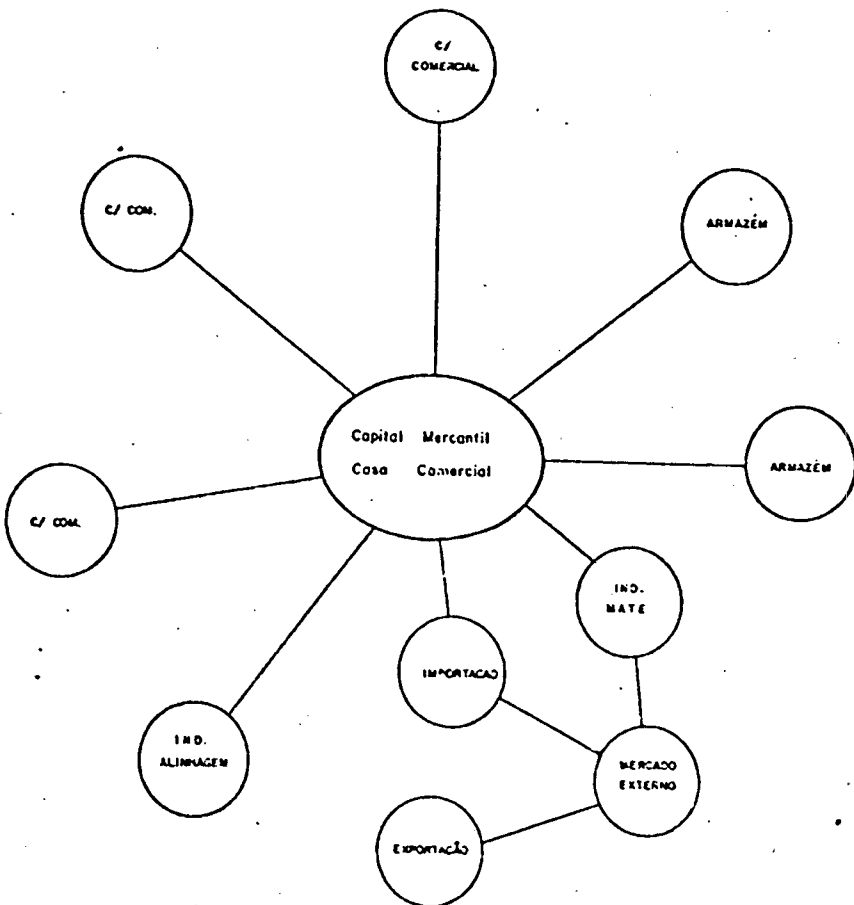
GRÁFICO - I



HERING CIA.



CIA. INDUSTRIAL



micas estabelecidas por Carl Hoepcke e Cia. Esta constante indicou a importância do comércio local, regional, e do comércio de importação e exportação agilizando a indústria e fomentando o lucro em Santa Catarina.

Outra característica dos alemães em Santa Catarina, foi a manutenção da unidade familiar em suas empresas, coisa que conferiu a maior elasticidade de atuação, de administração e de mudanças de orientação, sem a interferência de terceiros. O padrão clânico, caracterizada pela liderança forte e segura do chefe do clã, e pai ou o mais velho, que possuía total liberdade de ação dentro do âmbito da empresa de origem alemã. Carl Hoepcke Sênior veio confirmar esta regra, enquanto liderou o grupo comercial, enquanto viveu. O controle exercido por Carl Hoepcke em suas empresas, agilizou a empresa a adaptar-se aos moldes do mercado brasileiro, parcialmente acanhado onde as racionalizações das atividades econômicas eram praticamente impossíveis a longo prazo. Assim as empresas eram muitas vezes obrigadas a mudarem seus planos rapidamente, e a gestão de um administrador com amplos poderes facilitou esta situação. Isto conferiu certa estabilidade e segurança para a empresa Carl Hoepcke e Cia, representada na confiança delegada pelo grupo ao chefe do clã, na figura de Carl Hoepcke e este contou com a lealdade de seus familiares, para efetuar a ação econômica.

Num trabalho mais pormenorizado seria interessante investigar até que ponto Carl Hoepcke auxiliou ou facilitou o desenvolvimento da empresa, uma vez que toda responsabilidade e padrão técnico-administrativo emanava dele. Assim como investigar o processo de industrialização brasileiro, que permitiu a manutenção de um padrão clânico no controle dos empreendimentos econômicos.

A análise contábil propiciou a visualização nítida da atuação da empresa Carl Hoepcke e Cia, permitindo a formulação de conclusões: primeiro, que a empresa Carl Hoepcke e Cia manteve unidade familiar no grupo de associados, e um crescimento expressivo do capital social nominal, no ínterim dos doze anos. Segundo, que grande parte do sucesso da empresa residiu no fato desta possuir uma potente casa comercial, com bases num Patrimônio Líquido sólido, perfazendo mais 75% do passivo do capital da empresa. Terceiro, que as disponibilidades financeiras em bancos estrangeiros e nacionais, garantiram as operações comerciais no estrangeiro. Foi assegurado com isto, um comércio contínuo de importações, que abasteceram regularmente as seções comerciais da empresa. Quarto, que as imobilizações financeiras de Carl Hoepcke e Cia evoluíram, pois o crescimento das operações mercantis no período de 1902 a 1913, permitiram o alargamento dos horizontes comerciais, com a criação das fábricas, o estaleiro, a companhia de navegação, as filiais, as agências, a aquisição de imóveis e a compra de ações e apólices. Quinto, que a expansão das variáveis econômicas de



Carl Hoepcke e Cia estabeleceu o fechamento do circuito no litoral catarinense, onde a empresa serviu de fornecedor, representante, expedidor, abastecedor atacadista, e financiador das principais empresas catarinenses durante o período de 1902 a 1913. Esta situação poderia sofrer uma maior atenção se a empresa Carl Hoepcke e Cia fosse comparada com outras empresas catarinenses e brasileiras e daí traçar-se considerações maiores relativas a estrutura das empresas catarinenses e talvez do Brasil.

A organização da empresa Carl Hoepcke e Cia em suas perspectivas administrativas, ousou ampliar suas atividades econômicas. Carl Hoepcke e Cia em suas pretensões expansionistas, tornou-se sócio comanditário da Cia Industrial em 1906. A Cia Industrial dominava o comércio do extremo norte catarinense, Carl Hoepcke como sócio-comanditário obteve o predomínio do comércio do norte que estava dominado pela Cia. Industrial. Quando se extinguiu a Cia. Industrial, Carl Hoepcke já estava bem estabelecido no norte com a adoção de uma casa de despacho estabelecida em São Francisco do Sul, a Filial São Francisco <sup>3</sup>. No Vale do Itajaí, Carl Hoepcke e Cia era o agente no mercado local e regional dos produtos de Gebrüder Hering, agindo como atacadista e revende -

---

<sup>3</sup> ALMEIDA, Um Aspecto da Economia de Santa Catarina. A Indústria Ervateira, p. 79

dor para dentro e fora do Estado <sup>4</sup>. Esta exclusividade no comércio de malhas no atacado para Carl Hoepcke e Cia, deu uma situação de preponderância, a empresa, em todo norte catarinense. Em 1911 nomeou agentes comerciais em Laguna, que respondiam por seus interesses no Sul <sup>5</sup>, rompendo assim com a rede de intermediários neste setor. Portanto estava nas mãos de Carl Hoepcke e Cia o circuito da ação comercial do litoral catarinense em 1913.

---

<sup>4</sup> COLOMBI, Industrialização em Blumenau, p. 87

<sup>5</sup> JORNAL ALBOR, Laguna, 13 de Julh. de 1911, p.3, c.3

(estes agentes eram Cabral & Irmãos e Cia)

GLOSSÁRIO CONTÁBIL<sup>1</sup>

ATIVO - Representa todos os bens, direitos que a empresa possui na sua contabilidade;

ATIVO CIRCULANTE - São as contas que representam as disponibilidades e os direitos realizáveis a curto prazo;

CAIXA - Disponibilidades de numerário;

BANCOS - Disponibilidades de numerários depositados;

DEVEDORES DIVERSOS - Compradores habituais da empresa;

MERCADORIAS - Aquelas que são destinadas à comercialização geral da empresa e suas filiais;

MERCADORIAS FAB. PONTAS - Existentes, destinadas à comercialização;

MERCADORIAS FAB. GELO - Existentes, destinadas à comercialização;

---

<sup>1</sup> Neste glossário usa-se nos termos da Lei 6404 de 15.12.76 (Nova Lei das S.A.), os grupos de contas instituídos nos artigos 178 à 180. Os mesmos grupos foram usados nas análises. Entretanto, usa-se dentro dos grupos a terminologia da própria empresa. Várias contas aparecem em dois grupos, o que é determinado pela origem das operações.

ATIVO REALIZÁVEL A LONGO PRAZO - Os direitos que são realizáveis a longo prazo;

APÓLICES DIVERSAS - Aquisição de apólices estaduais e municipais;

ATIVO PERMANENTE - São as imobilizações que a empresa efetua, quer as técnicas: imóveis, móveis & utensílios, veículos, animais ou máquinas ou financeiras;

INVESTIMENTOS DO ESTADO - Participações em pequenas empresas;

EMBARCAÇÕES - Navios destinados ao transporte de mercadorias;

EDIFICAÇÕES - Bens de raiz da empresa - casa, armazéns, terrenos urbanos e rurais;

PARTICIPAÇÕES - Investimento de capital efetuados em outras empresas;

VALES MUNICIPAIS - Valores a receber do município;

PASSIVO - Representa as obrigações da empresa, quer a curto ou a longo prazo, bem como o seu Patrimônio Líquido;

PASSIVO CIRCULANTE - São as contas que representam a exigibilidade e as obrigações realizáveis a curto prazo;

FORNECEDORES - Fornecedores de mercadorias à empresa;

CREDORES DIVERSOS - Pequenas contas de fornecedores diversos;

- EXIGIVEL A LONGO PRAZO - São as obrigações da empresa que são realizáveis a longo prazo;
- LETRAS A PAGAR - Dívidas a longo prazo;
- PASSE DE FUNDOS - Transferências para outras praças e que são liquidados a prazo;
- SAQUES - Transferência de numerário a outras praças a serem liquidados a prazo;
- PATRIMÔNIO LÍQUIDO - Representa o Capital Social, os fundos de reserva, fundos de seguro e o fundo de amortização de propriedades;
- CAPITAL - Valor do numerário ou bens com que os sócios participam na empresa;
- CONTINGENCIAS - Fundos destinados à amortização das propriedades, dotações em balanço que vão constituir o fundo de reserva;
- LUCROS - A distribuir, "contas mortas" e outros subtítulos usados pela empresa;

COMISSÃO NACIONAL DE BOLSA DE VALORES. LEGISLAÇÃO SOBRE  
MERCADO DE CAPITAIS - NOVA LEI DAS SOCIEDADES ANÔNIMAS. 2ª  
EDIÇÃO, 1977, EDIÇÃO PRÓPRIA.

SEÇÃO III  
BALANÇO PATRIMONIAL

Grupo de Contas

Art. 178 - No balanço, as contas serão classificadas segundo os elementos do patrimônio que registrem, e agrupadas de modo a facilitar o conhecimento e a análise da situação financeira da companhia.

§ 1º - No ativo, as contas serão dispostas em ordem decrescente de grau de liquidez dos elementos nela registrados, nos seguintes grupos:

- a) ativo circulante;
- b) ativo realizável a longo prazo;
- c) ativo permanente, dividido em investimentos, ativo imobilizado e ativo diferido.

§ 2º - No passivo, as contas serão classificadas nos seguintes grupos:

- a) passivo circulante;
- b) passivo exigível a longo prazo;
- c) resultados de exercícios futuros;
- d) patrimônio líquido, dividido em capital social, reservas de capital, de reavaliação, reservas de lucros e lucros ou prejuízos acumulados

§ 3º - Os saldos devedores e credores que a companhia não tiver direito de compensar serão classificados' separadamente.

### ATIVO

Art. 179 - As contas serão classificadas do seguinte modo:

I - No ativo circulante: as disponibilidades, os direitos realizáveis no curso do exercício social subsequente e as aplicações de recursos em despesas do exercício seguinte;

II - No ativo realizável a longo prazo: os direitos realizáveis após o término do exercício seguinte, assim como os derivados de vendas, adiantamentos ou empréstimos' a sociedades coligadas (Art. 243), diretores, acionistas ou participantes no lucro da companhia, que não constituírem' negócios na exploração do objeto da companhia;

III- Em investimentos: as participações permanentes em outras sociedades e os direitos de qualquer natureza, não classificáveis no ativo circulante, e que não se destinem à manutenção da atividade da companhia ou da empresa;

IV - No ativo imobilizado: os direitos que tenham por objeto bens destinados à manutenção das atividades da companhia e da empresa, ou exercidos com essa finalidade, inclusive os de propriedade industrial;

V - No ativo deferido: as aplicações de recursos em despesas que contribuirão para a formação do resultado de mais de um exercício social, inclusive os juros pagos ou creditados aos acionistas durante o período que anteceder o início das operações sociais.

Parágrafo Único - Na companhia em que o ciclo operacional da empresa tiver duração maior que o exercício social, a classificação no circulante ou longo prazo terá por base o prazo desse ciclo.

#### PASSIVO EXIGÍVEL

Art. 180 - As obrigações da companhia, inclusive financiamentos para aquisição de direitos do ativo permanente, serão classificadas no passivo circulante, quando se vencerem no exercício seguinte, e no exigível a longo prazo, se tiverem vencimento em prazo maior, observado o disposto no parágrafo único do Art. 179.





P A S S I V O

<u>Capitales:</u> Carl Hoepcke Senior.	1.860:769\$760	
Carl Hoepcke Junior.	324:534\$260	
Carl Malburg.....	<u>210:121\$790</u>	2.335:426\$010
Max Hoepcke.....		50:304\$980

Contas mortas e lucros sus pensos

Contas Duvidosas	399:420\$500	
Contas de Juros	191:526\$610	
Despesas de Negocio	<u>54:326\$500</u>	545:273\$610
Lucros e Perdas	28:504\$330	
Comissões Bancárias	5:000\$000	
Remessas e Comissões	5:000\$000	
Conta de Agio	5:448\$170	
Fábrica de Pontas	<u>5:587\$160</u>	49:539\$660

Interessados e empregados da casa

Henrique Scheele	228:812\$050	
Leopoldo Malburg	94:919\$830	
Diversos Empregados	76:710\$270	
Caixa de Socorros	<u>414\$930</u>	400:857\$080

<u>Credores:</u> Paul Hoepcke.....	206:764\$760	
Maria Hackradt....	100:252\$470	
G.von Srymanowski..	37:817\$320	
Edith Haenselike ..	38:052\$370	372:886\$920
Diversos Credores..		244:243\$010

---

 Rs 3.998:511\$270



<u>Fundos de reserva</u> : Contas Duvidosas	222:750\$000	
Conta de Juros	199:404\$380	
Despesas de Negocio	<u>58:074\$100</u>	580:228\$480
<u>Lucros suspensos</u> : Lucros e Perdas	35:566\$570	
Remessas e Comissões	6:203\$720	
Comissões Bancárias	5:587\$970	
Conta de Agio	5:645\$150	
Fábrica de Pontas	14:000\$000	
Vapor Max	<u>1:062\$100</u>	<u>68:065\$510</u>
		3.112:086\$920
<u>Interessados e Empregados da casa</u>		
H. Scheele	248:523\$750	
Leopoldo Malburg	107:979\$400	
Diversos Empregados	48:324\$460	
Caixa de Sorros	<u>269\$610</u>	405:097\$220
<u>Credores</u> : Maria Hackradt.....	130:298\$000	
G. von Srymanowski.....	38:230\$350	
Edith Haensehke.....	28:949\$900	
Paulo Hoepcke.....	<u>130:602\$890</u>	328:081\$140
<u>Diversos Credores</u> .....		173:835\$160
		<hr/>
		Rs 4.019:100\$440

Balanço Geral em 31 de dezembro de 1904

A T I V O

<u>Caixa</u> : Dinheiro existente.....		73:794\$550
<u>Mercadorias</u> : conf. o inventário...		1.557:455\$810
<u>Fábrica de Pontas</u> : c/Capital...	51:837\$000	
c/Corrente..	<u>176:580\$200</u>	228:417\$200

<u>Vapor Max</u> .....		40:000\$000
<u>Fábrica de Gelo</u> .....		11:841\$800
<u>Apôlices</u> : Cia Cruzeiro do Sul.....	50:000\$000	
Div. do Estado e Municip. 70%	<u>15:051\$000</u>	65:051\$000
<u>Saldos Div. Bancos no Brasil</u> ...	120:370\$540	
na Europa a 14%	<u>141:571\$680</u>	261:942\$220
Fábricas, etc no Brasil	75:264\$660	
nas Agencias de Pontas de Paris	<u>65:646\$690</u>	140:911\$350
<u>Bens de raiz</u> : Casa Altino Corrêa..	38:000\$000	
Armazém Ouvidor.....	6:500\$000	
Armazém e Trapiche Rita Maria	30:600\$000	
Armazém Moreira.....	3:000\$000	
Casas de operários..	25:737\$780	
Propriedade S. Fran <sup>CO</sup>	14:876\$260	
Div. Terrenos e casas	<u>35:400\$000</u>	154:114\$040
<u>Diversos Devedores</u> .....		1.643:904\$920
		<hr/>
		Rs 4.177:432\$390

## P A S S I V O

<u>Capitães</u> : Carl Hoepcke Senior.....	1.915:724\$810	
Carl Hoepcke Junior.....	353:039\$050	
Carl Malburg.....	<u>283:124\$100</u>	2.551:887\$960
Max Hoepcke .....		<u>56:522\$680</u>
		2.608:410\$640
<u>Lucros suspensos</u> : Fábrica de Pontas	14:074\$620	
Vapor Max.....	3:491\$520	
Rem. e Comissões	6:965\$510	
Comissões Bancárias	6:871\$470	
Conta de Agio		
Lucros e Perdas	<u>18:878\$380</u>	50:281\$500

<u>Contas Mortas</u> : Conta de Juros ..	210:059\$450	
Contas Duvidosas.	315:470\$770	
Despesas de Negócio	60:723\$750	586:253\$970
<u>Interessados e Empregados da Casa</u>		
H. Scheele.....	265:390\$320	
Leopoldo Malburg.	107:157\$340	
Carl Leisner....	29:902\$760	
Div. Empregados..	46:198\$850	
Caixa de Socorros	687\$600	449:336\$870
<u>Credores</u> : V <sup>va</sup> Paulo Hoepcke.....	62:076\$740	
Maria Hackradt.....	116:518\$120	
G. von Srymanowski.....	38:667\$700	
Edith Haensehke.....	27:109\$460	244:372\$020
<u>Diversos</u> .....		238:777\$890

---

Rs 4.177:432\$890

Balanço Geral em 31 de dezembro de 1905

A T I V O

<u>Caixa</u> : Dinheiro existente.....		71:325\$140
<u>Mercadorias</u> : conf. inventário...		1.177:554\$000
<u>Fábrica de Pontas</u> : c/Capital...	47:337\$000	
c/Corrente ..	176:429\$570	
diversas consignações	68:139\$680	291:906\$250
<u>Vapor Max</u> .....	34:000\$000	
<u>Vapor Meta</u> .....	70:000\$000	104:000\$000
<u>Fabrica de Gelo</u> .....		8:856\$000
<u>Apôlices</u> : 50 Cia Cruzeiro do Sul ..	45:000\$000	
do Estado e Municipio ...	12:111\$000	57:111\$000

<u>Saldos de div. Bancos no Brasil</u>	79:720\$820	
na Europa a 17%	190:027\$410	
Fábricas etc no Brasil	<u>65:083\$470</u>	334:831\$700
<u>Bens de raiz: Propriedade S. Fran<sup>CO</sup></u>	69:069\$440	
Casa Altino Corrêa 28	36:000\$000	
Casas para trabalhado res	24:184\$780	
Armazém e Trapiche Rita Maria	28:600\$000	
Armazém Moreira .....	2:750\$000	
Armazém Ouvidor .....	6:000\$000	
Div. Terrenos e casas.....	<u>21:505\$000</u>	188:112\$220
<u>Diversos Devedores.....</u>		1.950:875\$420
		<hr/>
		Rs 4.184:571\$830

P A S S I V O

<u>Capitais: Carl Hoepcke Senior.....</u>	2.000:000\$000	
Carl Hoepcke Junior.....	374:591\$860	
Carl Malburg.....	<u>306:241\$940</u>	2.680:833\$800
Max Hoepcke .....		<u>70:414\$960</u>
		2.751:248\$760
<u>Lucros Suspensos: Fábrica de Pon- tas</u>	20:824\$720	
Rem e Comissões	1:136\$280	
Comissões Bancárias	6:341\$970	
Lucros e Perdas	<u>8:393\$590</u>	36:696\$560
<u>Contas Mortas: Conta de Juros.....</u>	226:300\$840	
Contas Duvidosas ..	317:952\$170	
Despesas de Negócio	<u>64:488\$260</u>	608:741\$270
<u>Interessados e Empregados da Casa</u>		
H. Scheele.....	259:131\$380	
Leopoldo Malburg..	111:800\$660	

Carl Leisner .....	17:545\$630	
Div. Empregados....	62:858\$610	
Caixa de Socorro ...	<u>471\$440</u>	451:807\$720
<u>Credores:</u> Hedwig Hoepcke .....	1:563\$800	
Maria Hackradt.....	116:142\$610	
G. von Srymanowski.....	39:131\$680	
Edith Haensehke .....	<u>28:403\$870</u>	185:241\$960
<u>Diversos</u> .....		150:835\$560
		<hr/>
		Rs 4.184:571\$830

Balanço Geral em 31 de dezembro de 1906

A T I V O

<u>Caixa:</u> Dinheiro existente .....		208:508\$400
<u>Mercadorias:</u> conf. inventário 16%		1.240:240\$600
<u>Fábrica de Pontas:</u> c/Capital ...	30:000\$000	
c/Corrente ..	130:981\$740	
<u>Fábrica de Gelo</u> .....	4:836\$830	
<u>Fábrica de Arame Farpado</u> .....	<u>12:857\$090</u>	178:675\$660
<u>Vapores:</u> Max.....	20:000\$000	
Meta .....	<u>50:000\$000</u>	70:000\$000
<u>Casas, Bens de raiz, Trapiches</u>		
	<u>etc</u>	
Edifícios e trapiche em São Francisco	100:000\$000	
Casa Altino Corrêa.....	32:000\$000	
Armazém Rita Maria.....	25:800\$000	
Armazéns na Cidade <u>Moreira</u>	2:500\$000	
e <u>Ouvidor</u>	5:500\$000	8:000\$000



8 Casas para operários..	22:369\$780	
Div. Bens de raiz no Es- tado	<u>13:461\$500</u>	201:631\$280

Ações etc

Capital Casa Procópio Gomes Cia	251:822\$230	
Filial São Francisco	65:320\$530	
Ações Cia Cruzeiro do Sul	<del>48:000\$000</del>	
div. do Estado e Muni- cipio 60%	11:021\$500	
E. F. do Estreito...	<u>1\$000</u>	368:165\$260

Devedores

Saldo em div. Bancos do Brasil..	287:521\$930	
Fábricas Nacionais	75:469\$360	
Contas na Europa 16%	<u>284:669\$100</u>	647:660\$390

Diversos Devedores..... 1.908:032\$450

---

Rs 4.822:914\$040

P A S S I V O

<u>Capitales:</u> Carl Hoepcke Senior....	2.074:261\$000	
Carl Hoepcke Junior....	444:102\$710	
Carl Malburg.....	383:035\$760	
Max Hoepcke.....	<u>108:029\$510</u>	3.009:428\$980

<u>Contas Mortas:</u> Conta de Juros....	277:634\$780	
	348:855\$200	
Despesas de Negócio	<u>98:304\$600</u>	724:794\$580

Lucros Suspensos:

Fábrica de Pontas..	30:000\$000	
Vapor Max.....	4:555\$150	
Rem. e Comissões..	8:999\$270	
Comissões Bancárias	7:710\$670	
Conta de Agio.....	40:784\$670	
Lucros e Perdas...	<u>62:890\$230</u>	154:939\$990

Procuradores e Empregados

Henrique Scheele....	281:822\$970	
Leopoldo Malburg ...	125:381\$590	
Carl Leisner.....	13:636\$510	
Diversos Empregados.	<u>61:499\$490</u>	482:340\$560

Credores

Caixa de Socorro.....	1:287\$000	
Maria Hackradt.....	114:624\$990	
Gertrud von Srymanowski...	39:623\$160	
Edith Haensehke .....	28:883\$780	
Diversos .....	<u>266:991\$000</u>	451:409\$930

---

 Rs 4.822:914\$040
Balanço Geral em 31 de dezembro de 1907A T I V O

<u>Caixa</u> : Dinheiro existente .....		222:879\$400
<u>Mercadorias</u> : Conf. inventário.....		1.688:955\$690
<u>Fábricas</u> :		
Pontas de Paris e Arame Farpado movimento	212:017\$470	
capital, edificios 15:000\$000		
machinas 1\$000	15:001\$000	
Gelo.....	<u>1\$000</u>	227:019\$470
<u>Vapores</u> : Max c/ Capital.....	10:000\$000	
Meta c/ Capital .....	<u>40:000\$000</u>	50:000\$000
<u>Casas, trapiches, bens de raiz</u>		
etc		
8 Casas p/ profissionais da fá brica	20:630\$580	
Armazens e trapiches Rita Maria	21:500\$000	
Moreira 2:000\$000 R.		
República 5:000\$000	7:000\$000	

Casa Altino Corrêa.....	28:000\$000	
Estaleiro Arataca.....	41:990\$540	
Div. Propriedades e terrenos	9:785\$000	
Propriedade S. Francisco..	<u>100:000\$000</u>	228:906\$120

Ações, participações em negócios  
etc

Casa Filial em S. Francisco....	39:805\$370	
Jordan, Gerken Cia, Joinville..	244:114\$300	
Cruzeiro do Sul (Rs 50:000\$000)	35:000\$000	
Apôlices Estaduais e Municipais 60%	7:605\$180	
Carris Urbanos 4:000\$000		
Ferro Carril 1\$000	<u>4:001\$000</u>	330:525\$850

Devedores

Saldo div. Bancos no Brasil....	60:064\$650	
Fábricas, Comissionários no Brasil	79:321\$260	
div. Bancos na Europa.....	<u>301:841\$790</u>	441:227\$700

Devedores Diversos..... 2.225:628\$630

---

Rs 5.415:142\$860

P A S S I V O

<u>Capitales:</u> Carl Hoepcke Senior.....	2.087:061\$640	
Carl Hoepcke Junior.....	524:625\$090	
Carl Malburg.....	468:476\$660	
Max Hoepcke.....	<u>147:318\$830</u>	3.227:482\$220

Contas Mortas:

Contas de Juros.....	289:186\$690	
Despesas de Negocio	105:296\$320	
Duvidosas.....	<u>426:333\$510</u>	820:816\$520

Lucros Suspensos:

Lucros e Perdas .....	79:133\$070	
Conta de Agio.....	40:000\$000	

Comissões Bancárias....	6:393\$250	
Remessas e Comissões...	10:000\$000	
Vapor Max.....	6:238\$740	
Fábrica de Pontas.....	<u>25:617\$170</u>	167:382\$230

Procuradores e Empregados

H. Scheele.....	304:350\$000	
Leopoldo Malburg.....	<u>139:615\$840</u>	
Carl Leisner.....	26:292\$540	
Diversos Empregados ...	<u>55:478\$390</u>	525:676\$770

Caixa de Socorro.....

1:876\$000

Credores:

Maria Hackradt.....	126:713\$310	
Edith Haensehke.....	31:278\$220	
G. von Srymanowski.....	39:657\$330	
Hedwig Hoepcke.....	<u>5:039\$830</u>	202:688\$690

Credores Diversos.....

469:220\$430

---

 Rs 5.415:142\$860
Balanço Geral em 31 de dezembro de 1908A T I V O

<u>Caixa:</u> Dinheiro existente.....		222:053\$870
---------------------------------------	--	--------------

<u>Mercadorias:</u> Conf. inventário.....		2.076:912\$530
---	--	----------------

Fábricas:

Pontas de Paris e Arame Far pado/movimento	193:202\$250	
c / Capital, edificios, ma- chinas.	15:001\$000	
Gelo.....	<u>1\$000</u>	208:204\$250

<u>Vapores:</u> Max c/capital.....	5:000\$000	
Meta c/capital.....	<u>30:000\$000</u>	35:000\$000

Casas, Trapiches, Bens de raiz  
etc

Propriedades em S. Francisco . . . .	100:000\$000	
Estaleiro Arataca . . . . .	40:000\$000	
Armazém e Trapiches Rita Maria ..	33:000\$000	
Moreira 1:500\$000           e		
Ouvidor 4:500\$000 . . . . .	<del>6</del> :000\$000	
8 Casas para trabalhadores . . . . .	18:980\$000	
Casas Altino Corrêa . . . . .	24:000\$000	
Diversas casas e terrenos . . . . .	<u>5:507\$000</u>	227:487\$580

Ações Filial e Participações em  
Negócios

Filial São Francisco . . . . .	110:756\$670	
Jordan Gerken Cia c/capital . . . .	244:463\$560	
c/Europa . . . . .	91:735\$630	
Ações Cruzeiro do Sul movimento		
47:000\$000	27:000\$000	
Carris Urbanos 6:600\$000 ,		
Ferro Carril 1\$000 . . . . .	6:001\$000	
Apólices Estaduais e Municipais		
50%	<u>17:960\$000</u>	498:516\$860

Div. Bancos e Fáblicas no Bra -  
sil

Div. Bancos na Europa . . . . .	<u>252:000\$170</u>	441:327\$850
Diversos Devedores . . . . .		1.947:581\$610

---

Rs 5.657:084\$570

P A S S I V O

<u>Capitales:</u> Carl Hoepcke Senior . . . . .	2.131:662\$120	
Carl Hoepcke Junior . . . . .	584:217\$430	
Carl Malburg . . . . .	549:401\$980	
Max Hoepcke . . . . .	<u>178:195\$620</u>	3.443:477\$150
<u>Contas Mortas:</u>		
Conta de Juros . . . . .	315:031\$200	

Conta de Delcredere .....	420:000\$000	
Conta de Despesas de Negócios	<u>122:718\$470</u>	857:749\$670

Lucros Suspensos:

Fabrica de Pontas e Arame	33:543\$060	
Vapor Max .....	4:982\$520	
Remessas e Comissões .....	9:419\$960	
Comissões Bancárias .....	4:375\$460	
Conta de Agio .....	40:000\$000	
Lucros e Perdas .....	<u>83:746\$730</u>	176:067\$730

Interessados e Empregados:

Henrique Scheele .....	312:755\$450	
Leopoldo Malburg .....	145:007\$730	
Carl Leisner .....	15:641\$550	
Diversos Empregados .....	54:382\$470	
Caixa de Socorros .....	<u>2:861\$880</u>	530:649\$080

Credores:

Edith Haensehke .....	33:524\$940	
Maria Hackradt .....	111:626\$840	
G. von Srymanowski .....	40:545\$150	
Hedwig Hoepcke .....	<u>554\$730</u>	186:251\$660

Diversos Credores

462:889\$280

---

Rs 5.657:084\$570

Balanço Geral em 31 de dezembro de 1909

A T I V O

<u>Caixa</u> : Dinheiro existente .....		143:899\$990
<u>Mercadorias</u> : conf. inventário .....		1.894:000\$000
<u>Fábricas</u> :		
Pontas de Paris e Arame farpado	133:939\$570	

Idem, Edifícios 15:000\$000 e Máquinas 1\$000	15:001\$000	
Gelo .....	<u>431\$080</u>	149:371\$650
<u>Vapores:</u> Max c/ capital .....	5:000\$000	
Meta c/ capital .....	20:000\$000	
Anna c/ capital .....	290:000\$000	
<u>Cutter Oriental</u> c/ capital .....	<u>6:500\$000</u>	321:500\$000
<u>Casas, Trapiches, Bens de raiz etc</u>		
Estaleiro Arataca .....	37:730\$000	
Propriedade S. Francisco ..	110:000\$000	
8 Casas p/ trabalhadores ..	17:397\$080	
Armazém Rita Maria .....	29:900\$000	
Moreira 1:000\$000 e Ouvidor 4:000\$000 .	5:000\$000	
Casa Altino Corrêa .....	22:800\$000	
Div. Casas e terrenos .....	<u>3:417\$000</u>	226:244\$080
<u>Ações, Filial e Participações em     Negócios</u>		
Filial em S. Francisco .....	193:916\$730	
Jordan Gerken e Cia c/capital.	244:320\$000	
c/Europa	86:262\$920	
Ações Cruzeiro do Sul 42:000	22:000\$000	
Carris Urbanos 7:000\$000 e Ferro Carril 1:000\$000	5:951\$000	
Apólices do Estado e Munic.	<u>59:940\$000</u>	612:390\$630
<u>Saldo de</u> div. Bancos no Brasil ..		124:652\$400
Agências, Comissões etc		45:369\$810
Fábricas .....		38:410\$530
Contas na Europa .....		146:460\$360
<u>Diversos Devedores</u> .....		2.266:914\$940

---

 Rs 5.969:214\$330

P A S S I V O

<u>Capitales:</u> Carl Hoepcke Senior.....	2.204:385\$170	
Carl Hoepcke Junior.....	664:038\$110	
Carl Malburg.....	665:779\$590	
Max Hoepcke.....	<u>204:070\$220</u>	3.738:273\$090

Contas Mortas:

Conta de Juros.....	338:544\$730	
Despesas de Negócios	121:937\$720	
Delcredere.....	<u>450:000\$000</u>	910:482\$450

Lucros Suspensos:

Lucros e Perdas.....	88:202\$560	
Conta de Agio.....	40:000\$000	
Remessas e Comissões.....	5:158\$160	
Comissões Bancárias.....	4:952\$050	
Fábrica de Pontas.....	31:572\$740	
Vapor Max.....	5:394\$020	
Meta.....	<u>4:281\$190</u>	179:560\$720

Interessados e Empregados:

Henrique Scheele.....	326:073\$750	
Leopoldo Malburg.....	148:030\$020	
Carlos Leisner.....	11:915\$380	
Saldo de div. Empregados..	14:144\$790	
<u>Caixa de Socorros</u>	<u>3:536\$500</u>	503:699\$940

Credores:

Maria Hackradt.....	110:549\$560	
Gertrud von Srymanowski...	40:973\$570	
Edith Haensehke.....	34:869\$080	
Hedwig Hoepcke.....	2:183\$130	
Fernando Hackradt.....	<u>12:000\$000</u>	200:575\$340

<u>Diversos Credores.....</u>		436:622\$790
-------------------------------	--	--------------

---

 Rs 5.969:214\$330



Balanço Geral em 31 de dezembro de 1910.A T I V O

Caixa: Dinheiro existente..... 145:460\$860

Mercadorias: conf. inventário..... 1.748:634\$720

Propriedades:

São Francisco.....	120:000\$0000	
Estaleiro Arataca.....	37:000\$0000	
8 casas para operários.....	15:417\$080	
Armazéns Rita Maria.....	27:500\$000	
Armazém Moreira.....	200\$000	
Ouvidor.....	3:500\$000	
Casa Altino Corrêa.....	21:600\$000	
Diversas casas e terrenos.....	<u>11\$000</u>	225:228\$080

Embarcações:

Vapor Anna.....	27:000\$000	
Max.....	5:000\$000	
Meta.....	15:000\$000	
Cutter Oriental.....	<u>4:982\$460</u>	294:982\$460

Fábricas:

Pontas de Paris e Arame farpado		
Edifícios 15:000\$000 e Machinas		
1\$000	15:001\$000	
Conforme inventário.....	164:465\$190	
Gelo.....	<u>1\$000</u>	179:467\$190

Participações:

Jordan, Gerken e Cia.....	444:000\$000	
Cia de Lactínicos Blumenau...	<u>3:600\$000</u>	447:600\$000

Saldos:

Agencias e Depósitos de Pontas.	103:831\$070	
Bancos do Brasil.....	117:856\$520	
na Europa.....	<u>176:718\$420</u>	398:406\$010

Apôlices e Ações:

Cia Carris Urbanos (50%).....	3:500\$000	
Empresa Ferro Carril Cath.....	1\$000	
Apôlices Estaduais 60% .....	53:440\$000	
Municipais 50% .....	<u>1:020\$000</u>	54:961\$000
<u>Filial em São Francisco.....</u>		242:193\$600
<u>Diversos Devedores.....</u>		2.703:286\$030

---

 Rs 6.443:219\$950
P A S S I V O

<u>Capitales:</u> Carl Hoepcke .....	1.364:602\$710	
Carl Hoepcke Júnior.....	525:753\$890	
Carl Malburg.....	531:017\$840	
Max Hoepcke .....	<u>117:943\$260</u>	2.539:317\$700

Contas Mortas:

Conta Delcredere.....	483:366\$920	
de Juros.....	364:617\$100	
Despesas de Negócio..	<u>121:201\$560</u>	969:185\$580

Lucros Suspensos:

Lucros e Perdas.....	78:994\$370	
Fabrica de Pontas .....	35:000\$000	
Conta de Agio .....	40:000\$000	
Comissões Bancárias .....	6:003\$440	
Remessas e Comissões.....	5:980\$550	
Vapor Anna .....	3:060\$310	
Vapor Max.....	4:135\$020	
Vapor Meta .....	<u>3:519\$750</u>	176:698\$440

Interessados:

Henrique Scheele.....	325:596\$440	
Leopoldo Malburg.....	151:287\$290	
Carl Leisner .....	<u>21:544\$240</u>	498:427\$970

<u>Empregados</u> .....		15:561\$000
<u>Credores:</u>		
Fernando Hackradt.....	119:840\$890	
Gertrud von Srymanowski.....	40:000\$000	
Edith Haensehke.....	<u>37:365\$030</u>	194:205\$920
<u>Caixa de Socorros</u> .....		4:282\$350
<u>Saldo de diversas Fabricas etc..</u>		21:989\$790
<u>Diversos Credores</u> .....		2:020:551\$200
		<hr/>
		Rs 6.443:219\$950

Balanço Geral em 31 de dezembro de 1911

A T I V O

<u>Caixa</u> : Dinheiro existente.....		116:731\$370
<u>Mercadorias</u> : conf. o inventário....		2.188:074\$770
<u>Propriedades</u> :		
São Francisco .....	120:000\$000	
Estaleiro Arataca.....	32:000\$000	
8 casas para operários.....	14:297\$080	
Armazéns Rita Maria .....	27:500\$000	
Moreira.....	1\$000	
Deodoro .....	3:000\$000	
Casa Conselheiro Mafra.....	31:631\$990	
Diversas casas e terrenos ...	<u>10\$000</u>	228:440\$070
<u>Embarcações</u> :		
Vapor Max .....	5:000\$000	
Meta.....	5:000\$000	
Anna.....	250:000\$000	
Cutter Oriental.....	<u>1:588\$160</u>	261:588\$160

Fábricas:

Pontas de Paris e Arame Farp. Conforme inventário.....	203:482\$430	
Edifícios 15:000\$000 Machinas 1\$000	15:001\$000	
Gelo.....	<u>1\$000</u>	218:484\$430

Participações:

Jordan, Gerken e Cia.....	440:984\$750	
Cia Lactínicos Blumenauense.	<u>6:000\$000</u>	446:984\$750

Saldos

Agencia e Depositos de Pontas	104:906\$540	
Bancos no Brasil.....	83:065\$910	
na Europa.....	194:238\$260	
Fábricas nacionais.....	<u>9:598\$410</u>	391:809\$120

Apólices e Ações:

Cia Carris Urbanos a 40%....	2:800\$000	
Empresa Ferro Carril.....	1\$000	
Apólices Estaduais a 60%....	9:450\$000	
Municipais a 50%...	<u>980\$000</u>	13:231\$000

Filial de São Francisco..... 306:441\$100

Diversos Devedores..... 2.601:063\$700

---

Rs 5.772:848\$470

P A S S I V OCapitales:

Carl Hoepcke.....	1.477:081\$370	
Carl Hoepcke Junior.....	587:973\$040	
Carl Malburg.....	566:983\$380	
Max Hoepcke.....	<u>127:436\$050</u>	2.759:473\$840

Contas Mortas:

Conta Delcredere.....	516:122\$270	
Conta de Juros.....	408:179\$030	
Despesas de Negocios ..	<u>141:437\$480</u>	1.065:738\$780

Lucros Suspensos:

Lucros e Perdas.....	86:852\$710	
Fabrica de Pontas.....	34:096\$470	
Conta de Agio.....	40:000\$000	
Comissões Bancárias.....	6:000\$000	
Remessas e Comissões.....	6:000\$000	
Vapor Max.....	5:000\$000	
Meta.....	5:000\$000	
Anna.....	<u>5:000\$000</u>	187:949\$180

Interessados:

Leopoldo Malburg.....	141:776\$700	
Carl Leisner.....	<u>28:036\$610</u>	169:813\$310

Empregados..... 46:093\$250

Credores:

Fernando Hackradt.....	82:033\$650	
Gertrud von Srymanowski.....	40:987\$550	
Edith Haensehke.....	<u>39:958\$770</u>	162:979\$970

Caixa de Socorros..... 5:070\$550

Diversos Credores..... 2:375:729\$590

---

Rs 6.772:848\$470

Balanço Geral em 31 de dezembro de 1912A T I V O

Caixa: Dinheiro existente..... 61:819\$360

Mercadorias: Conforme inventário... 2:209:963\$610

Propriedades:

Casa Rua Cons Mafra 28.....	30:000\$000	
Armazém Deodoro 3:000\$0000 e Moreira 1\$000 .....	3:001\$000	
etc Rita Maria .....	41:000\$000	
Casas p/ trabalhadores incl. Bsilke .....	28:000\$000	
Estaleiro Arataca.....	1\$000	
S. Francisco incl. Trapiche..	140:000\$000	
Armazém Estreito.....	8:000\$000	
Diversas Casas e terrenos ...	<u>11\$000</u>	250:013\$000

Embarcações:

Vapor Max.....	15:000\$000	
Meta.....	5:000\$000	
Anna.....	220:341\$480	
Cutter Oriental.....	1:100\$000	
Faia 4:000\$000 e Dons Oceans 2:000\$000	<u>6:000\$000</u>	247:441\$480

Fábricas:

de Gelo .....	1\$000	
de Pontas Paris e Arame Farp. conforme inventário .....	189:077\$290	
Edificios e Machinas .....	<u>26:042\$560</u>	215:120\$850

Participações e Ações:

Jordan, Gerken	631:030\$000	
Cia Lactinios Blumenauense.	7:000\$000	
Empresa Ferro Carril .....	<u>1\$000</u>	638:031\$000

Apólices:

Estaduais a 50%.....	7:750\$000	
Municipais a 40%.....	<u>980\$000</u>	8:730\$000

Filial São Francisco..... 259:349\$810

Saldos

Contas na Europa.....	400:659\$960	
Bancos no Brasil.....	122:213\$820	

Fábricas no Brasil.....	21:575\$370	
Agencias e Depositos de Pontas	<u>70:098\$040</u>	614:547\$190

Diversos Devedores..... 2.631:835\$640

---

Rs 7.136:524\$940

P A S S I V O

Capitales:

Carl Hoepcke.....	1.491:000\$000	
Carl Hoepcke Junior.....	662:773\$960	
Carl Malburg.....	586:512\$260	
Max Hoepcke.....	<u>170:663\$420</u>	2.910:950\$580

Contas Mortas:

Conta Del credere.....	531:166\$450	
de Juros.....	468:782\$950	
Despesas de Negocios	<u>178:106\$990</u>	1.178:056\$390

Lucros Suspensos:

Lucros e Perdas.....	92:973\$970	
Conta de Agio.....	40:000\$000	
Comissões Bancárias.....	6:000\$000	
Remessas e Comissões.....	6:000\$000	
Vapor Meta.....	7:859\$490	
Max.....	2:477\$530	
Fábrica de Pontas.....	<u>34:201\$170</u>	189:512\$160

Interessados e Empregados

Leopoldo Malburg.....	139:091\$780	
Carl Leisner.....	39:139\$390	
Diversos Empregados.....	<u>44:203\$320</u>	222:434\$490

Caixa de Socorros..... 5:560\$820

Credores:

Gertrud von Srymanowski ..	44:514\$440	
----------------------------	-------------	--

Edith Haensehke.....

42:733\$870

87:248\$310

Diversos Credores.....

2.542:662\$190

---

Rs 7.136:524\$940Balanço Geral em 31 de dezembro de 1913A T I V OCaixa: Dinheiro existente.....

44:095\$640

Mercadorias: conforme inventário ...

2.265:292\$340

Propriedades:

Casa Conselheiro Mafra....

100:000\$000

Armazém Deodoro.....

3:000\$000

Moreira.....

1\$000

Armazéns Rita Maria.....

41:000\$000

Estreito.....

7:166\$660

Casas de trabalhadores e  
Besilk

26:676\$500

Estaleiro Arataca.....

23:785\$660

S. Francisco trapiche

140:000\$000

Diversos terrenos.....

13\$000

341:642\$820

Embarcações:

Vapor Max.....

60:000\$000

Meta.....

8:000\$000

Anna.....

220:000\$000

Lanchões: Oriental.....

815\$000

Faia.....

4:000\$000

Dous Oceanos....

1:769\$600

294:584\$600

Fábricas:Pontas Paris, Edifícios e  
machinas

70:000\$000

corrente confor  
me inventário.

255:000\$000



Gelo.....	<u>1\$000</u>	325:001\$000
-----------	---------------	--------------

Participações:

Jordan Gerken e Cia .....	710:000\$000	
Cia Progresso Catharinense..	8:000\$000	
Lactinios Blumenau...	1\$000	
Ferro Carril Estreito ..	<u>1\$000</u>	718:002\$000

<u>Casa Filial em São Francisco....</u>		395:967\$510
---	--	--------------

Apólices

Estaduais.....	18:300\$000	
Municipais.....	<u>980\$000</u>	19:280\$000

Devedores:

Saldo em Bancos da Europa ..	5:018\$960	
Fabricas nacionais casas comerciais..	6:729\$400	
Agencias e compradores de pontas e Paris ..	<u>89:990\$220</u>	101:738\$580

<u>Diversos Devedores.....</u>		3.075:632\$430
--------------------------------	--	----------------

---

Rs 7.581:236\$920

P A S S I V OCapitales:

Carl Hoepcke Senior .....	1.522:786\$350	
Carl Hoepcke Junior.....	723:872\$950	
Carl Malburg .....	660:969\$830	
Max Hoepcke .....	<u>191:028\$750</u>	3.098:657\$860

Contas Mortas:

Conta Delcredere.....	611:043\$950	
Conta de Juros .....	528:822\$890	
Despesas de Negocios..	<u>188:002\$510</u>	1.327:869\$350

Lucros suspensos:

Lucros e Perdas.....	98:086\$460	
----------------------	-------------	--

Conta de Agio.....	33:530\$580	
Comissões Bancárias.....	5:890\$000	
Remessas e Comissões.....	6:000\$000	
Fábrica de Pontas de Paris.	<u>34:248\$220</u>	117:755\$260

Interessados e Empregados:

Leopoldo Malburg.....	139:383\$740	
Carl Leisner.....	<u>35:954\$840</u>	
Diversos Empregados, saldo.	<u>28:885\$670</u>	204:224\$250

<u>Caixa de Socorros.....</u>		5:029\$300
-------------------------------	--	------------

Credores:

Paula Scheele.....	121:822\$420	
Hedwig Hoepcke.....	6:983\$300	
Edith Haensehke.....	43:649\$220	
Gertrud von Srymanowski ...	<u>48:436\$560</u>	220:891\$500

<u>Diversos Credores.....</u>		2.508:427\$200
-------------------------------	--	----------------

<u>Saldo dos Bancos no Brasil.....</u>		38:382\$200
--	--	-------------

---

Rs 7.581:236\$920

Florianópolis em 31 de Fevereiro de 1913.

Carl Hoepcke

Carl Hoepcke Junior

Carl Malburg

J. Arruda Camara  
Juiz de Direito

## FONTES DE CONSULTA

### 1. FONTES PRIMÁRIAS

- 1.1 - Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Santa Catarina (Província), Presidente. Fallas e Relatórios, 1885 a 1889.
- Santa Catarina. (Governo), Relatórios, 1898 a 1914
- 1.2 - Arquivo da Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina.
- Auxiliar de Receitas da Superintendência Municipal de Florianópolis 1897 a 1898.
  - Santa Catarina. (Província), Presidente. Fallas e Relatórios, 1885 a 1889.
  - Santa Catarina. (Governo), Relatórios, 1898 a 1914.
  - Laboratório de História Oral da Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de História.
  - Entrevistas sob o registro P.6.03 - nº 0222, 2p.
- 1.3 - Arquivo de Carlos Hoepcke S/A., Florianópolis.
- Balanços Anuais da Empresa Carl Hoepcke e Cia de 1902 a 1913 (Anexos).
  - Livro Diário de Carl Hoepcke e Cia de 1898.
  - SILVA, Aderbal Ramos. Histórico da Firma "Carlos Hoepcke S/A." Florianópolis, mimeografado, 1917,

5p.

- 1.4 - Arquivo Municipal de Joinville  
- Jornal Zeitung. Joinville, 1885 - 1898
- 1.5 - Arquivo Particular do Sr. Manuel Bessa. Laguna.  
- Jornal Albor. Laguna, 1900 - 1914
- 1.6 - Biblioteca Pública de Santa Catarina  
- Jornal do Comércio. Desterro, 1881 - 1898.  
- Jornal A Regeneração. Desterro, 1881

## 2. FONTES SECUNDÁRIAS

- ALMEIDA, Rufino Porfirio. Um aspecto da Economia de Santa Catarina, A Industrialização do Mate. O Estudo da Cia Industrial. Florianópolis, UFSC, Dissertação de MSc, 1979. 248 p.
- ASTHON, T. S. A Revolução Industrial. 3ª ed., São Paulo, Coleção Saber, Publicações Europa-América, 1974 , 211 p.
- BAIROCH, Paul. Revolução Industrial e Subdesenvolvimento. 1 ed., São Paulo, Editora Brasiliense, 1974 , 255 p.
- CABRAL, Oswaldo. História de Santa Catarina. 2 ed., Rio de Janeiro, Editora Laudes, 1970, 458 p.

- CANO, Wilson. Raízes da Concentração Industrial em São Paulo. 1ª ed., São Paulo, Difel/Difusão Editorial S/A., 1977, 317 p.
- CHANDLER, Alfred. The Visible Hand. The Managerial Revolution in American Business. Massachusetts, Harvard University Press Cambridge, 1977, 608 p.
- CARDOSO, Fernando Henrique. Empresário Industrial e Desenvolvimento Econômico no Brasil. 2ª ed., São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1972, 324 p.
- CARONE, Edegard. O Centro Industrial do Rio de Janeiro e sua importante participação na Economia Nacional (1827 - 1977). 1ª ed., Rio de Janeiro, Editora Cêtedra, 1978, 196 p.
- \_\_\_\_\_. A primeira República (1889 - 1930). 3ª ed., São Paulo, Difel, 1976, 399 p.
- \_\_\_\_\_. O pensamento Industrial no Brasil (1880 - 1945). São Paulo, Difisel, 1977, 582 p.
- CASTRO, Antônio de Barros. 7 Ensaaios sobre a Economia brasileira. 3ª ed., Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1975, 2 v.
- CASTRO, Ana Célia. As Empresas Estrangeiras no Brasil (1860 - 1913). Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979, 142 p.
- COLOMBI, Luis Vendelino. Industrialização de Blumenau. O Desenvolvimento de Gebrüder Hering - 1880 - 1915. Florianópolis, UFSC, Dissertação de MSc, 1979, 136 p.

- CRUZ, Oder Lopes da. Análises de Relatórios Financeiros. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos Editora S/A., 1979, 134 p.
- DEAN, Warren. A Industrialização em São Paulo. 3ª ed., São Paulo, Difel, 1979, 269 p.
- DOBB, Maurice. A Evolução do Capitalismo. 6ª ed., São Paulo, Zahar Editores, 1977, 482 p.
- FINKES, Carlos. História de Joinville. 2ª ed., Joinville, Imprensa Ipiranga Ltda, 1965, 446 p.
- FURTADO, Celso. Formação Econômica do Brasil. 15ª ed., São Paulo, Editora Nacional, 1977, 248 p.
- GEBRAN, Philomena. Conceito de Modo de Produção. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978, 275 p.
- GEORGE, P. Os Grandes Mercados do Mundo. 3ª ed., São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1969, 124 p.
- HENDERSON, W. O. A Revolução Industrial (1780 - 1914). São Paulo, Editora Verbo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979, 219 p.
- HILLESHEIN, Anselmo A. O crescimento do mercado interno numa colônia do Império. O caso de Blumenau, 1850 - 1880. Florianópolis, UFSC, Dissertação MsC, 1979, 86 p.
- HOBBSBAWN, Eric J. En torno a los orígenes de la Revolución Industrial. 9ª ed., México, Siglo Veintiuno Editores, 1971, 114 p.
- \_\_\_\_\_. Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1968, 302 p.

- HUBNER, Laura Machado. O movimento do Porto de Nossa Senhora do Desterro no séc XIX. Florianópolis, UFSC, Dissertação MSc. 1979, 132 p.
- KOHLHEPP, Gerd. Industriegeographie des Nordostlichen Santa Catarina (Subbrasilien) Ein Beitrag zur Geographie eines deutschbrasilianischen Seindliengrgebietes. Heidelberg, In Selbstverlang des geographischen Instituts der Universität, 1968, 396 p.
- KILIAN, Frederico, Subsídios à Crônica de Blumenau, Blumenau em Cadernos XX, 2:37 (fev. 1979)
- LAGO, Paulo Fernando. Santa Catarina, a Terra, o Homem e a Economia. Florianópolis, UFSC Imprensa Universitária, 1965, 310 p.
- LIMA, Heitor Ferreira. História Político-Econômica e Industrial do Brasil. São Paulo, Brasiliana, 1976, 434 p.
- \_\_\_\_\_. História do Pensamento Econômico no Brasil. São Paulo, Brasiliana, 1976, 198 p.
- LUZ, Nícia Vilella. A Luta pela Industrialização do Brasil. 2ª ed., São Paulo, Alfa-Omega, 1976, 221 p.
- MAEDA, Luis Kuiti. Iniciação à Análise e Interpretação de Balanços. São Paulo, Editora Atlas S/A. 1979, 135 p.
- MANTOUX, Paul. La Revolucion Industrial. En el siglo XVIII. Madrid, Aguillar, 1962, 150 p.

- MAMIGONIAN, Armen. Estudo Geográfico das Industrias de Blumenau. Revista Brasileira de Geografia, Julho-Setembro de 1965. 481 p.
- MAURO, Frederic. História Economica Mundial.1790 - 1970. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1973, 506 p.
- MARTINS, José de Souza. O Cativoiro da Terra. São Paulo, Livraria Editôra de Ciências Humanas, 1979, 157 p.
- \_\_\_\_\_. O Conde Matarazzo. O empresário e a empresa. 29 ed., São Paulo, Hucitie, 1976, 121p.
- MOTTA, Fernando. Empresários e Hegemonia Política. São Paulo, Editora Brasiliense, 1979, 146 p.
- MONT'ALEGRE, Omer. O Capital e Capitalismo no Brasil. Rio de Janeiro, Expressão e Cultura, 1972, 437 p.
- ONDY, Oliver. A Inflação brasileira (1820 - 1958). Rio de Janeiro, 1960, 419 p.
- PAYNE, P. L. British Entrepreneurshep en the Nineteenth Century. Londres, The Anchor Press, 1977, 77 p.
- PELÁEZ, Carlos Manuel e SUZIGAN, Wilson. História Monetária do Brasil; análise política, comportamento e instituições monetárias. Rio de Janeiro, IPEA/INPES, 1967, 487 p.
- PEREIRA, José Carlos. Estrutura e Expansão da Industria em São Paulo. São Paulo, Editôra Nacional, 1967, 201 p.



- PEREIRA, Luis Carlos Bresser. Empresários e Administradores no Brasil. São Paulo, Editora Brasiliense, 1974, 239 p.
- PIAZZA, Walter Fernando. A Modernização e as Elites Emergentes: A Contribuição Alemã. Blumenau, Editado pela Fundação "Casa Dr. Blumenau" (separata da Revista "Blumenau em Cadernos", publicação nº 11), 1975, 46 p.
- PRADO, Caio Júnior. História Econômica do Brasil. 18ª ed., São Paulo, Editora Brasiliense, 1976, 364 p.
- RATTNER, Henrique. Industrialização e Concentração Econômica em São Paulo. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, Instituto de documentação, 1972, 211 p.
- ROCHA, Edgar Aquino. Princípios Econômicos. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1977, 382 p.
- SANTOS, Silvio Coelho dos. Nova História de Santa Catarina. Florianópolis, Edeme, 1974, 124 p.
- SINGER, Paul. Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana. (Análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife). 1ª ed., São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1974, 340 p.
- SODRÉ, Nelson Werneck. Formação Histórica do Brasil. 9ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976, 415 p.

- SUNKEL, O. Os conceitos de Desenvolvimento e Subdesenvolvimento. Rio de Janeiro, Forum Editora, 1974, 46 p.
- SHUMPETER, Joseph A. Teorias Econômicas de Marx a Keynes. Rio de Janeiro. Zahar Editora, 1970, 290 p.
- TAVARES, Maria da Conceição. Da Substituição de Importação ao Capitalismo Financeiro. 7ª ed., Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978, 263 p.
- THONSON, David. Pequena História do Mundo Contemporâneo. 3ª ed., Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1973, 197 p.
- ULYSSEA, Saul. Laguna de 1880. Florianópolis, Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 1943, 130 p.
- ULYSSEA, Rubens. Publicação Comemorativa do Centenário da Comarca de Laguna. 1856 - 1956. Porto Alegre, Estabelecimento Gráfico Santa Terezinha Ltda, 1956, 240 p.
- Vários Autores. Brasil em Perspectiva. 4ª ed., São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1973, 367 p.
- WRIGHT, Arnold. Impressões do Brasil no século XX. (sua história, seu povo, comércio, indústrias e recursos). Londres, Lloyd's - Greater Britain publishing Company Ltd, 1913, 2 vol.